

INOCENCIO/TOM 5/PAG. 97/4550

*

VIII + 290 + III + I BR + I + I BR

INOCEN. INDICA XII PAG.

EM PRIMEIRO, NESTE LIVRO
AS 4 PAG. QUE FALTAM, ENCONTAM

NO FIM *

COMPLETO

MUITO BOM ESTADO



CHRONICA DELREY D. PEDRO I.

Deste nome, e dos de Portugal o oitavo

COGNOMINADO O JUSTICEIRO.

Na forma em que a escreveu Fernão Lopes, primeiro Chronista Mór deste Reyno.

Copiada fielmente do seu original antigo, dada à luz, e accrescentada de novo delde o seu nascimento até ser Rey; e outras acçoens, e noticias de que seu Author não trata.

E offerecida

AO SERENISSIMO SENHOR INFANTE

D. PEDRO

PELO PADRE

JOZE' PEREIRA BAYAM.

Presbytero do Habito de São Pedro.



LISBOA,

Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da muito Augusta Rainha N. S. Anno 1760.

Com todas as licenças. necessarias.

Impressa à custa de João Freire Bello, morador ao pé da Igreja das Chagas aonde se vende; e no seu lugar junto à Patriarchal, defronte do Noviciado q foi dos PP. da Cõpanhia, aõde se acharaõ livros, e papeis impressos.

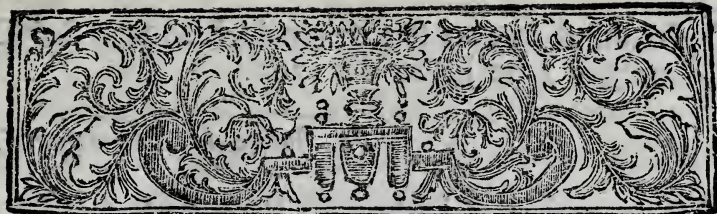
SERENISSIMO SENHOR.



*CRONICA do Senhor Rey D. Pedro I. do nome em Portugal busca o Real patrocínio de Vossa Alteza para si, e para quem zeloso, a publica de novo illustrada. Era ella a unica, que com a de seu filho D. Fernando, carecia deste beneficio, não sendo desmerecedoras delle; porque as q̃ Duarte Nunes de Leão imprimio no volume, em que comprehendeo as primeiras dez, he só huma de todas, como se prova da accõmodaçã de tantas em hum mediano corpo. Por esta razã, e porque o referido Author afeou as accões deste Principe, digno exemplar de muitas virtudes, só porque excedeo os termos cõmundos de algumas, julgando-o por Cruel, e dando occasiã à fama, que por tal o apregoa, devendo com mayor razã canonizal-lo de Justiceiro recto, como outro David, como se prova do conceito, q̃ delle fazem os homens Dou-
tos, me determiney a dalla à luz na mesma fór-*

ma em q̃a escreveo Fernão Lopes, antigo, e primeiro Chronista de Portugal, para q̃a pureza, e antiguidade da escriptura sirva de qualificada prova desta verdade; e para mayor certeza em credito deste Monarca, lbe fiz a illustração appensa, em q̃o Mundo pôde ver com quão pouca razão he censurado hum Principe, q̃ piamente consideramos na gloria. He tambem de grande utilidade a publicação desta Chronica neste tempo para facilitar as copias aos apuradores da Lusitana Historia, cujo beneficio se deve ao real zelo do Augustissimo Monarca, Rey, e Senhor nosso D. João V. pay de V. Alteza, tão grãde imitador deste seu ascēdēte na liberalidade, e inteireza de justiça, partes, q̃ fazem aos Principes amados, respeitados, e temidos. Tãobem V. Alteza nessa tẽra idade não dá pequenas mostras, e esperanças de q̃ hãde lograr Portugal neste tẽpo a felicidade, e grãdeza de animo dos Pedros, q̃ nelle houve. O zelo, q̃ me moveo a advogar pela boa fama deste antigo avó de V. Alteza, me incitou tãobem a dedicar lbe esta sua Historia; nem eu lbe podia dar Mecenas mais adquado, pois sêdo a de hũ Pedro Rey, a hũ Principe Pedro, seu descēdēte deve tocar a sua protecção. Esta espero de V. Alteza, para q̃ assim favorecido, possa animado continuar em servir a Patria. Deos guarde a Real Pessoa de V. Alteza para lustre deste Reyno, &c.

O Padre Jozè Pereira Bayão.



L I C E N C A S

do Santo Officio.

P Ode-se reimprimir o livro , de que se faz menção , e depois voltará conferido para se dar licença que corra , sem a qual não correrà. Lisboa no Paço de Palhavã 2 de Mayo de 1760.

Silva. Trigozo. Carvalho. Mello.

D O O R D I N A R I O .

P Ode-se reimprimir o livro de que trata a petição , e depois torne para se dar licença que corra. Lisboa 5 de Mayo de 1760.

D. J. Arceb.

D O P A Ç O .

Q U E se possa tornar a imprimir vistas as licenças do S. Officio , e Ordinario , e depois de empresso tornarà à Meza para se conferir , taxar , e dar licença para que corra , que sem ella não correrà. Lisboa 7 de Mayo de 1760.

Com quatro rubricas.

E Stà conforme ao seu original. Lisboa, São Domingos 7 de Julho de 1760.

Fr. Jorge da Encarnação.

P O'de correr. Lisboa no Paço de Palhavã 8 de Julho de 1760.

Trigozo. Sylveiro Lobo. Carvalho. Mello.

P O'de correr. Lisboa 10 de Julho de 1760.

D. J. Arceb.

Q UE possa correr, e tachão em trezentos e oitenta. Lisboa 12 de Julho de 1760.

Com duas rubricas.

INDEX DOS CAPITULOS, QUE se contém nesta Chronica, e seu Supplemento.

- C**ap. 1. Do reynado delRey D. Pedro de Portu-
gal, e das condiçoens que nelle havia, pag. 24.
- Cap. 2. Como ElRey de Castella mandou bulcar o cor-
po da Rainha Dona Maria, sua mãy, que estava em
Portugal, e da carta, que enviou a ElRey de Portu-
gal, seu tio, pag. 28.
- Cap. 3. Das cartas, que o Papa, e ElRey de Aragão
enviãrão a ElRey de Portugal, sobre a morte delRey
seu pay, pag. 31.
- Cap. 4. Da maneira que ElRey D. Pedro tinha nos de-
zembargos de sua casa, pag. 35.
- Cap. 5. De algumas couças, que ElRey D. Pedro orde-
nou por bem de Justiça, e em favor do seu povo, p. 38
- Cap. 6. Como ElRey mandou degolar dous criados seus
por roubarem, e matarem hum Judeo, pag. 43.
- Cap. 7. Como ElRey quizera meter hum Bispo a tor-
mento porque dormira com hũa mulher cazada. pag. 46
- Cap. 8. Como ElRey mandou capar hum seu Escudei-
ro, porque dormira com hũa mulher cazada, pag. 50.
- Cap. 9. Como ElRey mãdou queimar a mulher de Affon-
so André, e de outras justiças, que mandou fazer, p. 52
- Cap. 10. Do que ElRey passou com hũa mulher de Santa-
rem, que se lhe foy queixar a Evora da morte de seu
marido, pag. 57.
- Cap. 11. De outros casos notaveis de rigorozas justiças,
que ElRey D. Pedro mandou executar, pag. 59.
- Cap. 12. Como ElRey mandava matar o Almirante, e
da carta, que lhe enviou o Duque, e Comunidade
de Genova, rogando por elle, pag. 64.
- Cap. 13. Das moedas, que ElRey fez, e da valia do
ouro, e prata, naquelle tempo, pag. 66.

Cap.

- Cap. 14. Da maneira, que os Reys tinhaõ para fazer thesouro, e accrescentallo, pag. 69.
- Cap. 15. Porque via ElRey D. Pedro de Castella começou de ajuntar thesouro, pag. 73.
- Cap. 16. Como ElRey fez Conde, e armou Cavalleiro a João Affonso Tello, e da grande festa, q̃ lhe fez, p. 76.
- Cap. 17. Das avenças, que ElRey de Castella, e ElRey D. Pedro de Portugal firmarão entre si, e como ElRey de Portugal lhe prometeo de fazer ajuda contra Aragão, pag. 78.
- Cap. 18. De algumas pessoas, que ElRey D. Pedro de Castella mandou matar, e como calou com a Rainha Dona Branca, e a deixou, pag. 84.
- Cap. 19. Como se começou o desvairo entre ElRey D. Pedro de Castella, e o Conde D. Henrique, seu irmão, e qual foy o azo, porque o Conde se foy fóra do Reyno, pag. 91.
- Cap. 20. Como, e por qual azo se começou a guerra entre Castella, e Aragão, pag. 101.
- Cap. 21. Como ElRey de Castella entrou por Aragão, e das cousas que fez em este anno, pag. 104.
- Cap. 22. Como ElRey D. Pedro fez matar o Mestre de Santiago, D. Fadrique, seu irmão no Alcacere de Sevilha, e outros Cavalleiros, pag. 106.
- Cap. 23. Como ElRey partio de Sevilha para tomar D. Tello, seu irmão para o matar, e como matou o Infante D. João seu primo, pag. 111.
- Cap. 24. Como foy quebrada a tregoa de hũ anno, que havia entre os Reys, e como ElRey Dom Pedro ajuntou armada para fazer guerra a Aragão, pag. 114.
- Cap. 25. Como veyo o Cardeal de Bolonha para fazer paz entre ElRey de Castella, e ElRey de Aragão, e os não pôde pôr de acordo, pag. 117.
- Cap. 26. Como ElRey de Castella enviou pedir ajuda de galès a ElRey de Portugal, e como partio com sua Frota por fazer guerra a Aragão, pag. 122.



POR LOGO NOVO AO LEYTOR,

ou Discurso historico sobre os Authores, e
Choronistas antigas de Portugal.

VENDO interrompida, e parada ha annos a impressão de todas as Chronicas deste Reyno, e Reys antigos de Portugal, tão prometida, e dezejada, e os Leytores fuspensos, e sentidos com esta falta, pela necessidade, que ha dellas, e util conveniencia, que da sua publicação redunda; e considerando-a quasi impossibilitada pela grande despeza, que traz annexa, determiney fahir à luz com esta delRey D. Pedro I. assim porque com ella se continuaõ as mais por ordem recta, pois todas as antecedentes estaõ já impressas na forma, em que primeiro foraõ escritas pelos Chronistas

A

nistas Duarte Galvão, e Ruy de Pina, com õs defeitos de diminutas, e mal limadas, o q̃ remediáraõ já os Authores da Monarquia Lusitana, illustrando as com toda a exacção; como porq̃ sendo a deste Rey muy appetecida pelas acções, e rigor de suas justiças, he o de quẽ tinhamos menos noticia, pois o q̃ se acha d'elle em Duarte Nunes de Leão he muy summario, em Mariz, Garibay, e Marianna hum breve compendio; e o q̃ mais he de considerar, a Monarquia truncada nesta parte. Estas razões me forçaraõ a fahir com ella na fórma, em que a escreveo Fernão Lopes, Author de todas as Chronicas dos Reys de Portugal até D. Duarte, e naõ Ruy de Pina, como muitos imaginaõ, e muito menos Duarte Galvão, como a alguns se figurou sem fundamento. E leva sô de novo a mudança de alguma syllaba, ou letra, q̃ naquelle tẽpo era elegancia, e hoje se estranha, ou senaõ explica, como sãõ: *Guiza*, por *Maneira*, *Modo* ou *Sorte*. *Leixar*, por *Deixar*; *Prol*, por *Qualidade*, ou *Louvor*; *Empacho*, por *Vergonha*, *Manhas*, por *Partes*, ou *Costumes*; *Lédo*, por *Alegre*; *Ledice*, por *Alegria*, *Contentamento*; *Hũ*, por *Onde*; *Trigança*, por *Preça*, ou *Diligencia*; *Prasmo*, por *Calunnia*, ou *Admiração*, &c. *Averes*, por *Fazendas*, ou *Riquezas*; *Azo* por *Conveniente*, *Occasião*,

fião, Causa, Via; Lidimo, por Ligitimo; Sanha por Ira; Senbos, por Certos; Avêo, por Succedeo, &c. E quasi todas as sylabas em *aõ* escritas em *om*, assim como, *coraçom, non, razom, contradiçom, &c.* Nem por esta troca de letras se deve entender que se offende a veneranda antiguidade, tão estimada dos curiosos para corroboração da verdade; porque isto não he viciar, nem alterar o contexto; mas aclarar algumas palavras para a precessão, e intelligencia dos menos versados nos estylos antigos, julgados hoje por grossarias, e toscuras; e se alguma palavra, ou syllaba repito, ou accrescento por ser preciso para melhor intelligencia da Historia, vão todas de letra differente para q̃ se conheçaõ quaes são, e senão faça caso dellas quando se quizer allegar o texto puro, conforme o uso antigo.

Foy Fernão Lopes fugeito de grande authoridade, letras, e talento, como affirma Gomes Eannes de Azurara na Chronica da tomada de Ceuta, ou terceira parte da delRey D. João I. que foy seu contemporaneo, e o tratou, e conheceo muito bem; e se prova da qualidade dos grandes cargos, que servio, pois foy Escrivão da Puridade do Infante Santo D. Fernando, Mestre da Milicia de Aviz, filho do ditto Rey, e Chronista Mor deste Reyno,

escolhido para isso, e para Guarda Mór da Torre do Tombo, Thesouro das Escrituras Reaes, pela prudente ponderação do eloquente Rey D. Duarte, filho herdeiro do mesmo Rey D. João, ainda em vida de seu pay, que lhe mandou escrever todas as Chronicas, e vidas dos Reys passados, seus Ascendentes; para o que o ajudou muito, mandando-lhe patentear todos os Cartorios, e Escrituras deste Reyno, e ainda vir muitas de Castella, pela coherencia, que entre si tem a Historia destas duas Monarquias, como tão visinhas, e confinantes; e sempre ou aliadas com reciproca amizade, ou emulas contendendo com as armas; o qual pela grandeza da obra, e difficuldades, que encontrou, achando-a já muy escurecida pela muita antiguidade, e falta de noticias, gastou muitos annos correndo o Reyno, e informando-se do que havia de escrever, e em fim quando morreo no anno de 1449. reinando já D. Affonso V. chegava já com aditta Historia geral aos ultimos annos del Rey D. João I. ainda que Damiaõ de Goes quer que passasse adiante, e escrevesse tambem a Chronica do mesmo Rey D. Duarte, seu filho, e successor, e motor desta grande obra; o que não creyo, nem o consente o ditto Gomes Eannes, que escreveo (como já disse) a tomada de Ceuta pelo mesmo
Rey

Rey D. João, em cuja Historia affirma, que o ditto Fernão Lopes não pudèra chegar com a sua, mais que até esta empreza; nem he de presumir, que elle passasse adiante deixando-a por escrever, sendo parte tão effencial; o qual por este grande trabalho tinha assentamêto de tença na Portagem de Lisboa para sua sustentação.

Morto Fernão Lopes, sabendo ElRey D. Affonso V. que a importantissima obra das Chronicas não ficara acabada, herdando, com o Reyno, o zelo, e curiosidade de seu pay, a mandou proseguir pelo Licenciado Gomes Eannes de Azurara, Dezembargador da Casa do Civel como consta da sua Chronica cap. 5o grande Letrado, e de mayor talento, e melhor estyllo, que Fernão Lopes, como se prova dos seus escritos; ao qual succedendo no cargo de Chronista, e Guarda Mór da mesma Torre, acabou a Chronica del-Rey D. João, escreveu a de D. Duarte, e principiou a do mesmo D. Affonso V. e passando a Africa por ordem do mesmo Rey para se informar pessoalmente, e com toda a averiguação dos feitos, e acçoens dos nossos naquella nossa Conquista, escreveu hũa Chronica do Conde D. Pedro I. Cappitaõ, e Governador da Praça de Ceuta, e outrado Conde D. Duarte, seu filho, primeiro Cappitaõ Mór de Alcacere, q̃ agora estão també

pa-

para fahir de novo à luz em beneficio da Republica litteraria, e credito da Nação Portugueza.

E ElRey não fatisfeito com isto, tanto foy o zelo, que teve de illustrar a Patria, e perpetuar a memoria de seus Ascendentes, que mandou vir de Italia a Frey Justo, Religioso Dominico, para lhas verter em Latim; porque desta forte entendia conseguir melhor intento, pelo que o fez Bispo de Ceuta, e lhe mandou entregar os Originaes. Estando pois o ditto Bispo na Villa de Almada, que està defronte de Lisboa da parte dalèm do Tejo, escrevendo o primeiro Tomo desta obra, morreo de peste, e com elle o mesmo Livro feito, e por fazer, que continha as Chronicas do Conde D. Henrique, e dos sette Reys primeiros até D. Affonso IV. desencaminhando-se, ou sumindo-se por sua morte em poder de seus criados, que não fouberaõ estimar joya de tanto valor, q̃ custou tantos fuores; e seria permissaõ Divina em castigo do labéo, que ElRey punha a seus vassallos, mostrando q̃ não tinha entre elles hũ que fosse capaz de compôr em Latim a Historia do Reyno, por onde necessitava de valer-se de Escriitor de fôra, sendo certo, que tinha cá muitos, e taõ excellentes, como depois se vio, e experimentou no Cicero Portuguez Jeronymo Ozorio, Bispo de Sylves, quando escreveo com

tan-

tanta ventagem no mesmo tempo, e a mesma materia, q̃ escrevia o Padre Maseo, chamado tambem de Italia para isso. Assim houvera favores, como não faltaõ Escritores; mas estes, q̃ deviaõ ser os mais estimados, são os menos favorecidos. O certo he, q̃ procede isto da inclinação Portugueza, desestimadora das Artes proprias, ainda q̃ sublimes, e affeição das estranhas, posto que inferiores, como estamos experimentando. Escapáraõ (tal vez por milagre) as delRey D. Pedro por diante, q̃ ainda não deviaõ estar em seu poder. Morto este Bispo, não sabemos, q̃ se tratasse mais desta materia, posto q̃ era D. Affonso tão curioso, que foy o primeiro Rey de Portugal, q̃ fez Livraria no Paço; e a causa seria tal vez porque sobrevieraõ depois tantos cuidados ao Reyno, q̃ mal poderia ElRey attender a este, nem seu filho ElRey D. Joaõ II. teve tão larga vida, e descanço, q̃ se pudesse lembrar disso; ainda q̃ parece lhe não passou de todo por alto, como logo se verá.

Porẽm chegado o tempo do felicissimo Rey D. Manoel, seu primo, e successor, ainda q̃ não entrou a reynar com o pensamento menos applicado a outros mayores intentos, com tudo, sabendo q̃ as Memorias dos seus gloriosos Ascendentes estavaõ quasi todas por escrever, e q̃ com

a grandeza dos novos Descubrimentos, e Conquistas de Africa, Azia, e America, se virião a escurecer de todo, e a apagar das lembranças, não sendo merecedoras disso, ordenou a Duarte Galvão, Cavalheyro Fidalgo de sua Casa, filho de Ruy Galvão, Secretario del Rey D. Affonso V. que escrevesse todas as Chronicas dos Reys antigos, que faltassem.

Elle q̃ sem esta ordem, estava já dantes obrigado a isto, pois era Chronista Mór do Reyno por data de seu Irmaõ D. Joaõ Galvão, Bispo de Coimbra, primeiro Conde de Arganil, e Prior Mór do Real Mosteiro de Santa Cruz da mesma Cidade, a cujos Priores Claustreiros tirou este Officio, nos quaes estava o de fazer os appontamentos, e lembranças das cousas notaveis deste Reyno, desde o tempo do Santo Rey D. Affonso Henriques, que lhe deu cargo disso por hũa Provisão, que se guarda no Cartorio d'elle, por virtude do qual cargo se tinhão feito grandes Manuscritos até aquelle tẽpo, em que lhe foy tirado; sobre o que houve grande repugnancia por parte da Casa, e não valeo, porque entendendo interveyo o consentimento, e approvação del Rey, em que se firmou a vontade do Prior Mór, a quem era muito aceito. Resultando daquital desgosto, que não só deixáráõ de escrever as dittas Memorias, mas
pu-

puzeraõ taõ pouco cuidado na guarda dos livros das que estavaõ feitas, que se vieraõ a perder, desaparecendo do Cartorio alguns annos depois, donde os tirou hum famaliar do Convento, e os foy vender a quem os naõ soube aproveitar; e assim se perdeu este inestimavel thesouro de noticias, perda irremediavel, e sem comparaçaõ lastimosa para quem bem sabe sintilla, e conhecer o subido do seu valor, e falta grave, que agora faz á Historia deste Reyno.

Destes documentos se aproveitou sem duvida Fernaõ Lopes, e o mesmo Duarte Galvaõ, como bem daõ ambos a entender em seus Escritos, allegando a outros Escritores mais antigos, sem declarar quem elles fossem, devendo ser-lhes gratos, como a luzes, que os encaminharaõ, cujos lugares desta Chronica de que isto se prova finaley na margem para satisfacaõ dos especulativos. Escreveo pois Duarte Galvaõ naõ mais q̃ a Chronica do grande Rey D. Affonso Henriques, com tanta negligencia, e descuido, que bem mostra nella ser pouco curioso, e a pouca vontade, com que a devia fazer, e que foy só por naõ desgostar a quem o mandava; e naõ dando mais hum só passo adiante, coube a sorte de continuar, com mayor felicidade, a Ruy de Pina, a quem o dito Rey o encarregou, e para o que elle (dizem) se lhe offere-

B

ceo,

ceo, vindo a isso da Cidade da Guarda, sabendo que ElRey estava desgostado pela falta de noticias, e escusa, que lhe dera Duarte Galvão, como o mesmo Ruy de Pina dà a entender no seu Prologo geral, posto na delRey Dom Sancho I. o qual lhe deu melhor cumprimento, com grande gosto delRey; porque tinha huns fragmentos das antigas de Fernão Lopes, que houve, por ordem delRey D. João II. de Fernão Novaes, nobre Cidadão do Porto, de que infiro, q̃ tinha este perfeito Principe o mesmo intento de as mandar escrever; com os quaes, e de Chronicas de Castella, Escrituras da Torre do Tombo, de que se lhe deu cargo, e outras Lembranças mais como elle confessa no dito Prologo, formou as q̃ faltavaõ, que eraõ as delRey D. Sancho I. D. Affonso II. D. Sancho II. D. Affonso III. D. Diniz, e D. Affonso IV. para as quaes já sennaõ pode valer, nem aproveitar das Memorias de Santa Cruz, porque já tinhaõ desaparecido; por onde, ainda que as inteirou, e poz em melhor fórma, e estylo, não puderaõ escapar de muito breves, diminutas, defeituosas, e confusas, por falta de diligencia, querendo vencer tempo, que se puzera mais cuidado elle, e seu antecessor ao menos na Torre do Tombo, de q̃ tinhaõ cargo, ellas sahiraõ mais completas, e apuradas, como depois reconhecerãõ

nheceraõ todos os q̃ niffo fizeraõ algum exame, e o mostraraõ, e prováraõ claramente os Authores da Monarquia Lusitana; e elles naõ incorreriaõ na nota de negligentes, de que agora são accusados. Pouco attenderaõ ao seu credito. Deviaõ de imaginar, que naõ haveria mais que descobrir na materia; ou que escreviaõ para alguns insensatos, que se accõmodassem com os seus Escritos, tendo-os por muito certos, sem fazerem mais exame, nem diligencia por apurar a verdade, e ver se era assim o q̃ diziaõ; succedendo tanto ao contrario, que (apurando-se os juizos) se foraõ logo descubrendo os seus descuidos, e reconhecendo sua negligencia.

E com tudo isso elles o avaliáraõ por muito grande trabalho, e por tal o encarecem em seus Prologos, dirigidos ao mesmo Rey D. Manoel. Porém naõ se lhes póde negar algum louvor, q̃ por elle merecem, pois as ordenáraõ, e formáraõ assim como pudêrão, e entendêrão; posto que o devessem fazer por força, e obrigação do seu officio de Chronistas Mõres do Reyno; porque com todos os defeitos, que nellas se reconhecem, sempre servem da utilidade, que os Douctos sabem, pois são como luzes para evitar o engano, vidro, que manifesta o que recolhe, e dá juntamente a conhecer as suas manchas, ou

tambem estímulos para investigar mayores noticias, e apurar, com estes motivos, melhor a verdade; e com estes toscos materiaes formar melhor edificio, como se tem feito.

Remediada assim esta falta ficou ElRey D. Manoel satisfeito, e elles muito mais com as mercès que por isso lhe fez. Os annos em que escreveraõ, que tambem he util saberse, foraõ: Fernaõ Lopes acabou de escrever, morrendo, no anno de 1449. como está visto. No mesmo anno principiou Gomes Eannes de Azurara. Duarte Galvaõ no de 1505. e Ruy de Pina no de 1513. como de seus Escritores se mostra; prova, que excede a todas.

Varios são os juizos, que se tem feito sobre estas Chronicas, e seus Authores. Damiaõ de Goes contemporaneo dos segundos, e muito comperto dos primeiros, prova no cap. 38. da quarta Parte da Chronica delRey D. Manoel, que Fernaõ Lopes, Guarda Mór da Torre do Tombo, escreveu todas as Chronicas do Reyno atè Affonso V. E posto que traz hum grave documento, que mostra como se perderaõ em poder do Bispo de Ceuta Dom Justo, e que Ruy de Pina as tornou a escrever depois; com tudo elle mesmo o põem em duvida, allegando que o estylo dellas he

he muy differente do de Ruy de Pina, e dà a entender, que tudo he de Fernão Lopes, tocado, ou trasladado pelo dito Pina. Isto he quanto às de D. Sancho I. atè D. Affonso IV. e o mesmo aconteceria com a del Rey D. Affonso Hêriques, que de novo escreveo Duarte Galvão, como elle diz; que no que toca às de D. Pedro, D. Fernando, e D. João I. não hà duvida, que he obra existente, e propria da mão de Fernão Lopes; e ainda quer o mesmo Goes, que o seja tambem a de D. Duarte, e que Gomes Eannes a augmentasse, confessando porèm, que Ruy de Pina a concertàra, e a de D. Affonso V. e fizera toda a de Dom João II. e grande parte da de Dom Manoel.

Manoel de Faria e Sousa diz o mesmo no Epitome das Historias Portuguezas, e accrescenta que chegàra Fernão Lopes com a sua escrita atè Affonso V. mas que perdidas suas obras fora como se as não houvesse escrito; e ficàra sendo o assumpto de Ruy de Pina, e Duarte Galvão, (melhor puzera o segundo como mais antigo, em primeiro lugar) e já antes tinha dito isto mesmo; mas que nas Chronicas desde D. Sancho I. atè Dom Duarte se entende que hà pedaços das de Fernão Lopes; e o mesmo repete na Europa Portugueza. Porèm
no

no primeiro Tomo da Asia se contradiz, ou se reporta, dizendo, que se tem por certo que se perdèram as mais dellas; mas que permanecem Historias de todos aquelles Principes sem nome de Author, que se entende são deste. Allega mais com dez Chronicas, escritas por Duarte Galvão até D. Fernando, e he allegação falsa; porque se sabe de certo, e se prova de Ruy de Pina, e Damião de Goes que não escreveo mais, que a do primeiro Rey; e essa com tanta negligencia, que a ninguem contentou, e diz Goes ser nella mais breve, que em algumas Cartas de suas Embayxadas. E se he certo, que elle dito Faria as tinha, como diz, seriaõ de outro Author, trasladadas em seu nome, e viciadas na frase, por onde pareceriaõ suas, ou citará a allegação de Garibay. E assim vay apontando outras até D. Manoel, escritas todas por Pina, com cuja abundancia de Chronicas desmente muito a penuria, que antes tinha affirmado, que em Portugal havia dellas. De todas diz, que as melhores em estylo, e em ordem são as de Ruy de Pina, e a de D. João I. por Fernão Lopes, ao qual só esta lhe dà expressamente, e não se lembra no Catalogo, q̃ faz de todas, das q̃ compoz Gomes Eannes de Azurara. A verdade he o q̃ fica dito, q̃ Fernão Lopes com-
poz

poz todas as Chronicas de Portugal até D. Duarte, e perdidas as primeiras até D. Affonso IV. as tornàraõ a compôr de novo, Duarte Galvaõ a primeira, e Ruy de Pina as seguintes até o dito Rey D. Affonso IV. porq̃ as mais permaneciaõ, escritas por seu primeiro Author. Assim o confessa o mesmo Pina no seu Prologo geral para todas, posto na de D. Sancho I. e em muitos lugares dellas, principalmente na de D. Affonso IV. cap. 61. e 64. &c. Tudo isto quiz mostrar para que veja o Leytor a sem razã dos que tem roubado a Fernão Lopes o louvor de taõ grande trabalho, merecendo-o elle muy subido, ao menos pelas que permanecem, que sãõ esta del Rey D. Pedro, e a de D. Fernando, e D. Joãõ I. que sãõ as que temos mais extensas, como quem bebo a agua mais clara, e perto da sua fonte; e lho estam ainda hoje negando, attribuindo-as todas a Ruy de Pina, confessando elle mesmo, que nam escrevera estas, nem estando em seu nome os Originaes, que se guardam na Torre do Tombo, mas a causa procedeo, delle nam declarar (como devia) quem as tinha escrito. Nellas se acha hum estylo commum, e huma conformidade igual, e muitas provas de que seu Author Fernam Lopes o foy de todas as outras precedentes. E se o Conego Gaspar Estaçõ, diligentissimo Anquario

quario se admira muito de que Duarte Galvam diga que fez de novo a delRey D. Affonso Henriques, por saber que Lopes fora o Author della, com quanta mais razam devia escandalizar-se de que se lhe tirasse a gloria, e negasse o agradecimento de o ser destas tam conhecido, e se desfe tam liberalmente aquem o nam foy, nem o mereceo, e de que haja ainda hoje quem nam as cite em seu nome, constituindo-se defensor do credito dos mortos, etendo já Goes provado que são suas? Muito mais me admiro eu do juiso, que destes Authores vejo que outros fazem; porque João de Barros chama a Duarte Galvão apurador da Chronica delRey D. Affonso Henriques, tirando-a da lingoagem antiga, em que estava escrita; e hum Continuador da Monarquia Lusitana, depois de mostrar com brevidade o mesmo, que fica dito, conclue dizendo assim: *E a meu parecer, pelo que tenbolido, Fernão Lopes cavou, e colheo; Ruy de Pina leo, e seguiu; Duarte Galvão polio, e ornou.* E pouco antes tinha dito que escrevêraõ ambos em tempo delRey D. João III. sendo tudo tanto pelo contrario, como já se mostrou, e se prova de seus mesmos Escritos, dirigidos a ElRey D. Manoel, por cuja ordem escreveraõ em seu reynado Galvão logo no principio delle, e Pina pouco depois

pois de meado ; Escritos taõ diversos , que mal podia hum seguir ao outro em materia differente , e muito menos o mais antigo ao posterior ; e no estylo com tanta differença , do que se aponta , que antes Ruy de Pina he o que nisto se esmerou mais ; e o que Duarte Galvão escreveo se reconhece muito mais tosco , e indigesto , que o que existe de Fernão Lopes , sendo este tanto mais antigo , que elle , como està visto. Pelo que não sey que pureza , ou adorno , ou que melhor forma elle désse á Chronica , que escreveo ? Antes se acha necessitada de todas aquellas circumstancias , que pedia a gravidade de hum tal Historia ; por onde tiveraõ mais razão os que lhe chamaõ : *Recopilante* , e *Abreviador*. Tenha-se pois por sem duvida , que o Author desta del Rey D. Pedro , como das duas seguintes foy Fernão Lopes , fugeito , que mereceo fiar d'elle El Rey D. Duarte a guarda das Escrituras Reaes , e encarregarlhe a Historia do Reyno ; e não Ruy de Pina , como imaginou Mariz , Faria , Barbosa , e atègora se presumia ; a qual se publica agora na forma , e pelas razoes acima declaradas , e em volume de corpo pequeno , para se communicar a todos , como já fizeraõ alguns com outras semelhantes , e tambem por ser pouca a materia para corpo agigantado ,

refervando a de folha para quem tomou effe encargo.

E porque fahе defunida das mais, de que muitos não tem noticia, nem as chegarão a ver, quiz accrescentar aqui tudo o que pertence a este Rey, e se acha divizo por ellas, como he o feu nascimento, criação, cazamentos, e os mais successos até ser Rey, e outros depois de o ser, e de seus filhos, sua resurreição, e outros, de que o Author não trata; para beneficio do Leytor, que quiz tivesse aqui tudo junto, o que toca a este Rey, como o achará adiante no fim da mesma Chronica. Agradeção-me os curiosos o beneficio, e zelo de lhes manifestar memorias, e facilitar noticias para o gosto, e recreyo; e para seus altos pensamentos.

Não foy esta Chronica só a que intentey illustrar; a todas o dezejey fazer até ElRey D. Fernando; e principiando pela primeira do grande Rey D. Affonso Henriques a illustrey de forte, que lhe excedi o corpo antigo, nem podia ser menos, pelas diminuições, que nella há, com menos credito daquelle santo Monarca: mas isso mesmo foy causa de ficar o meu (não pouco) trabalho perdido; e ao Leytor frustrado este bem, sendo desestimado de alguns pouco affectos, e menos gratos ao meu zelo,

lo, e regeitado por quem se tinha encarregado da impressão dellas; porém não perco as esperanças de o vir a executar ainda (se Deos for servido) pela grande necessidade, que disso tem todas, pois tão negligentemente estão escritas, e nellas tratadas as acçoens de tão insignes Principes, como foraõ todos os nossos Lusitanos, do que são boas testemunhas todos os curiosos, que as tem visto, e Barros, e Goes sentidos o manifestaõ.

Ultimamente advirto que os annos, de que usa o Chronista, são Era de Cezar, pela qual então se governavaõ, que levava 38 de excessso ao anno de nosso Senhor Jesu Christo, do qual mandou usar ElRey D. Joaõ I. E quem quizer saber que anno era, tire-lhe os 38 e os que ficarem são os annos de Christo. Tambem advirto que as notas, que acima prometti de fazer na margem, vão recolhidas dentro na pagina, e sinalladas com * por se não poderem accommodar fõra. E as palavras, que prometti differençar, vão metidas entre Parentesis, por se não confundirem com outros termos da Historia.

VALE.



CHRONICA DELREY D. PEDRO

deste nome o primeiro, e dos Reys de Portugal o oytavo.

Escrita por Fernão Lopes, Escrivão da puridade do Infante santo D. Fernando, seu neto.

PROLOGO.



DEIXADOS os modos, e defenções da Justiça, que por desvairadas maneiras muitos em seus Livros escrevem, fomite daquella, para que o real poder foy estabelecido, q̃ he por serem os mãos castigados, e os bons viverem em paz, he nossa tenção neste Prologo muy curtamente falar, não como buscador de novas razoens por propria invenção achadas, mas como ajuntadas em hum breve mólho dos ditos dalguns, que nos

con-

contentáraõ, a huma por esperar os q̃ ouvirem q̃ entendaõ parte do q̃ falar a Historia, outra por seguirmos inteiramente a ordem do nosso razoado no primeiro Prologo já trazida. * E por quãto El-Rey D. Pedro, cujo reinado se segue, usou da justiça, de q̃ a Deos mais apraz, q̃ outra cousa algũa boa, q̃ o Rey possa fazer, segundo os Sãtos escrevem, e alguns dezejaõ saber q̃ virtude he esta; e pois he necessaria ao Rey, se o he assim ao povo, vós naquelle estylo, q̃ simplesmente o achamos, o podeis ler por esta maneira.

Justa he huma virtude, q̃ he chamada toda virtude, assim q̃ qualquer, q̃ he justo, este cumpre toda virtude; porque a justiça assim como a Ley de Deos defende, que: *Naõ mateis; Naõ fornicueis; Naõ furteis, &c.* e guardando isto se cumpre a virtude da Caridade, Castidade, &c. assim podeis entender dos outros vicios, e virtudes. Esta virtude he muy necessaria ao Rey; e assim mesmo aos seus subditos, e vassallos; e porque havendo no Rey virtude de Justiça, fará Leys porq̃ todos vivaõ directamente, e em paz, e os seus vassallos, sendo justos, cumprião as Leys, q̃ elle puzer, e cumprindo-as naõ farão cousa injusta contra algum: e tal virtude como esta pôde cada hum ganhar por obra de bom entendimento; e às vezes nascem alguns assim naturalmente a ella dispostos,

tos, que com grande zelo a executaõ, posto que a alguns vicios sejaõ inclinados: e a razaõ, porq̃ esta virtude he necessaria nos sobreditos, he por cumprirem as Leys do Principe, q̃ sempre devem fer ordenadas para todo o bem.

E quem taes Leys cumprir, sempre bem obra-rá; porque as Leys saõ regra do que os subditos haõ de fazer, e saõ chamadas: *Principe não ani-mado*, porque ellas répresentãõ com vozes mor-tas o q̃ ElRey diz por sua voz viva; e assim a jus-tiça he muito necessaria assim no povo, como no Rey; porq̃ sem ella nenhuma Cidade, nem Rey-no pôde estar em affocego. Assim que o Reyno, onde todo o povo he mào, não pôde permanecer muito tempo; porq̃ assim como a alma aviventa o corpo, e apartando-se d'elle, perde o corpo o alento, e morre, assim a Justiça aviventa, e segura os Reynos, e apartando-se delles perecem de todo.

Ora se a virtude da justiça he necessaria ao povo, muito mais o he ao Rey, porq̃ se a Ley he regra do que se há de fazer, muito mais o deve ser o Rey, q̃ a põe, e o Juiz, q̃ a há de exercitar; por que a Ley he Principe sem alma, como acima di-femos; e o Principe he Ley, e regra da Justiça com alma, pois quanto a cousa com alma tem melhoria sobre outra sem alma, isto he sem vida, tanto o Rey deve ter excellencia sobre as Leys, porq̃ o Rey deve

deve ser de tanta justiça, e direito, que compridamente dê às Leys a execução. D'outra maneira mostrar-se-hia o seu Reyno cheyo de boas Leis, e mãos costumes, que seria cousa torpe de ver; e pois duvidar se El Rey hà de ser justiçaoso, não he outra cousa se não duvidar-se a regra há de ser direita, a qual sem direitura desfalece, e nenhuma cousa direita se pode por ella fazer.

Outra razão, porq̃ a justiça he muy necessaria ao Rey, assim he q̃ porq̃ a Justiça não sómente aformosenta, e adorna os Reys de virtude corporal, mas ainda espiritual; pois quanto a fermosura do espirito tem a vantagem da do corpo, tanto a justiça em o Rey he mais necessaria, q̃ outra fermosura.

A terceira razão se mostra da perfeição da bondade, porq̃ então dizemos algũa cousa ser perfeita, quando fazer pôde algũa semelhante a si, e por tanto se chama hũa cousa boa, quando sua bondade se pôde estender a outros, ao menos se quer por exemplo, então se mostra por pratica quãdo cada hũ he bom, quãdo he posto em senhorio, e com razão convem aos Reys serem justiçaosos a todos os seus subditos para lhe poder vir bem, e a nenhum o contrario; trabalhando q̃ a Justiça seja guardada não sómente aos naturaes de seu Reyno, mas ainda aos de fóra d'elle, porque negada a Jus-

Justiça a alguma pessoa, grande injuria he feita ao Principe, e a toda a sua terra. E desta virtude da Justiça, que poucos acha que a queiraõ por hospeda, posto q̃ Rainha, e Senhora seja das outras virtudes, segundo diz Tulio, usou muito ElRey D. Pedro conforme podem ver os q̃ dezejaõ de o saber, lendo a sua Historia. E pois q̃ elle com bom zelo por natural inclinação refreou os males regendo bem seu Reyno, ainda que outras minguas por elle passassem, de que pendeça podia fazer, de cudar he q̃ alcançou o galardão da Justiça, cuja folha, e fructo he honrada fama neste Mundo, e perduravel descanso no outro.

C A P I T U L O I.

*Doreynado delRey D. Pedro de Portugal, e das
condiçoens, que nelle havia*

MOrto ElRey Dõm Affõso, reinou seu filho o Infante D. Pedro, tendo entãõ de sua idade trinta e sete annos, hum mez, e dezoito dias; e porque dos filhos, q̃ houve, e de quem, e por q̃ modo, cumpridamente havemos falado, * naõ cumpre aqui tratar mais disso; mas dos costumes, condiçoens, e estados de cada hum diremos adiante, muito brevemente onde convier falar de suas accções.

Este Rey D. Pedro era muito gago, e foy sempre grande Caçador, e Monteiro em tempo de Infante; e depois que foi Rey, trazendo grande Casa de Caçadores, e Moços de Monte, e d'aves, e cães de todas as maneiras, que para taes jogos, (divertimentos) eraõ pertencentes; era muito viandeiro sem fer comedor mais que outro homem, e suas salas eraõ de praça em todos os lugares, por onde andava, fartas de vianda, e grande abastança. (Isto he, que gostava de que à sua menza viessem muitas, e varias iguarias; porèm que no gasto dellas não era demasiado; e que a tal menza era publica, franca, e abastada.) Elle foy grande Criador de Fidalgos de Linhagem, porque naquelle tempo não se costumava ser vassallo senão filho, neto, ou bisneto de Fidalgo de Linhagem, e por usança haviaõ entã a quantia, que agora chamaõ maravediz, dar-se no berço logo que o filho do Fidalgo nascia, e não a outro algum.

Este Rey accrescentou muito nas quâtias dos Fidalgos depois da morte del Rey seu pay, porque não embargando que El Rey Dom Affonso fosse cumprido de ardimento em muitas bondades, chamàraõ-no porèm descaço, e apertamento de grandeza; (foy notado de apertado de mãos.) E El Rey D. Pedro era muito liberal, e

alegre em dar de sorte que muitas vezes dizia que lhe afrouxassem o sinto, que então usavaõ muito apertado, para que se lhe alargasse o corpo para mais facilmente poder dar, dizendo: *Que o dia em que o Rey não dava alguma cousa, não havia de ser havido por tal.* Era ajuda de bom desembargo aos que lhe requeriaõ bem, e mercê, e tal ordenança tinha nisto, que nenhum era detido em sua Casa por cousa, que lhe requerece. Amava a Justiça, e era muito amigo de a fazer com direito, e assim como quem faz correição, andava pelo Reyno, ouvindo os queixosos, e despachando os requerentes, e visitada hum a parte não lhe esquecia de hir logo ver outra, de sorte que poucas vezes acabava hum mez em cada lugar de estada.

Foy muito mantedor de suas Leys, e grande executor de suas sentenças julgadas, cuidava muito quanto podia de as gentes não serem gastadas por azo de demandas, e prolongados preitos; e se a Escriitura affirma que por o Rey não fazer justiça vem as tempestades, e tribulaçoens sobre o povo, não se pôde assim dizer deste; porque não achamos em quanto reynou que a nenhum perdoasse morte de algũa pessoa, nem que a merecesse por outra via, nem lha mudasse em tal pena, porq̃ pudessem escapar a vida, a
toda

toda a gente era galardoador dos serviços, que lhe fizessem, e não só dos que lhe faziaõ a elle, mas dos que haviaõ feito a seu pay, e nunca tolheo nenhuma cousa, que seu pay lhe desse, mas mantinha - a, e accrescentava em ella.

Este Rey não quiz mais cazar depois da morte de Dona Ignez, em quanto foi Infante, nem depois que reynou lhe aprouve receber mulher; mas houve amigas, com que dormio, e de nenhuma teve filhos, salvo de hum Dona natural de Galiza, que chamavaõ Dona Tareija Lourenço, que pario delle hum filho, que houve nome D. João, que foi Mestre d'Aviz em Portugal, e depois Rey, como adiante ouvireis* o qual nasceo em Lisboa a onze dias do mez de Abril às tres horas depois do meyo dia no primeiro anno do seu reynado, e mandou - o El Rey criar em quanto foy pequeno a Lourenço Martins da Praça, hum dos honrados Cidadãos dessa Cidade, que morava junto com a Igreja Catredal, e chamaõ a Praça dos Canos, e depois o deu, para que o criasse, a Dom Nuno Freyre de Andrade, Mestre da Cavallaria da Ordem de Christo.

CAPITULO II.

Como ElRey de Castella mandou buscar o Corpo da Rainha Dona Maria sua mãy, que estava em Portugal, e da Carta, que enviou a ElRey de Portugal seu tio.

EM esta cezaõ que ElRey Dom Pedro começou de reynar, ordenou ElRey de Castella de enviar por o corpo da Rainha Dona Maria, sua mãy, que faleceo em Portugal, vivendo ainda ElRey D. Affonso seu pay, como em alguns lugares deste Livro fiz mençaõ, * e fez saber por sua carta a ElRey D. Pedro, seu tio, como tinha vontade de a tresladar para a por em Sevilha na Capella dos Reys com ElRey D. Affonso seu pay, e ordenou para hirem com o corpo da Rainha, o Arcebispo de Sevilha, e outros Prelados de seu Reyno, e dahi mandar diante para aparelhar todas as cousas, que convinhaõ para o corpo hir honradamente, Gomes Pires, seu Despenheiro Mòr. O qual corpo havia de fer entregue para ordenar tudo o que fosse necessario á sua tresladação, e se partissem logo.

A ElRey Dom Pedro aprouve muito disto, e escreveo-lhe que mandasse por elle quando por bem tivesse. E ElRey de Castella enviou logo aquelle seu Dispenheiro, e

e foy-lhe entregue o corpo da Rainha na Cidade de Evora, onde jazia, para ordenar os seus avia-mentos, segundo a ordem, que lhe era dada; e quando o Arcebispo, e os outros Prelados, e gentes vieraõ pelo corpo da Rainha, trouxeraõ a ElRey D. Pedro huma carta delRey de Castella, seu sobrinho, que dizia desta maneira.

Rey Tio nós ElRey de Castella, e de Liaõ vos enviamos muito saudar, como àquelle, que muito prezamos, e para que queriamos tanta vida, e saude com honra, como para nós mesmo. Rey fazemos-vos saber que vimos huma carta vossa de crença, q̃ nos enviastes por Martim Vasques, e Gonçalo Annes de Beja, vossos vassallos, e disseraõ-nos da vossa parte a crença, que lhe mandastes, e Rey tio nosso tençaõ he de vos amar, e guardar sempre os bons devidos, que entre nós havemos, e fazer sempre por vossa honra, como por a nossa mesma, e por quanto a nosso serviço, e vosso cumpria haverem de ser declaradas algumas cousas contheudas nas posturas, que entre nós havemos de pôr, assim sobre cazamentos de nossas filhas com vossos filhos, nós falámos com o ditto Martim Vasques, e Gonçalo Annes toda nossa tençaõ, enviamos là sobre isto João Fernandes de Melgario, Chançarel do nosso sello da Puridade, e rogamof-vos, q̃ o creaes do q̃ de nossa par-

*parte vos differ ; e outro sim enviamos parã trazer o corpo da Rainha nossa mãy, para a enter-
rar aqui em Sevilha, ao Arcebispo desta Cidade,
e outros Prelados de nossos Reynos, e rogamof-
vos que essas joyas, que ella deixou que as man-
deis dar ao dito Joaõ Fernandes, e nós agrade-
cer-vole-emos. Dante, &c.*

ElRey D. Pedro fez entregar o corpo da Rainha Dona Maria, sua irmã àquelle Embayxador delRey de Castella, e foy-lhe feita grãde honra assim por ElRey, como pelos Prelados, que por elle vinhaõ, e foy muito acompanhada atè o estremo, e dahi atè a Cidade de Sevilha; e sahio ElRey, seu filho, ao receber com muita Cleresia, e grandes Senhores, e Fidalgos, que hi eraõ com ElRey; e feitas suas Exequias muy honradamente foy posto o seu corpo na Capella dos Reys junto delRey D. Affonso seu marido, onde ora jaz.

E sobre os cazamentos dos filhos delRey D. Pedro com as filhas delRey de Castella, porque Joaõ Fernandes era enviado, foraõ faladas muitas cousas com ElRey de Portugal, e não se acordando por entaõ em alguma dellas depois ajustã-
raõ todas suas avenças, como ao diante ouvi-
reis.

CAPITULO III.

*Das cartas, que o Papa, e ElRey de Aragaõ
enviaraõ a ElRey de Portugal, sobre a
morte delRey seu pay.*

ELRey D. Pedro escrevêra ao Papa, e a ElRey de Aragaõ por novas quando ElRey D. Affonso morreo, como seu pay era morto, e elle alçado por Rey de Portugal, e tendo cada hum cuidado de lhe responder, chegaraõ-lhe nesta occasiaõ suas repostas; e a letra do Papa dizia assim: *Innocencio Bispo servo dos servos de Deos, ao muito amado em Christo filho D. Pedro, muy nobre Rey de Portugal saude, e apostolical bençaõ: por quanto muito amado filho, por vossas letras, fama fomos certificados como o muy claro de nobre memoria ElRey D. Affonso, vossopay, se finou deste Mundo, sua morte foy a nós, e he muy grande nojo, e tristeza, e não sem razãõ o devemos ser quando em nosso coraçãõ cuidamos nas bõdades, e virtudes de que sua Real Alteza fora muito ennobrecido, e por cuja razãõ o amavamos muito, dezejando-lhe que entre todos os Principes do Mundo o Senbor o accrescentasse, e estendesse seu Real Estado com prolongamento de bemaventurados dias, nos quaes acabando sua honrada velhice, a vós seu*

seu primogenito filbo deixasse o regimento, e successão dos Reynos em firme concordia com vossos vezinhos; e pois assim he que o Senbor Deos, em cuja mão está o poderio de a cada hum dar vida, e morte, lhe aprouve de piedosamente o levar deste Mundo, nós pomos fim, e a cabamento á nossa dor, e tristeza, consolando-nos em este Senbor, que dà, priva, e tólhe quanto quer que lhe praz, em o qual havemos firme esperança, que nos altos Ceos dará bom galardão, e gloria à alma del Rey vosso pay, pois em quanto neste Mundo viveo trabalhou muito em seu serviço com obras de merecimentos, e lhe agradou com dignas virtudes. E assim muito amado filbo piedosamente vos aconselhamos, que vos consoleis no Senbor Deos, e conformeis com sua santa vontade, considerando como succedeis no Regimento de vosso pay, o qual por exemplo de vida se mostrou sempre ser fiel Catholico; porèm requeremos a vossa real clareza que sempre com firme dezejo vivais em temor do Senbor Deos, honrando a sua santa Igreja, e sendo favoravel ás Ecclesiasticas pessoas, as mantenhaes sempre em seus direitos, e liberdades, e que sejais amador, e defensor das viúvas, e dos orfãos, alçando os agravos aos vossos subditos, e lhe não seja feita injuria, e q̃ sem recebimêto de algũa pessoa sempre

presejais honrador, e amador da justiça demo-
do que por vossas obras dignamente sejais cha-
mado por nome de Rey, que bem rege, e se de cer-
to, que se assim o fizeres que sempre em vossos dias
vivireis em paz, e descanso, tendo Deos em vos-
sa ajuda, e a sua Santa Igreja vos haverà em
sua encomenda, estando prestes para toda vossa
honra, e comprimento de justas petições. Da-
da em Avinhão, &c.

Em outra carta del Rey de Aragão eraõ con-
theudas estas razoens.

Muito alto, e nobre D. Pedro pela graça de
Deos Rey de Portugal, e do Algarve, D. Pedro
por essa mesma graça Rey de Aragão, e de Va-
lença, e de Mayorgas, e de Cerdenha, e de Cor-
sega, e Conde de Barcelona, e de Rocelbão, sau-
de como a Rey, que temos em lugar de irmão,
e muito amamos, e prezamos, e de que muito
fiãmos, e para quem queriamos muita honra, e
boa ventura com tanta vida, e saude como para
nòs mesmo; Rey, e irmão recebemos vossa letra,
pela qual nos significastes a morte do muito alto, e
mui honrado El Rey D. Affõso de Portugal, vos-
sopay, a q Deos perdoe, e por essa mesma nos fi-
zeste saber como vòs assim como seu primogenito,
e herdeiro dos ditos Reynos, erades levãtado por
Rey de Portugal; das quaes novas em verdade

E

Rey,

Rey, e irmão, tivemos desgosto, e prazer jūtamente; desgosto pela morte do dito Rey, o qual sabiamos q̃ nos amava como seu filho, e nòs a elle como nosso muito amado pay; mas como da morte nenhũa pessoa esteja izenta, e o dito Rey seja sabido da miseria deste Mundo, doẽdonos della, se por nòs algũa cousa pudesse ser feita, muito prestes estavamos para o fazermos, porẽm rogaremos a Deos, em cuja mão està a vida, e morte de cada hum, que receba sua alma com os seus Santos no Paraizo, fiando nelle, que assim o effeítue.

Prazer outro sim bouvemos mui grãde, Rey irmão, quando soubemos q̃ ereis alçado em Rey de Portugal, e do Algarve, pela sucessão herdeira a vòs por direito pertecẽte; e querẽdo saber q̃ assim como nòs entẽdemos, e tinhamos o dito Rey em cõta de pay, assim entẽdemos de ter a vòs em cõta de nosso irmão, e fazer por vòs toda a cousa, q̃ seja honra, e prazer vosso, e proveito de vosso senhorio, esperãdo certamẽte de vòs q̃ fareis semelhãte por nòs, e por nossos Reynos, e terras; e por quãto irmão Rey, segundo he conteudo em vossa letra, vòs desejaís saber o bõ estado de nossa pessoa, e da Raynha, e de nossos filhos, a prazer vosso vos significamos q̃ somos todos saõs, e em boa disposiçã de nossas pessoas mercês a Deos, rogando-vos mui caramẽte q̃ de vosso bom estado, e Real Caza

*nos certifiqueis por vossa carta, e sêde certo, q
nos dareis com isso grande prazer. Dante em
C, aragoça, &c.*

CAPITULO IV.

Da maneira que ElRey D. Pedro tinha nos desembargos de sua Caza.

POis deste Rey achamos escrito, * que era muy amado de seu Povo, porque o mantinha em direito, e Justiça, deshi boa governança, que em si tinha, bem he que digamos de cada cousa hum pouco, para que vejaes parte dos modos antigos. Na ordenança de todos los desembargos tinha ElRey esta maneira. Quantas petiçoens lhe a elle davaõ, hiaõ à mão de Gonçalo Vafques de Goes, Escrivaõ da Puridade, e elle as dava a hum Escrivaõ, qual lhe parecia, o qual tinha encargo de as repartir, e dar cada hum a os Dezembargadores a quem pertenciaõ, e as petiçoens, que eraõ desembargos do cõmun curso, àquelles por quem haviam de passar, mandava logo fazer as Cartas a seus Escrivães, de sorte que naquelle dia, ou no outro seguinte eraõ as partes despachadas; e o Escrivaõ, que assim o não fazia, perdia a mercê delRey por isso: as outras petiçoens, que eram de graça, e mercê que pertenciam à sua fazenda, fazia-as por hum dos Vereadores em ementa a seu Escrivaõ,

crivaõ, e este Escrivaõ por sua maõ o fazia em hum escrito, ou lista das petiçoens, que assim levava; cujas eraõ, e de que cousa constavaõ, e este escrito ficava na maõ do Dezembargador, e quando depõis as despachava com ElRey, se achava mais petiçoens postas na emmenta, que aquellas que elle lhe mandara pôr, visto o escrito, que em seu poder ficava, por tal erro perdia a mercê delle Rey; e como aquella emmenta era despachada com ElRey, diziaõ os Dezembargadores a cada huma pessoa a mercê, que ElRey lhe fazia, e mandavaõ a seus Escrivaens, que lhe fizessem logo as Cartas, e neste dia haviaõ de ser feitaõ, ou ño outro seguinte o mais tardar, sobpena do que dissemos.

E se ahi havia taes pertençoens, que andavaõ mais apoz ElRey apertando o com outras petiçoens depõis, que haviaõ despacho de fim, ou de naõ, ou moravaõ mais tempo na Corte, se era Fidalgo pagava certa pena de dinheiro, e se pessoa ordinaria, davaõ-lhe vinte açoutes na praça publica, e mandavaõ-no para sua caza. E trazia ElRey inculcas que lhe soubessem parte de taes homens por se cumprir, e executar nelles sua ordenaçãõ, por ElRey naõ ser enojado de ver duas vezes as mercês, q̃ fazia, hũa por emmenta, e outra por Cartas; e por aquelles, q̃ o requeriaõ ha-

haverem mais brevemente o seu despacho fazia-se desta maneira: quando ElRey outorgava algumas mercês a alguém, os que lhe haviaõ de dar despacho escreviam logo na emmenta perante ElRey a maneira como lhas dava, e em cada hum despacho punha ElRey seu final, e o Chançarel estava presente, quando podia, para ver como as ElRey despachava, e tanto que os Dezembargadores tinhaõ as Cartas feitas, e assinadas mandavaõ-nas ao Chançarel com o rold da emmenta, que ElRey assinara por não pôr duvida em algumas dellas, e logo nesse dia haviaõ de ser selladas, ou no outro até o jantar.

E se ElRey hia ao monte, ou caça, em que andassê mais de quatro dias, para que ninguem fosse detido esperando por elle, juntavaõ-se os que tinhaõ as petições das graças, e viaõ aquillo, que cada hum pedia, e se lhe parecia que não erabem de lho ElRey fazer, escreviaõ-lhe pelo miudo por qual razão; e as que viaõ, que devia outorgar, punhaõ-lhe isso mesmo porque, e affinavaõ todos a emmenta, e a levava hum delles a ElRey por lhe dizer a razão que os movêra a fazer, ou não cada huma daquellas cousas. E desta sorte haviam as gentes bom despacho, e desembargo, e ElRey não era tão molestado com o trabalho dos requerimentos.

E se alguns Conselhos haviam de arrecadar com elle, mandava-lhes que enviassem em escrito sellado, e fechado por hum Porteiro, tudo o que haviaõ mister, e logo ElRey taxava, que houvesse por dia quatro foldos, e mais não. ElRey visto o que lhe pediam livrava-o logo sem outra detença como achava que era direito, e se tal cousa era que cumpria de esse conselho enviar a elle alguns bons homens, e entendidos, mandava ElRey que não enviassem mais de hum por fazer ao Conselho mais pouca despeza, e mandava, que tal como este não houvesse por dia mais de vinte foldos.

CAPITULO V.

De algumas cousas, que ElRey D. Pedro ordenou por bem de Justiça, e em favor do seu Povo.

Assim como este Rey D. Pedro era amator de apressada Justiça naquelles que se conhecia que o mereciaõ, assim trabalhava que os feitos civeis não fossem prolongados, guardando a cada hum seu direito compridamente; e porque achou que os Procuradores prolongavaõ os feitos como não deviaõ, e davaõ occasião de haver hi maliciosas demandas, e o peyor, e muito de estranhar he que levavaõ de ambas as partes, ajudando hum contra outro, mandou que em

em sua casa, e todo o seu Reyno não houvesse advogados alguns; * e encomendou aos Juizes, e Ouvidores que não fossem mais em favor de hum parte, que da outra, nem se movessem por alguma cobiça a tomar serviços alguns para que a Justiça não fosse vendida; mas que se trabalhassem, e puzessem todo o cuidado de ver logo os feitos, de forte que brevemente, e com direito, fossem desembargados, e despachados como convinha, e sabendo, que eraõ a isso negligentes que lho estranharia nos corpos, e haveres, elhes faria pagar às partes todas as perdas, e danos, que por isso houvessem.

E isto assim ordenado, foubе ElRey dahia pouco tempo, que hum seu Dezembargador, de que elle muito fiava, chamado por nome Mestre Gonçalo das Decretaes, levava peita de hũa das partes, que perante elle andavaõ com causas, pela qual julgou, e deu sentença; sabendo ElRey isto teve muito grande pezar, e deitou-o logo fõra da sua graça, e cargo para sempre, e degradou a elle, e aos filhos a dez legoas fõra da Corte, e arredado do lugar onde quer que elle estivesse; porẽm diziaõ todos os que isto viraõ, que aquelle, de que elle levava a peita tinha direito naquelle pleyto.

Entã ordenou ElRey, e poz defeza
em

em sua Caza, e em todo seu senhorio que nenhũa que tivesse cargo de fazer justiça tomasse peita alguma dos que trouxessem pleitos perante elles, e se lhe fosse provado que a tomavaõ, que não morresse, porẽm que perdesse o cargo, e os bens para a Coroa do Reyno, e fosse degradado; e se taes Juizes, e Officiaes tomassem serviços de quaesquer outros, que perante elles não houvessem feitos, que perdessem o cargo, salvo se fosse de homem que não tivesse demanda em todo seu senhorio, que a dar poderia ser achado. E mandou ao Corregedor da Corte, e Ouvidores que não conhecessem de feitos algũs, salvo se fossem entre taes pessoas, de que os Juizes das terras não podessem fazer direito, senão quando lhe viessem por appellação, ou agravo.

E sabendo outro si ElRey como alguns, que eraõ cazados deyxavaõ suas mulheres, e filhos, que tinhaõ, e tomavaõ mancebas, com que à parte faziaõ vivẽda; e outros taes, que com suas mulheres as tinhaõ juntamente em caza, mandou, e poz por Ley, q̃ qualquer homem cazado, que com manceba vivesse, ou a tivesse dentro em sua caza, se fosse Fidalgo, ou Vassallo, que d'elle, ou doutrem tivesse maravediz, que os perdesse, e segundo os estados das pessoas assim ordenou as penas do dinheiro,

ro, e de grado até mandar que publicamente a terceira vez elles, e ellas fossem por isto açoutados, e quando diziaõ a ElRey que se aggravavaõ muitos de tal ordenança como esta, respondia elle: *Que assim o entendia por serviço de Deos, e seu bem delles todos.* E esta ordenança mesma, e penas poz nas mulheres, que fossem mancebas de Clerigos de Ordens Sacras, e defendeo, e mandou em Lisboa que nenhuma mulher de qualquer estado que fosse, não entrasse dentro no arrebalde dos Mouros de dia, nem de noite sobpena de ser enforcada; e mandou que qualquer Judeo, ou Mouro, que depois de Sol posto fosse achado pela Cidade, que com pregaõ publicamente fosse açoutado por ella.

E falando ElRey hum dia nos feitos de Justiça, disse: *Que sua vontade era, e fôra sempre de manter os povos de seu Reyno em ella, estremadamente fazer direito de si mesmo; e por quanto elle sentia, que o mayor agravo, que elle em seus feitos, e outros alguns de seu Senhorio faziaõ aos Povos de sua terra, assim era em o tomar de mantimentos por preço mais baixo, do que se vendiaõ, que porẽm elle mandava, que nenhũ de sua Casa, nem da do Infante D. Fernãdo, nem doutro algũ, q em seu serviço, e Reynos vivesse, q carregasse de tomar haver,*
F
que

que não tomasse galinhas, nem patos, nem cabritos, nem leitoens, nem outras algumas cousas acostumadas de tomar, senão compradas por dinheiro à vontade de seu dono.

E sobre isto poz pena de prizaõ, e dinheiros às honradas pessoas; e aos ganhoens, e pessoas vizaçoutados pelo lugar, onde as tomassem, e degradados dos seus serviços, e cargos. E mandou mais aos estribeiros seus, e de seus filhos, e a todos de sua terra, que nam mandassem a nenhum lugar por palha, salvo se a houvesse de haver de fôro; mas que pelo Azemel, que fosse por ella mandasse pagar pela carga cavallar de palha, ou de restolho empalhado tres soldos, e pela carga asnal dous; e o Azemel, que por ella fosse, e assim a não pagasse, que pela primeira vez fosse açoutado, e cortadas as orelhas; e pela segunda fosse enforcado; e outra tal pena mandava dar ao Lavrador, que não empalhasse toda a palha, que houvesse. E quando lhe diziaõ, que punha grandes penas para muy pequenos excessos, dava reposta, dizendo assim: *Que a pena, que os homens mais receavam era a morte, que se por esta senão desviassem de fazer mal, que às outras davam passada, e que boa cousa era enforçar hum, ou dous, para que todos os outros tomassem medo, e se emmendassem, e que as-*

assim o entendia por serviço de Deos, e bem de seu Povo. E assim também reformou as medidas do pão de todo Portugal, e os pezos, e ordenou outras cousas para bom regimêto, e proveito de sua terra, das quaes não fazemos mais largo processo por não sabermos se enfastiarão a quem as ouvir.

CAPITULO VI.

Como ElRey mandou degolar dous criados seus por roubarem, e matarem hum Judeo.

E Ste Rey D. Pedro em quanto viveo usou muito da justiça sem afeição, ou exceição de pessoas, tendo tal igualdade em fazer direito, que a ninguem perdoava os erros, que fazia por criação, nem bem querença, (ou afeição) que com elle houvesse; e se dizem q̃ aquelle he bemaventurado Rey, q̃ por si esquadrinha os males, e forças, q̃ se fazẽ aos pobres, bem he este do conto dos taes, porq̃ elle era lèdo de os ouvir, e folgava de lhes fazer direito, de forte q̃ todos vivião em paz; era alè m disto tão zeloso de fazer justiça especialmente dos q̃ eraõ traveços, q̃ perante si os mandava meter atormento, e se confessar não querião, elle se despia de seus Reaes pannos, e por sua mão açoutava os malfeitores; e posto q̃ disso muito se admiravaõ, e o esbranhavaõ seus

Concelheiros, e outras muitas pessoas, anojava-se de os ouvir, e não o podiaõ retirar d'isso de nenhuma forte.

Nenhum feito crime mandava que se despachasse sem elle estar presente, e se tinha noticia de algũs ladrões, ou malfeitores, q̃ andassem muito distantes donde elle estava, chamava a algum dos seus (Officiaes) de que se fiava, e o mandava a prendellos, promettendo - lhe mercês por lhos ir buscar, e ordenava - lhe, que não voltasse à sua presença sem elles; e assim lhos apresentavam onde quer q̃ se achava, e da meza se levantava, se chegavam a tempo, q̃ elle estivesse comendo, por os fazer logo meter a tormento, elle mesmo punha em elles as mãos, quando via q̃ não queriam confessar, ferindo - os cruelmente até que confessavam. A todo o lugar, onde ElRey hia sempre acharieis prestes com hum açoute aquelle, q̃ de tal officio tinha cargo, * de forte q̃ como a ElRey traziaõ homem malfeitor, dizia elle: *Chamem - me Fuaõ que traga o açoute*. Logo elle estava prompto sem dilaçam. E pois q̃ escrevemos, q̃ foy justicoço por fazer direito em reger seu Povo, bem he que ouçais dous, ou trez casos para exemplo, e mostra, do que nisto observava:

Succedeo, pois, que pousando elle nos Paços de Bellas, (Termo de Lisboa)
que

que elle mesmo fizera , dous seus Escudeiros , que graõ tempo havia que com elle viviaõ , sendo ambos companheiros houveraõ concelho , que fossẽ roubar hum Judeo , que pelos povos andava vendendo especiaria , e outras cousas , e foy assim de feito que foraõ buscar aquella certa preza , e roubáraõ-no de tudo , e o peyor disto he que foy morto por elles ; porẽm sua ventura , que lhes foy contraria , azou de tal forte que foraõ logo prezos , e trazidos a ElRey alli , onde pousava , ElRey como os vio tomou grande prazer por serem colhidos , e começou de lhes perguntar , como fora aquelle caso ; e elles cuidando que a longa criação , e serviço , que lhe feito haviaõ , o demovesse a ter algum geito , (ou forma) com elles , não tal como tinha com outras pessoas , começárão de negar , dizendo : *Que de tal cousa não sabiaõ parte.*

Elle , que sabia já de que modo fora , disse : *Que não havia porque mais negar , que ou confessassem como o matáraõ , ou senaõ que a poder de crueis açoutes lhe faria dizer a verdade.* Elles , vendo , que negando , ElRey queria pôr em obra o que de palavra lhes dizia , confessáraõ tudo assim como succedera . E ElRey sorrindo-se disse-lhes : *Que fizerão bem , que pois querião tomar officio de ladroens , e matar homẽs pelos caminbos ,*

minhos, de se ensinarem primeiro nos Judeos, e depois virião aos Christãos. E dizendo estas, e outras palavras passava perante elles de hum parte para outra, e parece que lembrando-lhe a criação, que nelles fizera, e como os queria mandar matar, vinhaõ-lhe as lagrimas aos olhos por vezes, depois tornava asperamête contra elles reprehendendo-os muito do que feito haviaõ; e assim andou por hum grande espaffo.

Os que ahi estavaõ, que viaõ isto, suspeitando mal de suas razões, porfiavaõ muito em lhe pedir mercê, e perdaõ para elles, dizendo: *Que por hum Judeo tratante, e vil, não era razão que morressem taes homens, e q̃bem era melhor de os castigar com degredo, ou com outra alguma pena; mas não mostrar contra aquelles, q̃ criára, pelo primeiro erro, tão grãde crueza.* ElRey ouvindo todos, respondia sempre, *q̃ dos Judeos virião depois aos Christãos.* Em fim destas, e outras razões mandou, q̃ os degolassem, e assim foy feito.

C A P I T U L O VII.

Como ElRey quizer meter hum Bispo a tormento porq̃ dormira com bũa molher cazada.

NAõ somente usava ElRey D. Pedro de justiça contra aquelles que razão tinha, assim como leigos, e semelhantes pessoas, mas
af.

assim ardia o coração delle de fazer justiça dos mãos, que não queria guardar sua jurisdicção aos Clerigos tanto de Ordens menores, como de Sacras, e se lhe pediao que os mandasse entregar ao seu Vigario, respondia: *Que os puzessem na forca, e que assim os entregassem a JESUS Christo, q era seu Vigario, q fizesse delles direito no outro Mundo.* Elle por sua mão os queria punir, e atormentar, assim como quizera fazer a hum Bispo do Porto, na maneira, que vos contaremos.

Certo foy, e não ponhaes duvida, que El Rey partindo Dentre Douro, e Minho por ver a Cidade do Porto, foy informado que o Bispo desse lugar, que então tinha grão fama de fazenda, e honra, dormia com hũa mulher de hum Cidadão dos bons, que havia na dita Cidade, e que elle não era ousado de attentar por isso com espantos de ameaços de morte que o Bispo lhe mandava fazer. E El Rey quando isto ouviu por saber de que forte era, não via o dia, que fosse ter com elle para lho haver de perguntar, e logo sem muita demora depois que chegou ao lugar, e houve comido, mandou dizer ao Bispo que fosse ao Paço, que o havia mister para cousa de seu serviço, e antes que chegasse falou com os seus Porteiros, e lhes disse que depois que o Bispo entrasse na Camera lançassem todos fora do

do Paço; assim os do Bispo, como quaesquer outros, e que ainda que alguns do Concelho viessem, que não deixassem entrar algum dentro; mas que lhes dissessem, que se fossem para as pousadas; porque elle tinha de fazer huma couza, em que não queria, que elles fossem presentes.

E o Bispo como veyo entrou na Camera, onde ElRey estava, e os Porteiros fizeram logo fahir todos os seus, e os outros, de sorte, que no Paço não ficou pessoa alguma, e foy despejado de toda a gente, e ElRey como se vio só com o Bispo, despio-se logo, e ficou em huma saya de scarlata, e por sua mão tirou ao Bispo todas suas vestiduras, e começou de o requerer que lhe confessasse a verdade daquelle maleficio, em que assim era culpado, e dizendo-lhe isto tinha na mam hum grande açoute para o brandir com elle.

Os criados do Bispo quando na entrada viraõ que os deitavaõ fóra, e assim mesmo os outros todos, e que nenhum ousava lá entrar, pelo que sabiaõ que o Bispo fazia, deshi juntando a isto a condição delRey, e a maneira, que em taes feitos tinha, logo suspeitáraõ, que ElRey lhe queria jugar dalgum mão jogo; e foraõ-se com muita pressa ao Conde velho, e ao Mes-

Mestre de Christos D. Nuno Freyre, e a outros Privados de seu Concelho, que acudissem com pressa ao Bispo, os quaes logo vierão com muita pressa a ElRey, e não ousáraõ a entrar na Camera pela defeza, que ElRey tinha posta, sennaõ fora Gonçalo Vasques de Goes, seu Escrivaõ da Puridade, que disse que queria entrar para lhe mostrar Cartas, que sobre vieraõ delRey de Castella com graõ pressa, e por tal azo, e fingimento houveraõ entrada dentro na Camera, e acharaõ ElRey com o Bispo em razoens da forte, que havemos ditto, e não lhopodiaõ já tirar das mãos, e começaraõ de dizer, que fosse sua mercê de não pôr mão em elle, porque por tal acção, não lhe guardando sua jurisdicção, haveria o Papa sanha delle; de mais que o seu Povo lhe chamava algoz, que por sua pessoa justicava os homens, o que não convinha a elle de fazer (por sua pessoa) por muito malfeitores, que fossem, (pois tinha Officiaes, e pessoas por quem o mandar fazer.) Com estas, e outras taes razoens abrandou ElRey de sua brava sanha, e o Bispo se apartou de diante d'elle com semblante triste, e torvado coração.

CAPITULO VIII.

*Como ElRey mandou capar hum seu Escudeiro
porque dormio com hum mulher cazada.*

ERa ainda além disto ElRey D. Pedro muito ciofo, (e zeloso da honra) assim de mulheres de sua Caza, como de seus Officiaes, e das outras todas do povo, e fazia grandes justiçaes e n quaesquer homẽs q dormião com mulheres cazadas, ou virgens; e isso mesmo com Freiras de Ordem. Succedeo, pois, que em sua Caza havia hum Corregedor da Corte, a que chamavaõ Lourenço Gonçalves, homem bem entendido, e arrefoado compridor de todas as coufas, que lhe ElRey mandava fazer, e não corrompido por nenhuns falsos offerecimentos que tresmudaõ os juizos dos homens; e porque ElRey o achava leal, e muy verdadeiro fiava delle muito, e queria - lhe grande bem; e era este Corregedor muito honrado de sua caza, e estado, e muito afavel, e de boa conversação, era entã demey idade, e sua mulher era chamada Catharina Toce, fermosa, engraçada, briosa, e muito perfeita, e adornada de todas as boas partes, e bem inclinada.

Neste tempo vivia com ElRey hũ bom Escudeiro, q era ainda muito moço, homem mancebo

bo de qualidade, e naquelle tempo adornado de muitas, e assinaladas partes, e bondades, porque era grande Justador, e Cavalleiro, grande Monteiro, e Caçador, Lutador, e Travador de grandes ligeirices, e de toda las inclinações q se requerem em hum perfeito Varaõ, chamado por nome Affonso Madeira, por a qual razão ElRey o amava muito, e lhe fazia muy grandes mercês.

Este Escudeiro se veyo a namorar de Catharina Toce, e mal cuidados os perigos, que lhe podiaõ vir de tal feito, taõ ardentemente se lançou a lhe querer bem, que não podia perder della vista, e dezejo, assim era traspassado de seu amor; mas porque lugar, e tempo não occuriaõ para lhe falar, como elle queria, e por tal azo de a requerer a miudo de seus deshonestos amores, firmou com o Aposentador taõ grande amisade, que para onde quer que ElRey partia, ou fosse Villa, ou qualquer Aldea, sempre Affonso Madeira havia de ser aposentado junto, ou muito perto do Corregedor; e havia já tempo que durava este aposentamento sempre junto hum do outro, tendo bom geito, e conversação com seu marido por carecer de toda suspeita. Affonso Madeira tangia, e cantava, além da sua postura, e boas partes já recontadas, de sorte q por via de tal visinhança, e amisade com larga affeição,

e falla a miudo, se gerou entre elles tal fructo , q̃ veyo elle ao conseguimento dos seus prolongados dezej os.

E porque semelhante feito não he da geração das cousas , que se muito encobrem , houve El-Rey de saber parte de toda esta tratada , e não teve disso menos sentimento , que se ella fosse sua mulher , ou filha ; e como quer que o El-Rey muito amasse mais do que se pode encarecer , posto de parte todo o bem querer , e amor , mandou - o tomar em sua Camera , e mandou - lhe cortar aquelles membros , que os homens em mais preço , e estima tem , de forte que não lhe ficou carne ate os ossos , que toda não fosse fora ; e cuidando que morresse disto , curaraõ d'elle , e Affonso Madeira farou , e engroçou em pernas , e em corpo , e viveo alguns annos engelhado do rosto , e sem barbas , e morreo depois de doença natural.

CAPITULO IX.

Como El-Rey mādou queimar a mulher de Affonso André , e de outras justiças , q̃ mādou fazer.

Quem ouvio semelhante justiça , à que El-Rey fez na mulher de Affonso André , Mercador honrado , morador em Lisboa , q̃ andando justando na Rua Nova ,
como

como era costume quando os Reys vinhaõ às Cidades, que os Mercadores, e Cida-
daõs justavaõ com os da Corte por festa (em a-
plauso da sua vinda) estando ElRey presente, e
havendo informação certa, que sua mulher lhe
fazia traiçaõ, e maldade, entendeo que entaõ
era tempo, (e occasiaõ mui propria) de a achar,
e colher na obra (do adulterio,) e por inculcas
muito secretamẽte foy ella tomado no feito com
quem a culpavaõ, e mandou-lha queimar, e de-
golar a elle! E o marido continuando a Justa,
quando cessou soube deste successo, e foy-se a
ElRey por se queixar do que lhe feito havia; e
ElRey tanto que o vio, antes que lhe falasse,
pedio-lhe alviças do que lhe mandara fazer em
sua mulher, dizendo, que ja o tinha vingado da
aleivosa de sua mulher, e daquelle que o injuria-
va, adulterando com ella, e que melhor sabia
elle Rey quem ella era, que elle mesmo Merca-
dor, seu marido, com que cessou de sua paixãõ.
(Em memoria deste caso mandou ElRey retra-
tar os dous aggressores nas colunas da mesma rua,
onde ainda hoje perseveraõ suas cabeças de meyo
relevos na pedra defronte do Chafariz dos ca-
vallos.)

Que diremos de Maria Rousada, mulher casa-
da com seu marido, que dormira com ella por for-
ça

ça antes de a receber por mulher, ao q̃ então chamavaõ, *Rousar*, e depois *Forçar*, por a qual coufa elle merecia morte se ella lhe não perdoasse. E tendo já della filhos, viviaõ ambos muito contentes, e em grande bem querença, e ouvindo - a ElRey chamar por tal nome, perguntou porq̃ lho chamavaõ? E soube da sorte como tudo fora, e q̃ se avieraõ que cazassem ambos por tal feito não vir mais a publico. ElRey por cumprir justiça mandou - o logo enforcar, e hia a mulher, e os filhos carpindo atraz delle com grande lastimança, mas não lhe valeo. [Dizem que isto succedeo no Termo de Lisboa, no Lugar de Bem fica, e que dizendo os que acompanhavaõ a ElRey, que a mulher ficava mal, respondera ElRey: *Bem fica*. E cazando - a depois com outro lhe deu com que passar; e que celebrando - se a acção delRey ficàra este nome ao Lugar, que dantes tinha outro, porque as palavras dos Principes, ditas com discrição, ficaõ em Proverbios, e quasi em Leys, e Ordenaçoes.]

Estando ElRey em Braga, a rogo de quantos com elle andavaõ para que pudesse escapar a vida a Alvarõ Rodrigues de Granada, que era hum dos bons Escudeiros de Entre Douro, e Minho, e bem aparentado, porque cortou os arcos de huma cuba de vinho a hum pobre Lavra-

Lavrador, quelhe logo ElRey não mandou cortar a cabeça tanto que o soube. E porque hum feu Escrivão do Thesouro recebeo onze libras e meya sem o Thesoureiro, mandou-o enforçar, que lhe não pôde valer o Conde, nem Briatis Dias, manceba delRey, nem outro algum; e foraõ naquelle dia com estes dous, onze mortos por Justiça entre ladroens, e outros malfeitoses.

Não fique por dizer de hum bom Escudeiro, sobrinho de João Lourenço Bupal, Privado delRey, e do feu Concelho, Alcayde Mór de Lisboa, o qual Escudeiro vivia em Aviz, honradamente, e bem acompanhado, e foy a sua caza por mandado do Juiz hum Porteiro, para o penhorar, e elle [tendo-se por injuriado] por cumprir vontade, [e executar sua paixão] depenou-lhe a barba, e deu-lhe huma punhada, e o Porteiro veyo-se queixar a ElRey a Abrantes, onde entaõ estava, e contou-lhe tudo como lhe succedéra. ElRey, que o adparte ouvia, como acabou de falar, começou a gritar, virado para o Corregedor da Corte, que ahi estava: *Acudime aqui Lourenço Gonçalves, porque hum homem me deu huma punhada no rosto, e me depenou a barba.* O Corregedor, e os que o ouviraõ ficaraõ espantados, não sabendo porque o dizia; e dizendo-lho, man-

mandou à pressa que lho fossem buscar prezo, e que lhe não valesse nenhuma Igreja; e foy assim feito; e troxeraõ-lho a Abrantes, e alli o mandou degolar, e disse: *Des que este homem me deu humapunhada, e me depenou a barba, sempre me temi delle, que me desse humacutilada; mas já agora estou seguro, e nunca mais dará.*

Assim que bem podem dizer deste Rey D. Pedro, que não sahiraõ em seu tempo certos os Dittos de Solom, Filosofo, só, e de outros alguns, os quaes differaõ, que as Leys, e Justiça eraõ taes, como a teya da aranha, na qual os mosquitos pequenos, cahindo, são retidos, e morrem nella, e as moscas grandes, porque são mais rijas, jazendo nella rompem-na, e vão-se; e assim diziaõ elles que as Leys, e Justiça se nam cumpriam senaõ em os pobres, mas os outros, que tinhaõ ajuda, e soccorro, cahindo nella rompiaõ-na, e escapavaõ do castigo. El Rey D. Pedro era muito pelo contrario; porque ninguém por rogo, nem valia, ou poder havia de escapar da pena merecida, de sorte que todos receavaõ de faltar ao seu mandado.

CAPITULO X.

Do que ElRey passou com huma mulher de Santarem, que se lhe foy queixar a Evora da morte de seu marido.

E Stando ElRey em Evora se lhe foy aggravar huma mulher de Santarem, dizendo que hum Clerigo da terra, honrado, e de renda lhe matara seu marido contra razao, e justica, e depois delRey lhe perguntar pelo caso miudamente, lhe mandou, que como elle fosse na dita Villa, para onde elle havia de ir estar o Inverno seguinte, lho lembrasse. E vindo tempo no qual ElRey veyo a ella, a mulher do morto teve cuidado de lhe ir fazer aquella lembrança. ElRey lhe disse, que se fosse embora, que elle teria cuidado de lhe fazer inteiramente justica, e dahia certos dias indo ElRey pela Villa vio andar em hum andaima a hum mancebo pedreiro, que na maneira de sua pessoa lhe pareceo, como era, solteiro; e tanto que voltou para o Paço o mandou chamar, e vindo ante elle lhe perguntou se conhecia aquelle Clerigo, nomeando-lho? e o mancebo lhe respondeo, que si conhecia muy bem; o que visto por ElRey lhe mandou, que o buscase, e onde quer que o topasse o matasse, e que trabalhasse por se salvar, e que quando nao pudesse se deixasse prender.

Partido o pedreiro, assim favorecido do mandado delRey, se foi em busca do Padre, e vendendo-o hum dia ir em huma Procissão o matou, e não podendo escapar foy logo prezo. Tanto q̃ ElRey o soube mandou, que senão despachasse aquelle feito sem elle ser presente, e mandou mais, que a mulher do morto dèsse de comer áquelle prezo, para o que pedisse ao seu Esmoller o dinheiro, que lhe fosse necessario. Proceffado o feito, e sendo ElRey importunado das partes do Clerigo pela final sentença, mandou que lhe fosse levado; para effeito do qual foraõ juntos com ElRey certos Dezembargadores, e ante elle foy lido de verbo, a verbo, calando porèm o homicidio, que o Clerigo fizera (porque não era do caso) o qual ElRey fazendo, que ignorava, perguntou: *Se aquelle Clerigo era brigozo, ou se tinha feito algum delicto por onde se pudesse presumir sua morte, porque não podia crer nem estava em razão que aquelle homem o matasse, não tendo alguma causa, por pequena que fosse para isso?* Responderaõ elles: *Que havia dias, que o ditto Clerigo matára hum homem; mas que disso era já livre.*

E tornando ElRey a repetir, e perguntar pela pena, que lhe fora dada, lhe disseraõ, que lhe fora mandado por sentença, que se deu
no

no Juizo Ecclesiastico, que mais não dicesse Missa, nem gozasse do fructo, e exercicio de suas Ordens. O que visto por ElRey mandou pôr no feito: *Que visto como o ditto Clerigo por matar a hum secular lhe não fora dada mais pena no Juizo Ecclesiastico, senão que não dicesse Missa, nem usasse do seu officio de Sacerdote, que elle outro si mandava no seu Juizo Secular ao ditto pedreiro em pena de matar hum Sacerdote, que não vivesse mais pelo ditto officio de pedreiro, e se avizasse sobpena de morte, que mais não trabalhasse pelo ditto officio, e que logo fosse solto.* Depois o mandou chamar, e o cazou com a mulher do morto, a quem deu tenças, por onde viveo sem ter necessidade de usar mais do seu officio de pedreiro.

CAPITULO XI.

De outros casos notaveis de rigurosas justiças, que ElRey D. Pedro mandou executar.

HIndo ElRey a Santarem, como tinha de costume ir muitas vezes, hum homem da terra, rico, e honrado, e muito seu amigo, que o costumava visitar pessoalmente todas as vezes que chegava com fructas das suas herdades, lhe não veyo falar, nem appare-

ceo nesta occasiã, nem em outra, que dalli a alguns dias houve, voltando ElRey àquella Villa; reparou ElRey nisso, lembrando-se daquelle seu amigo, e parecendo-lhe q̃ seria já morto, pois o não visitava como sohia, perguntou por elle a outros da terra? os quaes lhe differaõ, que vivo era ainda; mas que havia muito tempo que de anojado não sahia fóra de casa por lhe hũ filho seu dar huma cutilada pelo rosto, e que por isso entendiaõ que o não viera ver; ouvindo ElRey isto ficou admirado, e lhes mandou que da sua parte lhe diceßem, que o viesse ver; e vindo elle lhe perguntou ElRey pela maneira, e acontecimẽto do seu desfãtre, o qual lhe elle com muitas, e verdadeiras lagrymas contou, attribuindo tudo a seus peccados; e acabado ElRey o despedio depois de que com muitas, e singulares palavras o consolar, e mandou que lhe enviasse la sua mulher, porque a queria ver.

Tanto que este honrado, e anojado homem chegou a sua casa, mandou a sua mulher que se aparelhasse, porque ElRey a queria ver; em cumprimento do qual ella partio levando por sua companhia ao dito seu filho; e como foy no Paço, ElRey a recebeo branda, e cortezmente, e se meteo com ella em hum Camera, e apertando-a, que lhe descobrisse cujo era aquelle filho

mancebo , lhe disse , que elle não podia crer , que aquelle moço o fosse de seu marido ; porque se o forá , não era possível levantar-se a carne contra aquelle que lhe dera o ser ; finalmente de maneira apertou com ella , e por taes palavras, e razões , que lhe veyo a dizer, que era verdade que hindo ella a hum certo Mosteiro a confessar-se hum Frade Foaõ vendo tempo para isso forçosamente dormira com ella , e a emprehára daquelle filho , o que ella calára, (e encubrira) por sua honra.

Sabido isto por ElRey a despedio, e mandou lá hũ Corregedor , que se fosse apoz aquella mulher , e que tanto que aquelle mancebo acabasse de a acompanhar o prendesse. E ao outro dia , se foy ElRey ao Mosteiro a ouvir Missa, a qual acabada perguntou pelo tal Frade , e vindo ante elle o mandou meter em hũ cortiço , e ferrallo pelo meyo , e alguns , que lho estranhavaõ , respondia , que elle não fazia mal ao Padre , mas somente mandava ferrar aquelle cortiço. E ao mancebo degradou para sempre [por aggravar aquelle que tinha por pay] e tudo isto fez de maneira que não viesse nojona honra do seu amigo [e desafrontando-o] servisse o castigo de escarmiento para enrenda de semelhantes defatinos.]

Certo

Certo Fidalgo de Entre Douro, e Minho, que vivia em suas terras rico, e abaftado como Senhor de vassallos, sabendo, que hum seu visinho, e subdito Lavrador, velho honrado, não muito rico, tinha duas, ou trestacinhas de prata, lhas pedio emprestadas para hum festa, que disse que fazia, e dahi a dias o velho se foy a elle, e com palavras de servo a senhora lhas pedio, e assim o fez por muitas vezes, e vendo-se o Fidalgo importunado das importunaçoens justas do Lavrador havendo melancolia, lhe mandou dar muita pancada, injuriando-o, e espancando-o sobre o seu.

Escandalizado o velho se foy a Evora, onde então ElRey estava, e lhe fez queixume, contando-lhe tudo como passára. Informado ElRey miudamente do caso, lhe ordenou que senão fosse da Corte, e que comesse, e descansasse, porque elle lhe faria inteiramente justiça, e que fosse ao seu Esmoler, que elle lhe daria o necessario para seu gasto. E logo mandou escrever ao Fidalgo, que sem demora apparecesse na Corte; obedeceo o Fidalgo, e chegando quiz beijar a mão a ElRey; mas elle o recebeo de forte que sem lha querer dar o despedio muito triste; ao outro dia fez o Fidalgo a mesma diligencia, e succedeo-lhe outro tanto; e assim o trouxe hum
anno

anno desfavorecido sem o querer ver, nem consentir que lhe beijasse a mão. No fim do qual lhe disse, que se fosse ao seu Esmoler que elle lhe diria o para que fora chamado; e indo o Fidalgo a sua casa lhe deu conta do q̃ ElRey lhe ordenára.

O Esmoler lhe respondeo, que para haver de o despachar, era necessario mandar alli vir prata, porque assim o havia ElRey por bem, fello elle assim, e juntos ambos o Esmoler, e o Fidalgo, e ao Lavrador lhe perguntou o Esmoler quanta era a sua prata? e por cada hum lhe mandou entregar nove marcos; e assim lhe mandou dar trezentos e sessenta e seis vintens, que o velho alli fizera de gasto em comer, e tomando o Esmoler o Lavrador pela mão o entregou ao Fidalgo, dizendo-lhe, que ElRey lho entregava, que visse lá como o tratava; porque havia de dar conta del-le vivo, e não todas as vezes que elle o mandasse. E virando-se para o Lavrador lhe disse, que ElRey jurava pelos ossos de seu pay, que se daquela prata tornava alguma cousa ao Fidalgo, que o havia de mandar enforçar. E assim castigou ao Fidalgo pelos mesmos termos, que elle avexára ao Lavrador: na fazenda, e na honra, que elle mais sentio.

CAPITULO XII.

Como ElRey mandava matar o Almirante , e da Carta , que lhe enviou o Duque , e Comunidade de Genova , rogando por elle.

ELRey D. Pedro queria grande mal a alcoviteiras , e feiticceiras , de sorte que pelas justicas , que nellas fazia , muy poucas usavaõ de taes officios ; e sendo elle na Beira soube que humma , chamada por nome Elena , alcovitara humma mulher para o Almirante , com que elle dormira , a que diziaõ Violante Vasques , e mandou logo ElRey queimar a alcoviteira , e ao Almirante Lâçarote Paçanha mandava cortar a cabeça ; e posto que os do seu Conselho trabalhavaõ muito por o livrar de sua sanha nunca o pudéraõ com elle acabar , em tanto que o Almirante fugio , e foy amorado , e partio delle por muitos tempos , perdidas suas quantias , e todo o seu bem fazer , e o Officio , e não sabendo remedio , que sobre isto ter , houve acordo de mandar pedir ao Duque , e Comunidade de Genova (donde era originario) que escrevessem por elle a ElRey , que fosse sua mercê de lhe perdoar. Os Genovezes vendo o recado do Almirante escrevêraõ a ElRey , que perdesse delle sanha ; e a Carta de Gabriel Adurno , Duque de Genova ,

va, e dos Anciaõs do Conselho daquella Cidade dizia desta maneira : *Principe, e Senhor muy claro de grande, e real Magestade esguardada a benignidade muitas vezes se tempera por manciadão o modo, e rigor da justiça, e a piedosa consideração trabalha sempre de renovar as boas amizades antigas; e se boa cousa he tomar amizades, e novas conbecenças, muito melhor he, segundo diz o sabio, renovar, e conservar as antigas, dizendo, que o amigo novo, não he igual, nem semelhante ao de longo tempo; as quaes razões nos fazem haver fuzza em vossa grande Alteza, que graciosamente baja d'ouvir nossa humilde supplicação, a qual he esta: Que a nós foy notificado como o nobre Cavaleiro D. Lançarote Paçanha, vosso Almirante, filho em outro tempo do nobre varão D. Manoel Paçanha, digno de boa memoria, nosso amigo, e Cidadão, baja cabido em sanha de vossa real Magestade, mais por inveja dalguns, que delte bem não disserão, que por outras graves maldades, que em elle sejaõ achadas, segundo corre a commum fama, que por a razão bem parece; porque não he de crer, que saya de regra de bons feitos quem he gerado, e descende de pays, que sempre foraõ ennobrecidos por virtuosos, e bons costumes; e posto que errasse em alguma cousa,*

muito deve vossa discreta mansidão temperar o rigor da justiça, renovando por novos beneficios a lealdade de seus antecessores; a qual cousa nós esperando da vossa grande Alteza, a ella humildosamente pedimos, que pelo que dito he, e nossos apertados rogos, tenhaes por bem tornar o ditto Almirante à graça primeira de seu bom estado; e por isto vossa real Magestade, haverá a nós, e nosso commum aparelhados delle do coraçãõ em todas as cousas, que lhe forem apraziveis. Dante, &c. Sem embargo desta Carta não podiaõ acabar com ElRey, que perdeffe fanha do Almirante, porẽm depois a longos tempos lheperdoou ElRey, e foy tornado à sua mercê, e Officio.

CAPITULO XIII.

Das moedas, que ElRey fez, e da valia do ouro, e prata naquelle tempo.

NAõ se podem dizer tão temperadamente os louvores de alguma pessoa em que aquellas, cujas linguas sempre tem costume de reprehender, não achem lugares a elles dispostos, em que a miude bem possaõ calunniar, e nós porq̃ dizemos deste Rey D. Pedro, q̃ era liberal, e alegre em dar, e não dissemos de algumas grandezas, que dignas sejaõ de tanto louvor (e sirvaõ de exemplo, e prova) poderá ser que nos calunniaráõ

niarão alguns , dizendo , que não historiamos directamente ; e isto não he por nós bem não vermos , que para authoridade de tão grande gabo (e louvor) não se achem ditos em sua igualança , mas por não desviar daquelles louvores , que os antigos em suas obras encômendaraõ , contamo-lo da forte , que o elles disseraõ. * Bem achamos , que nunca se anajova por lhe pedirem , e que mandava lavrar atè cem marcos de prata em taças , e em copas para dar em Janeiras , e dava-as cada anno com outras joyas , a quem lhe prazia.

Accrescentou nas quantias aos Fidalgos , e Vassallos como dissemos affima , porque o Vassallo não havia antes , de sua quantia mais de sessenta e cinco livras , e ElRey D. Pedro lhe poz cento , que eraõ quinze dobras cruzadas , dobras Mouriscas ; e por esta quantia havia de ter o Vassallo hum cavallo bom de receber , e loriga com seu almare ; e por sua morte ficava o cavallo , e a loriga a ElRey de voluto , e dava-o ElRey a quem sua mercê era ; de modo que com aquelle cavallo , e armas , posta contra em outro Vassallo , ficava sempre o conto dos Vassallos certo , e não mingoado.

E no tempo deste Rey valiaõ os marcos da prata de liga dezanove livras , e a dobra Mourisca tres livras , e quinze soldos , e o

escudo tres livras, e deza sete soldos, e o montom tres livras, e dezanove soldos. Este Rey D. Pedro não mudou moeda por cobiça de temporal ganho, mas lavrou-se em seu tempo muy nobre moeda de ouro, e prata sem outra mistura: a saber. Dobras de bom ouro fino de tamanho preço como as dobras cruzadas, que fazião em Sevilha, que chamavaõ de Dona Branca; e estas dobras, que ElRey Dom Pedro mandava lavar, cinquenta dellas fazião hum marco, e de outras, que lavravaõ mais pequenas, levava o marco cento, e de huma parte tinhaõ as Quinas, e da outra a figura de homem com barbas nas faces, e coroa na cabeça, assentado em huma cadeira com humma espada na mão direita, e havia letras por de redor de Latin, que em lingoagem diziaõ: *Pedro Rey de Portugal, e do Algarve*. E da outra parte: *Deos ajuday-me, e fazey-me excellente vencedor sobre meus inimigos*. E a mayor dobra destas valia quatro livras, e dous soldos; e a mais pequena quarenta e hum soldo.

E lavraraõ outra moeda de prata, que chamavaõ *Tornezes*, que sessenta e cinco fazião hum marco de liga, e pezo das reaes delRey Dom Pedro de Castella, e outro *Tornez* fazião mais pequeno de que o marco levava cento e trinta, e de huma parte tinha Quinas, e

da

da outra huma cabeça de homem, com barbas grandes, e coroa nella, e as letras de ambas as partes eraõ taes, como as das dobras, e valia o *Tornez* grande sete foldos, e o pequeno trez foldos e meyo, e chamavaõ a estas moedas *Dobra*, e *meya Dobra*, e *Tornez*, e *meyo Tornez*; e a outra moeda miuda eraõ dinheiros *Alfonfins* da liga, e valor, que fizera El Rey seu pay, e com estas moedas era o Reyno rico, e abaftado, e posto em grande abundancia, e os Reis faziaõ grandes abundancias, e thesouros do que lhes sobejava dos gastos de suas rendas; e para os fazer, e accrescentar em elles tinha esta maneira:

CAPITULO XIV.

Da maneira que os Reis tinhaõ para fazer thesouros, e accrescentallos.

JA' vós ouvistes bem quanto os Reis antigos fizeraõ por encurtar despezas suas, e do Reyno poendo ordenações em si, e nos seus por terem thesouros, e serem abaftados, porque tendo o Povo rico, diziaõ elles que o Rey o era tambem; e o Rey, que thesouro tinha sempre era prestes para defender seu Reyno, e fazer guerra quando lhe cumprisse sem aggravo, e danno do seu Povo, dizendo, que nenhum era tão se-
guro

guro de paz, que pudesse carecer de fortuna não esperada; e para encaminharem de fazer thesouro tinhaõ todos esta maneira. * Em cada hum anno eraõ os Reys certificados pelos Vedores da sua Fazenda de todas as despezas, que feitas haviaõ, assim em Embayxadas, como em todas as outras cousas, que lhes necessariamente convinhaõ fazer, e diziaõ-lhes o que alèm disto sobejava de suas Rendas em Direitos, assim em dinheiros, como em quaesquer cousas; e logo era ordenado que se comprasse dellas certo ouro, e prata para se pôr, e guardar no Castello de Lisboa em huma Torre, que para isto fora feita, que chamavaõ a Torre Alvarraã, e esta Torre era muy forte, e não foy porèm acabada. Estava em cima da porta do Castello, e ahi punhaõ o mais do thesouro, que os Reys juntavaõ em ouro, prata, e moedas, e tinhaõ as chaves della huma o Guardiaõ de São Francisco, e outra o Prior de S. Domingos, e a terceira hum Beneficiado da Sé da mesma Cidade; e para ajuntar este ouro, e prata tinhaõ este modo.

Em todas as Cidades, e Villas do Reyno, que para isto eraõ azadas, tinhaõ os Reys seus Cambeadores, que compravaõ prata, e ouro àquelles, que o vender queraõ, o qual não havia de comprar outrem, senão elles, e acabado o

an-

anno, trazia cada hum quanto comprara àquelles Lugares, onde havia de ser posto em thesouro; e haviaõ estes Cambeadores certa coufa de cada peffa d'ouro, que compravaõ; e o que lo-bejava em moeda punhaõ isso mesmo em deposito em outra Torre, que havia isso mesmo no Castello de Santarem, em que outro si estava muy grande thesouro de moeda, e doutras coufas em tamanha quantidade, que apontoavaõ a Torre muy fortemente por naõ cahir com o muito aver, que nella punha.

E desta maneira estava no Porto, e em Coimbra, e em outros Lugares do Reyno; e posto ahi em cada hum anno aquelle ouro, prata, e moedas, que assim ficavaõ, e que os Reys mandavaõ comprar, quando o Rey vinha a morrer, prégavaõ delle, e dos bens, que fizera, dizendo como reinára tantos annos, e mantivera seus Reynos em direito, e justiça, contavaõ-lhe mais, por grande bondade, e louvando-o muito diziaõ: *Este Rey hà tantos annos que reina, poz nas Torres do Thesouro tanto ouro, e prata, e moedas.* E quanto cada hum Rey em ellas mais punha, tanto lhe contavaõ por muito mayor louvor, e bondade.

El Rey Dom Pedro tanto que elle entrou

troua reinar pareceo a alguns que não tinha sentido de ordenar que se accrescentasse no thesouro, que os antigos com grande cuidado começárao de guardar, e vendo isto hum seu Privado, que chamavao João Esteves, houve-o por grande falta, e propoz de lho dizer; e falando El-Rey com elle humavez em cousas de fabor, disse elle a El-Rey desta maneira : *Senhor a mim parece-se vossa mercè fosse que seria bem de proverdes vossa fazenda, e ver o que se despender póde, e do que sobejar encaminhay como accrescenteis alguma cousa nos thesouros, que vos ficarão de vosso pay, e de vossos avós, para fazerdes o que os outros Reys fizerão; e para terdes que dispendar mais abundantemente se vos alguma necessidade viesse á mão; porque muito mais com vossa honra despenderieis vós accrescentando no thesouro, que tendes, do que gastar o que os outros Reys deixárão sem pôr nelles nenhuma cousa.*

A estas contrárazoens respondeo El-Rey, que dizia bem, e que lhe puzessem em escrito quanto era o que rendiaão seus Direitos, e a despesa, que se disse fazia. Dahi a poucos dias trouxe o Privado em escrito tudo, o q̃ El-Rey lhe diffiera, e visto por ambos apartadamente, achárao q̃ tiradas as despesas, q̃ os Reys em costume tinhaão de fazer,

zer, que sómente no seu thesouro de Lisboa podia cada anno pôr na Torre do Castello até quinze mil dobras, e ordenou logo como se puzesse cada anno em ouro, prata, e moedas, tudo o que sobejasse de suas Rendas nos Lugares acostumados, onde os Reys punhaõ o seu haver; porém dizia ElRey, *q não fazia pouco quem guardava o thesouro, que lhe ficava doutrem, e se mantinha dos Direitos, que havia do seu Reyno sem fazer aggravo ao Povo, nem lhe tomar do seu alguma cousa.* E assim o fez elle, que dos thesouras, que achàra nunca despendeo cousa alguma, e ficàraõ todos por sua morte a ElRey D. Fernando, seu filho, que os depois gastou como lhe prouue, segundo ao diante ouvireis.*

CAPITULO XV.

Porque via ElRey D. Pedro de Castella começou de ajuntar thesouro.

POr outra maneira ajuntou ElRey Dom Pedro de Castella muy grande thesouro, sem mudar moeda, nem lançar peitas ao Povo; e vede de que maneira foy, posto que falemos dos feitos alheos. Assim aveo que ElRey Dom Pedro estando na Aldea de Morales, que he hum a legoa de touro, jugava hum dia os dados com alguns dos seus Cavalleiros, e tinha-lhe hum seu Reposteiro Mòr a cerca delle huns huchotes pe-

K

quenos

quenos com alguma prata, e dobras, que seria por tudo atê oitenta. ElRey disse: *Que aquelle era todo o seu thesouro, e que mais não tinha.* Aquelle dia logo à noite estando ElRey em sua Camera D. Samuel Levi, (Judeo) seu Thesoureiro. Mór lhe disse presente todos.

Senhor, hoje foy vossa mercê dizer perante aquelles, q̃ hi estavaõ, q̃ vós não tinbeis mais thesouro que oitenta dobras de que jugaveis, e com que tomais sabor, e dezenfado, e isto Senhor, entendendo que o dissestes contra mim por me envergonhar, pois que sou vosso Thesoureiro Mór, e não ponho melhor recado em vossa fazenda, porèm, Senhor, vós sabeis bem, que posto que eu fosse vosso Thesoureiro depois que vós reinastes atêgora, que pôde haver huns sete annos, sempre em vosso Reyno houve huns taes boliços, pelos quaes os Recadadores de vossas Rendas se atrevêrão a fazer algumas cousas, que não devião, de sorte que eu não pude tomar disso conta assocegadamente, como era razão; mas agora se vossa mercê for de me mandardes entregar dous Castellos, quaes eu disser, eu vos quero pôr em elles ante de muito tempo thesouro, com que bem possaes dizer que mais tendes juntas de oitenta dobras.

A ElRey aprouve muito disto, e foraõ-lhe entregues o Alcacere de Turgilho, e o de Fita. D.

Samuel poz logo ahi homens de que se fiava, e mandou cartas por todo o Reyno a todos os que foraõ, e eraõ Arrecadadores das Rendas del-Rey desque começara de reinar atẽ entãõ, que viessem logo dar conta, e tomava-lha desta maneira; por ElRey eraõ concedidos a hum Cavalleiro, ou outro qualquer, certos mil maravediz de seu aposento, ou doutra maneira, e D. Samuel fazia vir perante si todos aquelles, a que alguns dinheiros foraõ despachados, para o qual aggravava a conta, e dava a cada hum juramento aos Santos Evangelhos quantos dinheiros receberaõ daquelle Arrecadador por cada hũa vez, e quanto lhe deixara por haver delle pagamento, e não ser retido, e aquelle, a que taes dinheiros foraõ pagos dizia que não houvera mais de tantos, (q̃ recebeo) e que os outros lhe dera de peita pelo despachar; porque lhe faziaõ entender que doutra maneira não poderia haver pagamento.

Entãõ se o Arrecadador não mostrasse logo certo onde lhe todo fora pagado, mandava D. Samuel, que ametade de quanto assim levãra fosse para o thesouro delRey, e outra ametade para aquelle, que recebẽra o tal engano, e diminuição; e todos os que taes pagamentos houveraõ eraõ muy contentes de dizer a verdade por cobrar o que tinhaõ perdido, e elle ajuntou por ef-

ta via dentro de hum anno naquelles Castellos taõ grande thesouro, que era estranha coufa de ver. Este foy o começo do muy grande thesouro, que ElRey D. Pedro depois teve junto, segundo adiante diremos.

CAPITULO XVI.

Como ElRey fez Conde, e armou Cavalleiro, a D. João Affonso Tello, e da grande festa, que lhe fez.

OUtras coufas assinaladamente achamos pela mayor parte, em que ElRey D. Pedro de Portugal gastava seu tempo, v. g. em fazer justiça, e desembargos do Reyno, em monte, e caça, de que era muy inclinado, e danças, e festas, segundo aquelle tempo, em q tomava grande sabor, que a duro he agora para ser crido. Estas danças eraõ a som de hũas trombetas, que entaõ usavaõ, naõ curando de outro instrumento, posto que ahi o houvesse. Se alguma vez lho queriaõ tanger, logo se enfadava delle, e dizia, que o deffem ao demo, e q lhe chamãsem os trombeteiros. Ora deixemos os jogos, e festas, q ElRey ordenava por seu defenfadamento, nas quaes de dia, e de noite andava dançando por muy grãde espaço; mas vede se era bem saboroso jogo, vinha ElRey em bateis de Almada para Lisboa, e sahiaõ:

fahiaõ-no a receber os Cidadãos, e todos os Mif-
teres, com danças, e trebelhos, segundo eftonfe
ufavaõ, e elle fahia dos bateis, e metia-fe na dan-
ça com elles; e affim hia até o Paço.

E reparay fe foy bom defenfado, e graça: jazia
ElRey em Lisboa huma noite na cama, e porque
naõ lhe vinha fono para dormir, fez levantar os
moços, quantos dormiaõ no Paço, e mandou
chamar João Matheus, e Lourenço Paulos, que
trouxeffem as trombetas de prata, e fez acender
tochas, e meteo-fe pela Villa em dança com ou-
tros; as gentes, que dormiaõ fahiraõ às janellas a
ver que fefta era aquella, ou porque se fazia; e
quando viraõ daquella maneira a ElRey tomáraõ
prazer de o ver affim alegre, e andou ElRey affim
graõ parte da noite, e tornou-fe ao Paço em dan-
ça, e pedio vinho, e frutas, e lançou-fe a dormir.

Naõ curando mais de falar em taes jogos; or-
denou ElRey de fazer Conde, e armar Cavalley-
ro a João Affonfo Tello, irmão de Martim Affon-
fo Tello, e fez-lhe a mayor honra em fua fefta
que até aquelle tempo fora vifta, que Rey algum
fizesse a femelhante peffoa. Porque ElRey man-
dou lavrar feiscentas arrobas de cera, de que fi-
zeraõ cinco mil cirios, e quando o Conde
houve de velar as fuas armas no Mosteiro de
S. Domingos deffa Cidade, ordenou ElRey
que

que desde aquelle Mosteiro até os seus Paços, que he affaz grande espaço, estivessem quédos outros tantos mil homens, todos, e cada hum com seu cirio na mão acezo, que davaõ todós muito grande lume, e ElRey com muitos Fidalgos, e Cavalleyros andava por entre elles dançando, e tomando fabor; e assim dependeraõ graõ parte da noite, e ao outro dia estavaõ grandes tendas armadas no Rocio a cerca daquelle Mosteiro, em que havia grandes montes de pão cozido, e affaz tinas de vinho, e logo prestes copós porque bebessem, e fôra estavaõ ao fogo vacas inteiras em espetos a assar, e quantos comer queriaõ daquella vianda, tinhaõ-na muito prestes, e a nenhum era vedada; e assim estiveraõ sempre em quanto durou a festa, na qual fôraõ armados outros Cavalleyros, cujos nomes não curamos dizer.

CAPITULO XVII.

Das avenças que ElRey de Castella, e ElRey D. Pedro de Portugal firmáraõ entrè si, e como ElRey de Portugal lhe prometeo de fazer ajuda contra Aragaõ.

E Screveraõ alguns* louvando este Rey D. Pedro dizendo que reinou em paz em quanto viveo, e fortuna, não fez sem razaõ de

de encaminhar o começo, meyo, e fim de seu mundo de viver em affocego, e folgada paz, porque elle por morte delRey seu pay achou o Reyno sem nenhuma briga (nem causa) porque houvesse de haver contenda com algum Rey de Hespanha, nem de outra Provincia mais alongada. Desahi como elle reinou mandou logo Ayres Gomes da Sylva, e Gonçalo Annes de Beja a ElRey de Castella seu sobrinho com recado; e de Castella veyo a elle da parte delRey D. Pedro hum Cavalleiro, que chamavaõ Fernão Lopes des Tuniga, e tratou-se então entre os Reys, que fossem ambos verdadeiros, e leaes amigos, e firmáraõ daquella vez suas amizades.

E depois disto acabo de hum anno estando ElRey D. Pedro em Coura chegãrãõ Mensageiros delRey de Castella, a saber Dom Samuel Levi, seu Thesoureiro Mór, e Garcia Goterres Tello, Algañil mayor de Sevilha, e Gomes Fernandes de Sorea, seu Alcaide, e tratãrãõ entre os Reys ambos muito mais perfeitas amizades, que antes, e foy mais ordenado entre elles que o Infante D. Fernando seu primogenito filho herdeiro em Portugal cazasse com Dona Briatriz, filha do dito Rey de Castella, e que se fizessem os Esposorios por seus Procuradores desde Fevereiro meyado seguinte até o ultimo dia

dia de Março, que vinha, e assim vodas logo o derradeiro dia de Abril, e que El Rey de Castella dèsse à dita sua filha em casamento outro tanto haver quanto El Rey D. Affonso de Portugal dera com sua filha Dona Maria a El Rey D. Affonso, seu pay; e que El Rey de Portugal dèsse à dita Dona Briatriz em Arras, e doação outro tanto, quanto seu pay El Rey Dom Affonso dera a Dona Constança, quando com elle cazàra, e mais que cazasse Dona Constança, filha do dito Rey D. Pedro de Castella com o Infante D. João; e a outra filha, que chamavaõ Dona Izabel, cazasse com o Infante D. Diniz, e que os Esposorios, e cazamentos destes fossem acabados dahi a seis annos, e que El Rey de Castella dèsse taes Lugares a cada humo dellas, de que houvessem de renda noventa mil maravediz, e El Rey de Portugal a cada hum dos Infantes Lugares, que lhe rendessem cada anno dez mil libras de Portuguezes, e que El Rey de Castella fosse seu amigo, e inimigo de inimigo, e que se ajudassem hum ao outro por mar, e por terra cada vez que requerido fosse; e que El Rey de Castella não fizesse paz com El Rey de Aragaõ, contra quem elle entaõ lhe pedia ajuda, sem lho fazer saber primeiro, nem com outro algum Rey, e Senhor.

Onde sabey, que esta ajuda, que El Rey de
Cast.

Castella então pedio a ElRey D. Pedro de Portugal, forajà ante pedida por elle a ElRey D. Affonso seu pay, quando este Rey D. Pedro de Castella começou a guerra contra ElRey D. Pedro de Aragaõ, que foy no ultimo anno do reinado do dito Rey D. Affonso, segundo ao diante vereis; a qual ajuda havia de ser de gente de cavallo por terra, e certas galès pelo mar, e ElRey D. Affonso respondeo a seu neto, que elle sabia bem, e era certo das posturas, e firmidoens, que foraõ feitas entre ElRey D. Diniz, seu pay, e ElRey D. Fernando seu avô, e ElRey D. Jaymes de Aragaõ, as quaes todos tres firmàraõ por si, e por todos seus successores, e havendo acordo com todos os bons da Casa de Portugal, que para isso foraõ juntos em conselho; achou ElRey D. Affonso, que lhe naõ podia fazer a dita ajuda com ajuizada razaõ. E vista tal reposta por ElRey de Castella, cessou de lha mais pedir, e requerer.

Morto ElRey D. Affonso de Portugal, e começãdo de reinar este Rey D. Pedro seu filho, enviou-lhe o dito Rey de Castella rogar que lhe quizesse fazer ajuda por mar, e por terra em aquella guerra, que entãõ tinha contra ElRey de Aragaõ, porque assim mesmo tinha elle vontade de fazer a elle quando lhe compridou-ro foisse; e ElRey de Portugal respondeo a isto,

L

que

que bem certo devia elle de ser dos bons, e grandes dividos, que sempre houveraõ entre os Reys de Portugal, e de Aragaõ, pelos quaes elle com razaõ ajuizada poderia ser bem escusado de fazer, nem dizer cousa, que a elle, nem à sua terra perjuizo fosse; mayormente que entre El Rey Dom Affonso seu pay, e El Rey D. Pedro de Aragaõ, que entaõ era, foraõ firmadas Posturas, e amifades para se haverem de ajudarem, principalmente contra El Rey Dom Affonso pay del le dito Rey de Castella, e que isso mesmo fora já a elle tratado por vezes depois que entre elles recrecia aquella discordia.

Mas que sem embargo de todas estas razoens, que entendia que entre elles havia tantos, e taõ bons dividos; e assim ajuizadas razoens porque cada hum delles devia de fazer por honra, e proveito do outro toda cousa, que pudesse, e que elle assim o entendia de fazer tambem em aquelle mister, que entaõ havia, como em todos os outros, e que para accrescentar na amizade, e devidos, que ambos tinhaõ, que lhe prazia de o ajudar naquella guerra, que começada tinha, mas por quanto a Deos graças elle era abastante de muitas gentes muito mais que El Rey de Aragaõ, e parte de suas galès

lès eraõ perdidas, que melhor podia escusar a ajuda por terra; que a do mar; e como quer que esta mais custosa lhe fosse, que lhe aprazia de o ajudar com dez galès grossas pagadas por trez mezes, as quaes lhe faria bem prestes quando lhas mandasse requerer.

E foy assim de feito que lhe fez ajuda por mar duas vezes, e duas por terra de bons Cavalleiros, e bem aparelhados, e durando por longos tempos grande guerra, e muito crua entre ElRey D. Pedro de Castella, e ElRey D. Pedro de Aragaõ. E porque alguns ouvindo isto dezejarão saber que guerra foy esta, ou porque se começou, e durou tanto tempo, e nós falar disto podíamos bem escuzar por taes cousas serem feitos de Castella, e não de Portugal, porèm sem embargo disso por satisfazer ao desejo destes, e além disso, porque nos parece que não havendo alguma noticia das crueldades, e obras deste Rey D. Pedro de Castella, não se pòde bèm vir em conhecimento de qual foy a razaõ, porque elle depois fugio de seu Reyno, e se vinha a Portugal buscar ajuda, e soccorro; e como depois da sua morte muitos Lugares de Castella se deraõ a ElRey Dom Fernando, e tomaraõ voz por elle; porèm faremos de

tudo hum breve fallamento começando primeiro pelas cousas, que lhe avieram em começo de seu reinado, vivendo ainda ElRey D. Affonso de Portugal seu avô, com as outras; que se seguiram depois, que reinou ElRey D. Pedro seu tio, as quaes nos parece que se em outro lugar melhor contar não podem, que todas aqui juntamente; entremetendo seus feitos com a guerra; primeiro das cousas, que fez antes que a começasse por saberdes tudo em certo de que forte foy.

CAPITULO XVIII.

De algumas pessoas, que ElRey D. Pedro de Castella mandou matar, e como casou com a Rainha Dona Branca, e a deixou.

SEgundo alguns testemunhão, que seus feitos deste Rey de Castella escrevéraõ, elle foy muito cumpridor de toda cousa, que sua natural, e desordenada vontade lhe requeria, em tanto que dizendo nós pelo miudo tudo, o que seamente se poderia ouvir de seus feitos, acharíamos em reprehensão que não eramos escaços de contar os males alheos, mayormente taes, que são pregoeiros de

de mà , e vergonhosa fama , porèm muito menos daquelles , que achamos escritos , dos principaes dizemos , e mais não.

Este Rey foy muito arredado das manhas , e condições , que aos bons cumpre daver , porque delle dizem , que foy muy luxurioso , de sorte que quaesquer mulheres , que lhe bem pareciaõ , posto que filhas de Fidalgos , e mulheres de Cavalheiros fossem , e assim mesmo Dónas de ordem , ou de outro estado , não guardava mais humas , que outras. Era muito cobiçoso do alheo por mà , e desordenada maneira , e não queria homem em seu conselho salvo que lhe louvasse sua razaõ , e tudo quanto fazia. Matou muitas honradas pessoas sem razaõ só por lhe darem bons concelhos , e outras sem porque , e por ligeiras suspeitas , em tanto que muitos bons se afastáraõ delle muito anojados por temor da morte ; porque nenhum estava com elle seguro , posto que o bem servisse , e elle lhe fizesse muita mercê , e honra. E deixados os achaques , que a cada hum punha pelos matar , sómente em breve das mortes digamos , e mais não.

No segundo anno do seu reinado foy morta Dona Leonor Nunes de Gusmaõ , manceba , que fora del Rey seu pay , e mãy do Conde D. Henrique , que depois foy Rey ; e posto que alguns di-

digaõ que foy por mandado da Rainha Dona Maria, sua mãy, certo he que ella não mandára fazer tal coufa sem consentimento delRey, seu filho. Deu ElRey a sua mãy todos os bens de Leonor Nunes. Mandou ElRey matar Gracia Lafo da Veyga, que era hum grande Fidalgo de Castella, e muito aparentado de genros, parentes, e amigos, por suspeita, que delle teve. Mandou matar tres homens bons da Cidade de Burgos, a saber Pedro Fernandes de Medina, João Fernandes Escrivaõ, e Affonso Gracia de Carmago. Item cercou D. Affonso Fernandes Coronel na Villa de Aquilar, e a entrou por força, e mandou-o matar, e a Pedro Coronel, seu sobrinho, e João Gonçalves de Dêça, e Ponço Dias de Quesada, e Rodrigo Annes de Bedena, e João Affonso Carrilho, que era muy bom Cavalleiro.

Mandou ElRey pedir a ElRey de França, que lhe dèsse por mulher huma das filhas do Duque de Borbom, seu primo, e de seis filhas, que elle tinha escolhèraõ os Mensageiros huma, que chamavaõ Dona Branca, moça de dezoito annos, e bem fermosa, e a recebèraõ em seu nome; e como ElRey D. Pedro soube disto mandou que lha trouxessem logo. Enviou ElRey de França com ella o Bisconde de Cardona, e outros grandes Cavalleiros de sua terra, que lha trou-

trouxeraõ muy honradamente ; e deu-lhe com ella muy grande casamento em ouro , e prata , e outras riquezas , e foraõ entaõ feitas as Dobras , que chamaõ de Dona Branca , e os Reaes de Castella del Rey D. Pedro.

Em quanto os Mensageiros foraõ tratar este casamento tomou elle por manceba a Dona Maria de Padilha , que andava por donzela em casa de Dona Izabel de Menezes , filha de D. Tello de Menezes , mulher de D. Joaõ Affonso de Albuquerque , que a criava , e tal vontade poz El Rey em ella , que já não curava de cazar com Dona Branca quando veyo , tendo já da outra huma filha , que se chamava Dona Briatriz ; e por conselho de D. Joaõ Affonso de Albuquerque , porèm muito contra vontade del Rey , ordenou de fazer suas vodas em Valhadolid , e foraõ feitas em huma segunda feira ; e logo à terça seguinte como El Rey comeo acabo de huma hora , deixou sua mulher , sem que valesse rogo , nem lagrymas da Rainha Dona Maria , sua mãy , nem da Rainha de Aragaõ , sua tia , (que se achava presente) para que o pudessem deter que senaõ partisse ; e levou tal andar que foy essa noite dormir a Aldea de Poyares , que são dezaseis legoas de Valhadolid , e ao outro dia chegou a Monte Alvaõ onde estava Dona Maria de Padilha ;

e tinha ElRey quando partio, e alguns, que com elle hiaõ mulas em certos lugares. Porém não chegàraõ com elle mais de tres; e foy por isto grande alvoroço entre os Senhores, e Fidalgos do Reyno, que todos alli se achavaõ; e alguns foraõ logo partidos delRey, e depois por aficado concelho, tornou ElRey a Valhadolid, e esteve com sua mulher dous dias, e nunca mais podèraõ com elle que alli affoçegasse, e partio-se, e nunca mais a quiz ver.

E o Bisconde, e Cavalheiros, que com ella vieraõ, se partiraõ sem mais falar a ElRey. E sendo viva esta Rainha Dona Branca não havendo mais que hum anno, que ElRey com ella cazára, pareceo-lhe bem Dona Joanna de Castro, filha de D. Pedro de Castro, que chamavaõ da Guerra, mulher q̃ fora de D. Diogo d'Alfaro, e cõmetteo-lhe por outrem q̃ cazasse com elle. E ella não querendo por elle ser cazado, disse elle q̃ tinha razões, porque o não era; e mandou aos Bispos D'àvilla, e Salamanca, q̃ pronunciaßem, que podia cazar, e elles com medo differaõ-no assim; e foraõ recebidos na Villa de Calhar, dentro na Igreja solemnemente pelo Bispo de Salamanca, q̃ os recebeo ambos. No dia seguinte partio ElRey dalli, e nũca mais vio esta Dona Joanna; mas ella sempre se chamou Rainha, ainda q̃ não prazia disso a ElRey.

A Rainha Dona Maria tomou consigo sua nora, e foi-se para Turdesilhas, e des ahi a mandou ElRey levar guardada a Arevelo, que a não visse sua mãy, nem outra alguma pessoa, e depois a teve preza em Medina-Sidonia, e alli a mandou matar, sendo então a Rainha em idade de vinte e cinco annos muito sezuda, e bem acostumada, e elle teve ordenado de mandar matar a Alvaro Gonçalves Moraõ, e a Dom Alvaro Pires de Castro, irmão de Dona Ignez, mãy de D. João, e de Dom Diniz, filhos delRey D. Pedro de Portugal, (da qual os teve) sendo Infante; e foraõ percebidos por Dona Maria de Padilha, que lho mandou dizer; e assim escaparaõ da morte, e mandou matar em Medina del Campo hum dia pela cèsta em feu Paço a Pedro Rodrigues de Vilhegas, Adiantado Mòr de Castella, e a Sancho Rodrigues de Rojas, e foy morto hum Escudeiro de Pedro Rodrigues; e mandou matar em Toledo vinte e dous homens bons do common, porque foraõ em conselho de se alçar a Cidade de Toledo por não matarem em ella a Rainha Dona Branca, segundo todos daquella vez cuidaraõ; entre os quaes mandou matar hum ourives velho de oitenta

canio

M

annos

annos; e hum seu filho de dezoito vendo-o naquelle tranze, disse a ElRey, que lhe pedia por mercê que antes mandasse matar a elle, que a seu pay; * e ElRey mandou-o assim fazer com crueza; porém mais prouvéra a todos que ElRey não mandara matar nem hum, nem outro; e mandou matar quatro Cavalleiros bons dessa Cidade, a saber Gonçalo Mendes, Lopo de Velhasco, Tello Gonçalves o Palomeque, e Lopo Rodrigues seu irmão.

Quando entrou na Villa de Touro, onde a Rainha sua mãy estava, fahio a Rainha a elle do Alcacer por seu mandado; e mandou matar Dom Pedro Esteves, que se chamava Mestre de Calatrava, alli onde vinha junto com ella, e Ruy Gomes Gonçalves de Castanheda, que a trazia de braço, e Affonso Telles Giraõ, e Martim Affonso Tello, todos quatro ao redor da Rainha, e ella quando os vio matar tão junto de si, cahio em terra desmayada como morta, e levantáraõ-na bradando, e maldizendo a seu filho, (que tão pouco a respeitava,) e a poucos dias lhe pedio que a mandasse a Portugal para ElRey seu pay; e assim o fez, e ahi morreo depois, segundo tendes ouvido. * E mandou ElRey matar a Gomes Manriques de Cornamela, e a outros, e ordenou hum

Torneo

Torneo em Turdefilhas de luta por luta, por matar nelle o Mestre de Santiago Dom Fadrique seu irmão, que entrava no Torneo, e ElRey não quiz descobrir este segredo a ninguem, e porèm não se fez aquelle dia.

CAPITULO XIX.

Como se começou o desvairo entre ElRey D. Pedro de Castella, e o Conde D. Henrique, seu irmão, e qual foy o azo porque o Conde se foy fora do Reyno.

POis havemos de fazer menção ao diante da guerra, e grande desvairo, que depois houve entre o Conde D. Henrique, e ElRey D. Pedro seu irman, necessario he que contemos primeiro como se começou sua desavêça, e porq̃ modo elle se partio do Reyno. E isto antes que entremos à guerra de Aragaõ, em cuja ajuda elle depois veyo; onde sabey, que morto ElRey D. Affonso sobre o cerco de Gibraltar, que foy na era de 1387. annos, no mez de Março, e todos por seu Rey o Infante D. Pedro, seu primogenito filho, sendo entã em idade de quinze annos, e sete mezes, estando na Cidade de Sevilha; partiraõ do arrayal com o corpo delRey para o virem enterrar a Castella muitos dos Senhores, e Fidalgos, que estavaõ ali com elle, assim como:

o Infante D. Fernando filho del Rey de Aragaõ, Marquez de Tortoza, sobrinho do dito Rey D. Affonso, filho da Rainha Dona Leonor, sua irmã, e D. Henrique, Conde de Trastamara, e D. Fadrique, Mestre de Santiago, seus irmãos, filhos de Leonor Nunes, e do dito Rey D. Affonso, e D. João Affonso de Albuquerque, e outros Senhores, e Mestres, e ricos homens.

E passando o corpo del Rey porante a Villa de Medina-Sidonia, que era de Leonor Nunes, ella se foy dentro ao lugar, por quanto Affonso Fernandes Coronel, que o tinha por ella, lhe disse que o não queria mais ter; e foy por esta entrada, que Leonor Nunes fez em aquelle lugar muy grande murmuração entre os Senhores, e Cavalleyros, que levavaõ o corpo del Rey, cuidando, que ella se punha alli em esforço dos filhos, e parentes seus, que alli vinhaõ; e D. João Affonso de Albuquerque quando vio aquella ficada, que os filhos, e parentes de Leonor Nunes faziaõ com ella naquelle lugar, que era bem forte, (suposto entrassem entaõ de visita) tratou com alguns que o Conde D. Henrique, e D. Fadrique, seu irmão, estivessem naquella Villa como prezos.

Soubeo Leonor Nunes, e tomou grande medo, e trataraõ com ella segurado-a D. João Nunes de

de Lara, que tinha sua filha esposada com D. Tello, seu filho della; cuidando ella que tal segurança fosse firme, sahio-se do lugar ella, e seus filhos, e D. Pedro Ponce de Leão, e D. Fernão Pires Ponce, seu irmão, Mestre de Alcantara, e D. Alvaro Pires de Guimão, e outros seus parentes, e houverão todos acordo de se apartar delRey, receando-se muito de hirem a Sevilha, onde ElRey D. Pedro estava, e serem prezos, e logo em esse dia, que partiraõ de Medina se foraõ a Morraõ, que he huma Villa, e Castello bem forte a cerca da terra de Mouros, e não se segurando ainda de estar alli, foraõ-se para Algefira, que tinha D. Pedro Ponce, e Dom Fadrique se tornou para terra da Ordem de Santiago.

A Rainha Dona Maria com seu filho ElRey D. Pedro, e todos, os que eraõ em Sevilha sahirão fóra da Cidade a receber o corpo delRey, e foy-lhe feito muy honradamente tudo aquillo, que cumpria, e foy soterrado na Igreja de Santa Maria na Capella dos Reys. ElRey D. Pedro sabendo a partida (ou apartamento) de seus irmãos, e dos outros Fidalgos, e como estavaõ em Algefira, mandou saber secretamente que manei-
ra tinhaõ, (ou que ordenavaõ) e achou que se apoderavaõ do lugar o mais que podiaõ, e mandou là galès armadas, e Goterres Fernandes de
To-

Toledo por Capitaõ; e o Conde D. Henrique, e outros, que com elle estavaõ, vendo que lhes naõ cumpria estar mais alli, tornàraõ-se para Moraõ, onde estava Fernaõ Rodrigues Ponce. Em isto foy-se Dona Leonor Nunes a Sevilha, e posta a de parte a segurança que lhe feita tinhaõ, mandou-a ElRey guardar muy bem no Alcace-re; tratàraõ depois por parte delRey com o Conde D. Henrique, e com os outros Senhores de forte que se vieraõ todos a Sevilha para ElRey; e o Conde hia ver cada dia sua mãy, com a qual estava Dona Joanna, filha de D. João Manoel, sua esposa, e houveraõ a cordo a mãy como o filho q̃ houvesse ajuntamento com sua esposa por senaõ desfazer o casamento, que rugiaõ; e assim o fez, e pefou disto muito a ElRey, e à Rainha sua mãy, e a outros muitos, e por isto defendeo ElRey que a naõ fosse nenhum mais ver, e levàraõ-na dalli para Carmona; e o Conde D. Henrique fogio para as Esturias, por quanto lhe differaõ, que o mandava ElRey prender.

Depois foy levada Dona Leonor, sua mãy a Talaveira, e allia mandou matar a Rainha Dona Maria por Affonso Fernandes de Olmedo, seu Escrivaõ, como já tendes ouvido. O Conde D. Henrique estando nas Esturias ouviu como El-Rey mandava matar sua mãy, e depois Gracia
La-

Laço, Adiantado de Castella, e não ousou estar alli mais, e veyo-se a Portugal para ElRey Dom Affonso. E quando ElRey D. Pedro fez vistas com seu avô em Cidade Rodrigo como disse-mos * rogou ElRey D. Affonso a seu neto, que perdoasse ao Conde, e elle perdoou-lhe, e tornou-se o Conde para as Esturias, porque não ousou de ir para ElRey, e elle nas Esturias, soube ElRey como bastecia Gijom, e foy-se là, e cercou o lugar, onde estava sua mulher Dona Joanna, porque elle não se atreveo de o esperar alli, e foy-se em tanto a humamontanha muy forte, que dizem Montojo, e os de Gijom preitejaraõ-se com ElRey, que perdoasse ao Conde, e que lhe não faria guerra de nenhum seu Lugar; e a El-Reyaprouve, e tornou-se.

E quando ElRey houve de fazer suas vodas em Valhadolid com Dona Branca, segundo contamos, chegou o Conde D. Henrique, e Dom Tello, seu irmão, e trazia o Conde seiscentos homens de cavallo, e mil e seiscentos de pé. E sendo em Ajales, duas legoas donde El-Rey estava, mandou-lhe dizer que não ousaria entrar na Villa salvo com toda sua gente, por quanto se receava de alguns, que eraõ na Corte, e ElRey mandou-o segurar. Não se fiando do seguro marchou com todos; mais hove-
raõ

rao de peleijar com ElRey que sahio a elles ; depois foraõ d'acordo com elle , e ficáraõ em sua mercê , e casou ElRey com Dona Branca , e deixou-a ao outro dia , e foy-se para Dona Maria de Padilha , e da sahida foy desavindo d'elle D. Joaõ Affonso de Albuquerque , que governava a Casa delRey , e tratou-se depois que D. Joaõ Affonso estivesse em Portugal se quizesse , e que seus Castellos , e bens , que havia em Castella fossem seguros.

Prometeo-lhe ElRey que sim , e depois que D. Joaõ Affonso veyo para Portugal , cercou-lhe ElRey Medelhim , e cobrou-o , e fello derribar , e depois cercou Albuquerque , e naõ o podendo tomar , partio-se dalli , e deixou por fronteiros em Badalhouse o Conde D. Henrique , e o Mestre de Santiago D. Fadrique , seu irmaõ ; partido ElRey dalli , enviou o Conde seurecado a D. Joam Affonso que fossem todos tres amigos , e entrassem por Castella ; a elle aprouvelhe muito , e firmàraõ seu preito de ser assim , e houveram D. Fernando de Castro em sua ajuda , que estava em Galiza , e começaram de entrar por Castella , fazendo em ella grande estrago.

Em isto mandou ElRey D. Pedro Joaõ Affonso de Hemstrosa , seu Camareiro Mór a Arevalo , onde estava a Rainha Dona Branca , sua mulher ,
que

que a trouxesse ao Alcacere de Toledo, e elle trazendo-a pela Cidade, disse ella que queria primeiro ir fazer oração á Igreja de Santa Maria, e des que foy dentro na Igreja não quiz mais fahir della, receando-se de ser morta, ou preza; João Affonso não se atreveo de a fazer fahir da Igreja contra sua vontade, e tornou-se para ElRey.

Os moradores de Toledo fallando sobre isto houverão piedade da Rainha, e acordarão de a não deixar prender, nem matar naquella Cidade, e determinarão de pôr por ella os corpos, e quanto haviaõ; e mandarão primeiro por D. Fadrique, Mestre de Santiago, e acolherão-no dentro com suas companhas, e mais enviãrão suas cartas ao Conde D. Henrique, e a D. João Affonso de Albuquerque, e a D. Fernando de Castro, fazendo-lhes saber sua sentença; e tiverão com Toledo por parte da Rainha a Cidade de Cordova, e Conqua, e o Bispado de Jaem, e Talaveira, e o que cumpre dizer mais os Infantes D. Fernando, e D. João, primos delRey; e muitos Senhores, e Cavalheiros se partirão delle por ajudar a tenção dos outros, de sorte, que não ficãrão com ElRey mais de seiscentos de cavallo, e todos aquelles Senhores lhe mandavaõ dizer q promptos estavaõ para o servir, e fazer seu mandado, com tanto que tomasse sua mulher, e vi-

N

vesse

vesse com ella, e não regesse o Reyno pelos parentes de Dona Maria de Padilha, nem os fizesse seus Privados. E ElRey não quiz cahir em tal preitezia, (ou convir nisso.)

Neste tempo adoeceo D. João Affonso de Albuquerque, e ElRey mandou secretamente tratar com o Físico, que tratava delle, que lhe faria mercês se lhe desse couza, com que morresse; fello elle assim, segundo depois foy sabido, e os Vassallos de D. João Affonso promettêrao de não enterrar seu corpo até que esta demanda nam fosse acabada; e elle assim o mandou em seu Testamento, e quando aquelles Senhores ondenavao o Conselho sobre aquillo, que lhes convinha fazer, falava em lugar de D. João Affonso, Ruy Dias Cabeça de Vaca, que fora seu Mordomo Mór; e erao as gentes destes Senhores todos até cinco mil de cavallo, e muita mais gente de pè.

Vendo ElRey como perdia as gentes por esta via, houve conselho de se pôr em poder delles na Villa de Touro, e alli partiraõ elles logo os Officios do Reyno, e da Casa delRey entre si, de sorte que a ElRey não aprouve; e entao foraõ enterrar o corpo de D. João Affonso, tendo que sua demanda era já acabada.

ElRey sentindo-se como prezo, segundo a maneira, que com elle tinhaõ, fingio que queria

ria ir à caça, e huma manhã cavalgou muito cedo, e foy-se a Segovia; e foraõ-se os Infantes para ElRey por suas preitefias, e começou-se de desfazer a companhia, que antes se ajuntara; e o Conde D. Henrique, D. Tello, e D. Fadrique, seus irmãos, ficaram a huma parte; e seriam por todos até mil e duzentos de cavallo, e muitos homens de pè, e houveraõ entrada em Toledo, e foy ElRey à Cidade, e cobrou-a, e elles deixaram-na, e foraõ-se. E depois lhe enviou rogar a Rainha Dona Maria que se fossem para Touro, onde ella estava receando-se delRey, seu filho, e foraõ-se là, e chegou ahi ElRey com suas gentes, e peleijaraõ nas barreiras, e não pode ElRey ahi asfocegar por mingua dagua, e partio-se dahi, e depois que se ElRey foy partio-se o Conde D. Henrique para Galiza, huns diziaõ q̃ para se ajuntar com Dom Fernando de Castro, outros affirmaõ que o fazia o Conde por não ser cercado, e quizera ElRey partir a poz elle, e depois houve conselho de tomar primeiro a Villa de Touro, e cercou-a outra vez, e tratou com D. Fadrique, seu irmão, e do Conde D. Henrique, que ficara na Villa por guarda, que se fosse para elle, e elle fello assim. Em outro dia cobrou ElRey a Villa por hũa porta, que lhe deraõ, e prendeo Dona Joanna, mulher do Conde D.

Henrique , e fez matar alguns do Lugar , e mais aquelles Cavalleiros , que foraõ mortos a cerca da Rainha , sua mãy , como diffemos.

Quando o Conde D. Henrique foubeco mo ElRey cobrara a Villa de Touro , e matara aquelles Cavalleiros , que tinha por sua parte , e que o Mestre D. Fadrique seu irmão , era já com ElRey de acordo , entendeo , que lhe não convinha mais aprofiar na guerra , nem estar mais tempo no Reyno , e preitejou com ElRey , que lhe dèsse cartas de seguro para se hir para França , e a ElRey aprouve disto , e deu-lhas. Soube o Conde como ElRey mandara ao Infante D. João , e a Diogo Lopes Sarmiento , seu Adiantado Mór , e a todos os outros Cavalleiros , e Officiaes das Comarcas por onde elle andava , que se o Conde fosse que lhe tomassem o caminho , e o matassem , assim como depois matou todos os Senhores , e homens , que foraõ na companhia da demanda , que se levantou contra elle por razão da Rainha Dona Branca.

E o Conde partio de Galiza , e foy pelas Esturias , por quanto por aquella Comarca não havia mandamento delRey , pensando elle pouco que fosse por alli , e passou apressadamente , e foy-se para Biscaya , onde estava D.

Tello

Tello seu irmão, e dahi passou-se por mar à Arrochela, onde achou ElRey de França, q̃ havia guerra com os Inglezes, e tomou delle soldo, (assentando praça para o servir nella.) E desta maneira foy a sua desavença com ElRey D. Pedro seu irmão; e partida do Reyno de Castella, durando em todas estas desavenças, que ouvistes em estes Capitulos passados, espasão de sete annos.

CAPITULO XX.

Como, e por qual azo se começou a guerra entre Castella, e Aragoão.

ANdando em sete annos que ElRey D. Pedro de Castella reinava, Era de 1394. annos, estando elle em Sevilha, mandou armar hũa galè para hir folgar em ver pescaria, q̃ faziaõ nas Covas das Almadras, e foy em hum galè a S. Lucar de Barrameda, e achou hi no porto dez galès de Catalães, e hũ navio de q̃ era Cappitaõ hũ Cavalleiro Aragonez, q̃ diziaõ Mosem Francez de Perelhos, as quaes hiaõ por mandado delRey de Aragoão em ajuda delRey de França, contra ElRey de Inglaterra; e entrando aquelle Cappitaõ em aquelle porto por tomar refresco, achou hi dous baixeis de Prafétis, carregados de azeites, q̃ hiaõ para Alexãdria, e tomou-os, dizendo,

do, que eraõ fazendas de Genovezes, com quem os Catalães haviaõ guerra. Entaõ ElRey lhe mandou dizer: *Que pois aquelles baixeis estavaõ em o seu porto que os não quizesse tomar ao menos por sua honra delle, pois estava alli de presente.* E elle respondeo: *Que aquellas gentes eraõ inimigos delRey de Aragaõ, e que os podia tomar de boa guerra.* ElRey lhe mandou dizer outra vez: *Que fosse certo se as deixar não quizesse, que mandaria prender em Sevilha todos os Mercadores Catalães, que bieraõ, e tomar-lhes todos os seus bens.*

Os Cappitães das galès por tudo isto o não quizerão fazer, e vendeo logo alli os baixeis por setecentas Dobras; e foy-se seu caminho, sem mais fallar a ElRey; o qual ficou disto muito agastado, e cheyo de grande melancolia, e desgosto, e não sem razão, mas a vingança foy excessivamente demasiada; porque assim como de pequena faísca se ascende grande fogo, achando cousas dispostas, em que obre; assim ElRey D. Pedro com destemperada sanha por tomar daquillo vingança, moveo crua guerra contra Aragaõ de sangue, e fogo por muitos annos, como agora brevemente ouvireis. Porque elle mandou logo prèder em Sevilha todos os Mercadores Catalães, q̃ hi eraõ, e escreveolhes todos os seus bẽs,

e

e ao outro dia partio-se com pressa por terra, e fellos todos pôr em cadeas, e vender quanto lhe achàraõ, e mandou logo a ElRey de Aragaõ fazerlhe queixume de Mosem Francez da pouca honra, e cortesia, que em elle achàra, mandando-lhe rogar por duas vèzes, (que tivesse respeito à sua presença para não fazer a preza, que fez; pelo que) lhe requeria, que lho entregasse para delle haver emmenda, e àlèm disto que tirasse huma Comimenda, que dera a D. Pedro Moniz de Godoy, que era homem a que não queria bem; e se estas coufas fazer não quizesse, que fosse certo que lhe faria guerra.

ElRey de Aragaõ deu sua resposta, que lhe pezava do nojo, que a ElRey fora feito, e que como aquelle Cavalleiro tornasse para seu Reyno, que elle o ouviria, e faria justiça de modo que elle Rey de Castella fosse contente, (e ficasse satisfeito,) e que a Cõmenda, que havia dado a D. Pedro Moniz, pois a ElRey não prazia disso, que elle procuraria outra cousa, de que lhe fizesse mercê, mas que esta, que lhe aldèsse que lha não podia tirar sem grande sua mingua. O mensageiro, q̃ bem sabia a vontade delRey D. Pedro, não foy contente desta resposta, e desafiou-o logo, e

a seu Reyno; e ElRey de Aragaõ disse, que ElRey de Castella não havia justa razão para fazer isto, e que o deixava em Juizo de Deos; e mandou logo a perceber sua terra.

CAPITULO XXI.

Como ElRey de Castella entrou por Aragaõ, e das cousas, que fez em este anno.

ELRey de Castella em quanto mandou a Aragaõ o recado, q̃ haveis ouvido, antes q̃ a reposta delà viesse, com dezejo de tomar vingança, mandou à pressa armar sete galès, e seis nãos, e meteo-se ElRey em ellas cuidando de achar na costa de Portugal aquelle Cavalleiro, e chegou atè Tavira, onde soube q̃ era passado; e tornou-se para Sevilha, e mādou ElRey as galès à Ilha de Niça, e começou-se a guerra por todas as partes. Neste tẽpo começou-se a Era de 1395 annos, em cuja sezaõ morreo ElRey D. Affonso de Portugal, a q̃ ElRey D. Pedro, seu neto, mādara pedir ajuda para esta guerra, segũdo ante havemos contado; e vêdo ElRey de Aragaõ a não boa maneira, (ou defavença) que ElRey de Castella com elle queria ter, fello saber ao Conde D. Henrique, e a algũs Cavalleiros Castelhanos, q̃ andavaõ em França por medo delRey D. Pedro; e

e o Conde com elles vieraõ-se para elle, e El-Rey os recebeo muy bem, e deu ao Conde certos Castellos, em que tivesse suas gentes, e fol-do para oitocentos de cavallo.

ElRey de Castella como isto soube partio de Sevilha, e entrou por Aragaõ, e tomou alguns Castellos, e tornou-se para Dèça, hum Villa sua na frõtaria de Aragaõ, e acendia a guerra cada vez mais; e alli chegou a elle o Cardeal D. Guilhem, Legado do Papa Innocencio VI. para pôr avença entre elles, e não podendo fazer cessasse a guerra de todo por as cousas muy graves de outorgar, que ElRey D. Pedro de Castella requeria a ElRey de Aragaõ, fez em tanto hum tregoa de quinze dias, os quaes durando tomou ElRey D. Pedro a Cidade de Taraçona; e o Cardeal se aggravou contra ElRey dizendo, que em quanto elle fora falar a ElRey de Aragaõ, durãdo ainda os dias da tregoa tomara elle aquella Cidade; e ElRey dizendo, que já eraõ passados, e o Cardeal dizendo que não, ficou o lugar por ElRey bem fornecido de gente; e desta segunda vez, que ElRey entrou em Aragaõ, e tomou a Cidade de Taraçona, se vieraõ para elle muitas gentes de seus Reynos, e alguns Inglezes, de forte que eraõ sete mil de cavallo, e dous mil genetes, e muita gente de pè: e vendo o Car-

deal que não podia être os Reys tratar firme paz, ordenou que houvesse tregoa por hum anno, e foy apregoada em hũa segunda feira dez dias do mez de Mayo da mesma Era 1395.

ElRey veyo-se então a Sevilha por mandar fazer galès, e encaminhar de fazer armada no anno seguinte, tanto que as tregoaas fossem fahidas. Em este comenos durando a tregoa tratou Pedro Carrilho, que vivia com o Conde Dom Henrique suas avenças com ElRey D. Pedro, que o honrasse em seu Reyno, e que se veria para elle. A ElRey aprouve, e fello assim, e Pedro Carrilho, des que segurou alguns dias a amisade, traçou como podesse levar a Condeça D. Joanna, que estava preza des que ElRey tomàra a Villa de Touro, para o Conde, seu marido, e foy assim de feito, que a levou. E desta forte cobrou o Conde sua mulher, de que pefou muito a ElRey D. Pedro quando soube que assim alevàraõ.

CAPITULO XXII.

Como ElRey D. Pedro fez matar o Mestre de Santiago D. Fadrique seu irmão no Alcacere de Sevilha, e outros Cavalheiros.

SE dizem q̃ o q̃ faz nojo a outrẽ, escrevẽ o faz no pò, e o injuriado em pedra marmore, bẽ se cūprio isto em ElRey D. Pedro, porq̃ elle movido

vido por fobejo queixume contra seus irmãos, e outros do Reyno por causa da tenção, que tomaraõ em favor da Rainha D. Branca, e contra os parentes de D. Maria de Padilha, segundo ouvistes, que ja em tempo havia mais de tres annos, andando entao a Era em 1396. ordenou em Sevilha alli, onde estava de matar o Mestre de Santiago D. Fadrique, seu irmão, e mandou-o chamar onde vinha de guerra, que fora tomar a Villa de Jumela, que he no Reyno de Murcia, por lhe fazer serviço, e no dia que o Mestre havia de chegar á Cidade chamou ElRey pela manhã em sua Camera o Infante D. Joao, seu primo, e tomou-lhe juramento sobre a Cruz, e os Evangelhos, e descubrio-lhe como o queria matar, rogando-lhe, que o ajudasse a fazer tal obra, e terlhohia em serviço; e como fosse morto, que logo entendia de hir a Biscaya matar o outro irmão Dom Tello, e darlhe a elle as suas terras.

E o Infante D. Joao respondeo, que lho tinha em grande mercê querer fiar delle seus segredos, e que lhe prazia muito do que tinha ordenado, e era contente de o fazer assim.

Em isto chegou Dom Fadrique antes de comer, hum terça feira 29 dias de Mayo, e como chegou de caminho foy logo ver ElRey,

que estavam no Alcacere da Cidade jogando as tavolas, e beijou-lhe a mão, e muitos Cavalleiros com elle, e ElRey o recebeu muy bem, mostrando-lhe muy boa vontade, e perguntou-lhe donde partira, e que pousadas tinha? O Mestre disse, que partira de Santilhana, que são dalli cinco legoas, e que as pousadas entendia, que seriaõ boas; e ElRey, porque entraraõ muitos com o Mestre, disse, que se fossem a posentar, e depois se viriaõ para elle.

O Mestre partio-se, e foy ver Dona Maria de Padilha, e as sobrinhas, que estavaõ em outra parte dos Paços, e dalli se veyo ao estabulo, onde deixara as bestas, e não achou hi nenhuma, porque assim fora mandado aos Porteiros. O Mestre não sabendo se tornasse a ElRey, ou que fizesse, disse-lhe hum seu Cavalleiro, suspeitando mal de tal feito, *que se sabisse pelo postigo do estabulo, que estava aberto, porque lhe não faltariaõ bestas se fosse fóra.* E elle cuidando se o faria, vieraõ-lhe dizer, que o chamava ElRey, e elle começou de tornar a ElRey, porèm espantado, receado-se muito, e como hia êtrãdo pelas portas dos Paços, e das Cameras, assim hia cada vez mais desfacõpanhado, de sorte q̃ quando chegou õde ElRey estava não hia cõ elle já mais q̃ o Mestre de Calatrava;

e estiveraõ á porta ambos, e não lhes abriraõ; e posto que todas estas cousas lhe apresentavaõ meffagem de morte, vendo-se sem culpa, tomava em si algum alento, e esforço.

Neste tempo abriraõ o postigo do Paço, onde ElRey estava. E ElRey disse a Pedro Lopes de Padilha, seu Bèsteiro Mór, que prendesse o Mestre. *Senhor* [disse elle] *qual delles?* O *Mestre de Santiago*, disse ElRey. E elle travou delle, dizendo: *Sede prezo*. O Mestre ficou espantado; e quando ouvio outras vezes que ElRey dizia aos bèsteiros da massa, *que o mataffem*, desenvolveo-se de Pedro Lopes, que o tinha prezo, e quiz tirar da espada, que tinha na cinta, e foy sua desaventura tal, que não pode, por causa do talabardo, que tinha vestido, e andando muy rijo de hum a parte à outra, não o podiaõ ferir os bèsteiros com as maças, até que o houveraõ de ferir, e cahio em terra por morto.

ElRey, quando vio o Mestre jazer em terra, fahio pelo Alcacere cuidando de achar algũs dos seus para os matar, e não os achou, que eraõ fugidos, e escondidos; e só achou no Paço, onde estava Dona Maria de Padilha, Sancho Dias de Vilhegas, Camareiro Mór do Mestre, que se acolhèra alli quando ouvio dizer que o mataraõ, e tomou Dona Briatriz, filha del-

delRey nos braços, cuidando por ella escapar da morte, e ElRey fezlhha tirar das mãos, e deu-lhe com huma brocha, que trazia, e matou-o, e tornou-se onde jazia o Mestre, e achou-o que não era bem morto, e fello acabar de matar a hum feu moço da Camera, des hi foy-se assentar a comer, e mandou logo em este dia pelo Reyno, que mataffem estas peffoas. Em Cordova a Pedro Cabreiro, hum Cavalleiro, que hi morava, e hum Jurado, que diziaõ Fernaõ d' Affonso de Gachiz; e mandou matar D.Lopo Sanches de Mendanho, Comendador Mòr de Castella; e matar em Salamanca Affonso Jorge Tenorio, e em Touro Affonso Pires Formosinho; e mataraõ em Mora Gonçalo Mendes de Toledo; e estes dizia ElRey que mandava matar, porque foraõ da parte da Rainha Dona Branca, aos quaes ElRey já havia perdoado, e não curando do que prometera, mandou a todos cortar as cabeças (por muito contumaz no odio, que huma vez concebia das peffoas.)

CAPITULO XXIII.

Como ElRey partio de Sevilha por tomar Dom Tello, seu irmão para o matar, e como matou o Infante Dom João, seu primo.

E Stando ElRey ainda comendo mandou chamar logo o Infante D. João, seu primo, e disselhe em segredo como tanto que comesse queria partir para Biscaya por hi matar D. Tello, seu irmão, e que fosse com elle, e darlhe-hia o senhorio daquella terra, e o Infante não embargando que estivesse cazado com Dona Isabel, irmã da mulher do Conde D. Tello, aprouvelhe muito com taes novas, e beijou as mãos a ElRey por isso, cuidando pouco no que lhe elle tinha ordenado; e ElRey partio logo, e o Infante com elle, e foy em sete dias em Aguilar do Campo, onde D. Tello estava; e D. Tello andava aquelle dia ao monte, e hum seu Escudeiro quando vio ElRey foy-lho logo dizer com muita pressa; e elle com a mesma fogio, e chegou a Bermeo, huma Villa sua ribeira do mar, e entrou em Pinaças de Pescadores, e foy-se para Bayona de Inglaterra; e ElRey cuidando de o tomar, seguiu o caminho para onde fora; e aquelle dia, que Dom Tello chegou a Bermeo, e entrou no mar, esse mesmo dia chegou ElRey, e
entrou

entrou em outros navios, cuidando de o alcançar, porém o mar era hum pouco boliçoso, e ElRey anojou-se, e deixou de o seguir, porque hia muy longe, e tornou-se para terra, e prendeo Dona Joanna sua mulher.

E o Infante D. João quando vio D. Tello por esta sorte fugido, disse a ElRey: *Que bem sabia sua mercê como lhe diffiera em Sevilha, que queria matar D. Tello, e darlhe a terra de Biscaya, que era sua, e que pois D. Tello era fóra do Reyno sem sua graça, que fosse sua mercê de la dar, como lhe prometèra.* ElRey disse: *Que mandava aos Biscainhos, que se ajütassem como haviaõ de costume, e que elle birialà, e lhe mandaria, que o tomassem por senhor.* E o Infante com alegre esperança de cobrar a terra lhe beijou a mão por isto, tendo-lho em grande mercê. Os Biscainhos hindo para se ajuntar onde haviaõ de costume, fallou ElRey com os mayores delles, dizendo-lhes em segredo, *que respondessem quando elle lhes propozesse de dar a terra a D. João, que não queriaõ outro Senhor senão a elle Rey.* Elles differão: *Que assim o fariaõ.*

Elles juntos bem couza de mil dos principaes, propoz ElRey muitas razões por parte do Infante D. João, leu primo como a terra de Biscaya lhe pertencia por direito, por azo do casamento

mento de sua mulher, e que lhes rogava, e mandava que o tomassem por Senhor. Porém que elle hiria a Bilbao, e que ainda tornaria outra vez a fallar com elles, que o tomassem por Senhor. O Infante começou de entender, que isto era encuberta, que ElRey fazia, e teve-se por mal contente. ElRey em Bilbao, mādou ao outro dia chamar o Infante, e elle veyo, e entrou só na Camera, e ficaraõ dous seus à porta, e os que sabiaõ parte da sua morte começaraõ de jogar com elle por lhe tirarem hũ pequeno cutello, que trazia; e assim o fizeraõ; e Martim Lopes, Camareiro Mór delRey abraçou-se entaõ com o Infante, e hum bêteiro deu-lhe com huma maça na cabeça, e deshi outros, e cahio o Infante, e foy isto huma terça feira, havendo quinze dias que o Mestre D. Fadrique fora morto em Sevilha.

ElRey mandou-o lançar na rua por huma janella da casa, onde pousava, e disse aos Biscainhos, que estavaõ alli: *Vedes hi o vosso Senhor de Biscaya, que vós demanda por seus.* Isto feito mandou logo ElRey a João Fernandes de Hinistrofa, que se fosse a Roa, donde estava a Rainha de Aragoã sua tia, mãy do dito Infante, e Dona Isabel sua mulher, e q̃as prendesse ambas; e não sabendo parte a mãy do filho, nem

a mulher do marido, foraõ prezas em hum dia, e ElRey chegou em outro, e fez-lhe tomar quanto tinhaõ, e mandou-as prezas a Castro Xeres, e dalli partio, e veyo-se a Burgos, onde esteve huns oito dias, e alli lhe trouxeraõ as cabeças daquelles que ouvistes, que mandára matar pelo Reyno quando o Mestre Dom Fadrique foy morto.

CAPITULO XXIV.

Como foy quebrada a tregoa de hum anno, que havia entre os Reys, e como ElRey D. Pedro ajuntou Armada para fazer guerra a Aragaõ.

NO's naõ diffemos a morte do Mestre D. Fadrique, e do Infante D. Joaõ da maneira, que ora ouvistes por nos prazer de contar as crueldades, (que este Rey usava) mas posemolas hum pouco assim cumpridas mais que dos outros, porque eraõ notaveis pessãoas, e para que visses a fórma, que ElRey teve em os matar. Onde sabeys que por esta causa, naõ embargando que ainda durasse a tregoa de hũ anno, que o Cardeal puzera entre ElRey D. Pedro de Castella, e o de Aragaõ, que tanto que o Conde D. Henrique soube que o Mestre D. Fadrique, seu irmão era morto, e isso mesmo differeaõ ao Infante D. Fernando, Marquez de Tortoza, da morte do Infan-

te D. João, seu irmão, ajuntáraõ logo suas gentes, e entráraõ por Castella; e o Conde entrou por terra de Soria, e chegou à Villa de Seirom, e roubou-a, e combateo ao Castello do Alcacer, cuidando de o tomar, e tornou-se para Aragaõ; e o Infante D. Fernando entrou pelo Reyno de Murcia, e fez muito danno em aquella terra.

ElRey soube disto em Valhadolid, e poz logo Fronteiros contra Aragaõ, e veyo-se a Sevilha, e fez armar á pressa doze galès, e em as armando chegáraõ seis galès de Genoezes, que entaõ haviaõ guerra com os Catalãos, e prouve-lhe muito com ellas a ElRey, e tomou-as a soldo, dando por mez a cada huma mil dobras cruzadas. Com estas dezoito galès chegou a huma Villa, que chamavaõ Guardamar, que era do Infante D. Fernando, e fez ElRey huma manha, que eraõ dezafete dias de Agosto, fahir muita gente de todas as galès para combater a Villa; e posto fosse bem cercada, tomou-a por força; e acolheraõ-se muitos ao Castello, e estãdo-o combatendo às horas de meyo dia alçou-se hum vento muy forte que he travessia naquella terra, e como as galès estavaõ sem gente deu cora todas detravès à costa, que não escapáraõ mais de duas, que jaziaõ dentro no mar, huma delRey, e outra dos Genoezes, e

às dezaseis mandou ElRey pôr o fogo, porq̃ sennaõ podiaõ reparar, e dos remos, e outros aparelhos não se salvou sennaõ muy pouco, q̃ puzeraõ em huma não de Laredo, que hi estava, e houve ElRey, e os Patroens das galès bestas, em que partiraõ dalli, das gentes de Goterre Gomes de Toledo, que chegaraõ hi elle, e outros com seiscentos de cavallo, e foy-se ElRey muy triste com este máo successo, e todos os das galès de pè com elle muy nojofos; e chegou ElRey a Murcia, e foraõ-se os Genoezes para a sua terra em navios de Cartagena.

E ElRey mandou logo a Sevilha que fizessem à pressa galès, e em oito mezes foraõ feitas doze galès novas, e repairadas quinze de outras, que estavaõ nas Tercenas, e fez fazer muitas armas, e grande almazem, e mandou aperceber todos os navios do Reyno, e que não se fretassem para nenhuma parte; e partio ElRey de Murcia, foy-se à frontaria de Aragaõ, e ganhou alguns Castellos, e tornou-se para Sevilha; e foy esta a quarta vez que ElRey D. Pedro entrou em Aragaõ.

CAPITULO XXV.

Como veyo o Cardeal de Bolonha para fazer päs entre ElRey de Castilla, e ElRey de Aragaõ, e os não pode pôr de acordo.

E Stãdo ElRey assim em Sevilha, foubе como D. Guilhê, Cardeal de Bolonha era na Villa de Almagom por tratar paz entre elle, e ElRey de Aragaõ, e fez saber o Cardeal a ElRey se lhe aprazia de elle hir a Sevilha, onde elle se achava, ou se aguardaria alli por elle, havendo de hir para aquella Comarca. ElRey era partido de Sevilha para a frontaria de Aragaõ quando lhe chegou este recado em Villa Real, e disse que lhe aprazia muito com sua vinda, e que o aguardasse naquella Villa, porque elle hia directamente para ella, e foy assim que chegou hi ElRey a poucos dias, e fallou o Cardeal a ElRey presentes os do seu Conselho, tudo o que lhe o Papa enviava a dizer, assim do nojo, que tomava por a guerra, em que era elle, e ElRey de Aragaõ, como do grão prazer que haveria se os visse postos em paz.

ElRey respondeo que a guerra, que elle havia com ElRey de Aragaõ era muito por sua culpa, e contou ao Cardeal o que lhe aviera com o Cappitaõ de suas galês na Foz de Barrameda, como

como ouvistes, e como fizera saber tudo a El-Rey de Aragoão, e que nunca quizera atentar por isso como devia; e de mais que mandara a França por todos seus inimigos para lhe fazer com elles guerra. O Cardeal disse que queria hir fallar a El-Rey de Aragoão sobre isto; e ElRey disse que lhe prazia, e que de boa vontade haveria com elle paz, fazendo ElRey de Aragoão estas cousas; primeiramente: *Que lhe entregasse aquelle Cavalheiro para delle fazer justiça onde elle quizesse, e que lançasse fóra do Reyno o Infante Dom Fernando, Marquez de Tortosa, seu irmão, e mais D. Henrique, e todos os outros, que vierão em ajuda da guerra, e que lhe dêsse os Castellos da Viola, e Alicante, e outros Lugares, que forão de Castella antigamente, e mais por as despesas, que fizera na guerra lhe tornasse quinhentos mil florins.*

O Cardeal posto que lhe parecessem isto cousas desarrefoadas, disse que lhe prazia de tomar cargo de hir fallar a ElRey de Aragoão sobre isto. E chegou a Aragoão, e contou a ElRey peo miudo todas as cousas que lhe ElRey de Castella differa. ElRey respondeo, dizendo assim: *Cardeal amigo bem vedes vós q se elle houvesse vontade de baver comigo paz, que me não demandaria taes cousas, como me envia requerer; por-*
que

q̃ o Cavalleiro não he direito q̃ o entregue para o matar, pois não fez por q̃, mas isto quero-o fazer, m̃ade-o acusar por direito, e se for achado, q̃ merece morte, eu lbo quero entregar prezo q̃ o mande matar em seu Reyno. Ao q̃ diz q̃ envie fóra de meu Reyno D. Henrique, e D. Tello, e D. Sancho, seus irmãos; pois são seus inimigos, digo que me apraz se ficar com elle de acordo; mas desterrar fóra do Reyno o Infante D. Fernando, meu legitimo irmão, isto me parece estranho de pedir.

Os Lugares, que me requiere, que lhe entregue não tenho razãõ; porque cá foraõ julgados a este Reyno por sentença del Rey D. Dinis de Portugal, e pelo Infante D. João de Castella, presentes muitos Fidalgos de seus Reynos, e elle, e eu temos cartas de como foraõ partidos.

As despezas, q̃ fez na guerra, não sou obrigado de lhas pagar, porque senão começou por minha vôtade, antes me pezou muito, e peza de ver entre mim, e elle tal desvario, mas tão to lhe farey se houvermos paz, q̃ havêdo elle guerra com El Rey de Granada, ou de Benamarim, q̃ o quero ajudar seis annos com dez galès armadas á minha custa quatro mezes cumpridos; e se Mouros passarẽ a Hespanha, e lhe cõvier oppor se, e dar-lhe batalha, o ajude cõ meu corpo, e gētēs, e ser cõ elle no dia da batalha; doutra maneira dizeilhe
que

quelhe requeiro da parte de Deos q me não queira fazer guerra, pois justa razão não tem, e se de outra sorte fizer, deixo-o todo na ordenança, e justiça de Deos.

Tornou o Cardeal a El Rey de Castella, e contou-lhe isto, que ouvistes. El Rey começou-se de queixar, dizendo que El Rey de Aragoão não pezava a guerra, nem se queria chegar para haver avença com elle, mas que desta vez provaria cada hum para quanto era, porèm por elle entender, que lhe prazia de haver paz, que elle se partia das outras cousas, que lhe demandava, e que lhe dèsse os cinco Lugares, que lhe requeria, e que lançasse de seus Reynos seus irmãos, e as gentes, que eraõ com elles.

O Cardeal foy com isto muy alegre, entendendo que pois se El Rey decia do que à primeira diffêra, que poderia aproveitar neste trato muito, e foy-se a Catalaud, onde El Rey de Aragoão estava, e contou-lhe como El Rey de Castella por bem de paz requeria já sómente estas duas cousas. El Rey de Aragoão houve acordo com os do feu Conselho, e disse, que as gentes todas lançaria fóra, mas que nenhuma Villa, nem Castello entendia de dar de feu Reyno, e que El Rey de Castella devia ser bem contente da primeira resposta. Quando o Cardeal tornou com este

este recado, foy ElRey D. Pedro muy fanhu-
do dizendo que tudo eraõ razoens pelo temor
da Armada, que queria fazer, pelo que disse
ao Cardeal que lhe perdoasse, porque não en-
tendia de fallar mais nesta materia; mas conti-
nuar sua guerra o mais que pudesse.

Ao Cardeal pesou muito de tal reposta;
e não podendo mais fazer, cessou de fallar em
ella. ElRey muy agastado portomar logo algu-
ma vingança deu sentenças de morte contra o
Infante D. Fernando, seu primo, e contra o
Conde Dom Henrique, seu irmão, e outros
muitos Cavalleiros, por a qual razão os perdeo-
entaõ de todo o ponto, e o peyor disto foy,
que mandou matar a Rainha D. Leanor, sua
tia, mãy do dito Infante D. Fernando, e Do-
na Joanna de Lara, mulher de D. Tello, seu
irmão; nas quaes cousas cumprio sua vontade,
e não fez muito do seu serviço, (cousa hor-
renda, que lhe foy muito estranhada,) e de-
pois que mandou fazer estas, e outras cousas,
poz seus fronteíros contra Aragoão, e partio Dal-
maçom, e veyo-se a Sevilha.

CAPITULO XXVI.

Como ElRey de Castella enviou pedir ajuda de galés a ElRey de Portugal, e como partio com sua Frôta por fazer guerra a Aragaõ.

SEndo ElRey de Castella em tal desacordo com ElRey de Aragaõ, e tendo vontade de fazer grande Armada contra seu Reyno em este anno de 1397. posto que grande numero de Frôta tivesse, (armada) assim de nãos, como de galés, porèm não contente, mandou dizer a ElRey de Portugal, seu tio, por João Fernandes de Hinistrofa, seu Camareiro Mór, que lhe rogava, que as dez galés, que lhe havia prometido de dar em ajuda contra Aragaõ, que as mandasse aparelhar, e lhas enviasse, porque lhe eraõ agora muito necessarias; a ElRey aprouve muito disso, e mandou logo armar de boas gentes dez galés, e huma galeota, e seu Almirante Micer Lâçarote com ellas. ElRey como soube qas dez galés de Portugal eraõ prestes, partio de Sevilha no mez de Abril meyado cõ toda sua Armada junta, a qual constava de oitenta nãos de alto bordo, e oito galés suas, e duas galeotas, e quatro barcasas, e mais tres galés delRey de Granada, que lhe enviara em ajuda a seu requerimento.

Esteve ElRey em Algezira quinze dias aguardando

dando por as galès de Portugal, e quando vio que tardavaõ partio para Cartagena, e ahi esperou todas suas nãos, e foy sobre Guadamar, e tomou a Villa, e o Castello, e dalli foy pela costa combatendo alguns Lugares, que não pode tomar; e chegou ao rio, e veyo a cerca de Tortoza, Cidade de Aragoão, e alli chegaram as dez galès de Portugal, que ElRey feu tio lhe enviara em ajuda, e prouve muito a ElRey com ellas, e a todos os da Fróta; e tinha ElRey entaõ por todas quarenta e huma galès além das Fustas pequenas: e partio ElRey dalli com toda a Armada, e chegou a Barcelona huma vespera de Pascoa, onde estava ElRey de Aragoão, e achou doze galès armadas, e não as pode tomar, porque se puzeraõ todas a travez junto com a Cidade, e dalli as defendiaõ com muita bestaria, e tiros; e esteve ElRey ante Barcelona com toda sua Fróta tres dias, e dalli se foy à Ilha de Niça, e cercou huma boa Villa, que tem o mesmo nome; e tendo-a assim apertada com engenhos, e bastidas, soube como ElRey de Aragoão tinha armadas quarenta galès, com que estava na Ilha de Mayorgas, e queria peleijar com elle.

ElRey de Castella como isto soube disse, que lhe não cumpria estar mais em ter-

ra, nem curar mais do cerco daquelle Lugar, pois todo o feito da guerra havia de haver fim por aquella batalha, em que os Reys haviaõ de ser por seus corpos, e fez logo recolher toda sua gente à Fróta, e meteo-se em huma grande galè, que fora dos Mouros, que passava quarenta cavallo sob-fota, e mandou fazer nella tres Castellos de madeira hum na proa, e outro na popa, e outro no meyo, e poz nella cento e sessenta homens de armas, e cento e vinte bêteiros, e partio ElRey de Niça com toda sua Fróta, e veyo-se a hum Lugar, que dizem Calpe, e alli ancoraraõ as náos, e galès junto da terra traz huma alta penha, que hi hà, de forte que senaõ podiaõ ver, salvo de perto.

As galès de Aragaõ appareceraõ dalli distantes à Villa atè duas legoas pouco mais dentro no mar; e eraõ quarenta, sem outros navios, e naõ vinha ElRey em ellas, porque os seus naõ quizeram, e ficou em Mayorcas, e ellas naõ haviaõ vista da Fróta de Castella por causa daquelle penha, que as encubria, e vinhaõ todas á vella em esta ordenança; em meyo dellas eraõ duas galès grossas com Castellos feitos, de que peleijassem, e em hũa vinha o Conde de Cardona, e em outra D. Bernardo de Cabreira, Almirante de Aragaõ, e duas galès de guarda vinhaõ di-

ante

ante por grande espaffo das outras , e muitas gentes de pé , e de cavallo por terra para as ajudarem fe mifter fizesse. As duas galès , que vinhaõ diante , como houveraõ vista das nãos , e Fróta de Castella abateraõ vellas , e tomaraõ os remos ; as outras todas como isto viraõ , fizeram logo o mesmo por se ordenarem á sua vontade ; e sabendo parte das nãos , que alli estavaõ , de que houveraõ mui grande receyo , naõ as oufaraõ de esperar no mar ; mas logo esla tarde a horas de vespèras se meteraõ todas no rio de Denia.

ElRey D. Pedro fez logo pôr todos os seus promptos , tratando de que ao outro dia se desse batalha , porèm o mar era taõ sem vento , q fenaõ podia aproveitar das nãos ; e havido seu conselho , em que foraõ varios os pareceres , determinou , que pois a Armada dos inimigos jazia em tal rio , que por sua estreitura naõ podia peleijar com ella , que se fossen em tanto para Alicante por ver se queriaõ depois peleijar. Assim se fez , e ElRey como dalli partio com sua Fróta , as galès de Aragaõ vieraõ-se lançar em Calpe , onde a Fróta de Castella jazia primeiro.

CAPITULO XXVII.

Como se partio o Almirante de Portugal com as dez galès, e como ElRey Dom Pedro desfarmou a Fróta, e de outras cousas.

HAvendo seis dias que ElRey D. Pedro estava em Alicante, e vendo que a Armada de Aragoão não apparecia, partio daquelle lugar, e veyo-se para Cartagena; porque alli disse o Almirante de Portugal a ElRey, que seu senhor ElRey de Portugal lhe mandara que estivesse com aquellas dez galès tres mezes, para hir onde quer que o elle mãdasse, e q̃ pois os tres mezes eraõ já passados, que não ousaria mais de estar alli, nem passaria o mandado de seu senhor. E ElRey de Castella quando isto ouviu, pesou-lhe muito, porque não quizera, que taõ azinha partira, e não podendo fazer, que se detivesse alli mais, deulhe licença que se viesse.

E tanto que as galès de Portugal se partiraõ acordou ElRey de deixar a Fróta, e hir-se por terra para Castella; e mandou as galès todas para Sevilha, e deu lugar às nãos, que se partissem, e elle veyo-se para Turdefilhas, onde estava Dona Maria de Padilha, mãy de seus filhos. As galès de Aragoão, como souberaõ que ElRey de Castella desfarmara a Fróta, desfarmaraõ

raão elles trinta galès suas, e deixaraão dez, que andassem pelo mar, por fazerem dano a alguns navios de Portugal, ou de Castella, e foy assim, que o fizeraão a alguns, mas poucos, e em pequenos navios.

Em esta occasião no mez de Setembro, o Conde D. Henrique, e D. Tello, seu irmão, e alguns Fidalgos, e Cavalleiros de Aragaão atè oitocentos de cavallo entraraão por Castella, por terra de Granada, e D. Fernando de Castro, e João Fernandes de Hinistrosa, e outros, que estavaão na Frontaria da Comarca de Almagão com hũs mil e quinhentos de cavallo, fahiraão a elles, e foy de tal forte, que peleijaraão junto de Moncayo, e foy vencido D. Fernando de Castro, e morto João Fernandes de Hinistrosa, e outros bons Fidalgos, e prezo Inhego Lopes de Orasco, e outros.

A ElRey D. Pedro pesou muito disto, e seus inimigos cobraraão grande esforço. E mandou neste anno matar em Carmona, onde estavaão prezos, D. João, e D. Pedro, seus irmãos, filhos delRey D. Affonso seu pay, e de Leonor Nunes de Gusmaão. Era D. Pedro de quatorze annos, e D. João de dezanove, moços innocentes, q̃ nunca lhe mal mereceraão. E por occasião destas, e outras muitas cousas, que tendes

desouvido, era El Rey D. Pedro taõ mal quisto, e aborrecido de todos, e haviaõ delle tamanho medo, que por ligeira cousa se partiaõ delle, e se hiaõ para Aragaõ para o Conde D. Henrique, assim como fez Diogo Lopes Sarmiento, e Pedro Fernandes de Vellasco, e outros com muitas gentes, que comfigo levavaõ, em tanto que o Conde disse a El Rey de Aragaõ, que se quizesse ordenar huma boa Campanha de gente, que elle entraria com elles por Castella, e que entendia de naõ achar quem lhe puzesse impedimento. E quizera El Rey de boamente, que se fizesse, mas que levasse o Infante D. Fernando, seuirmaõ a Cappitania delles, porẽm o Conde D. Henrique naõ quiz; e por tanto fenaõ fez naquella occasiaõ.

CAPITULO XXVIII.

Como o Cardeal de Bolonha quizera tratar paz entre os Reys, e naõ pôde; e como as gentes del Rey D. Pedro peleijaraõ com o Conde, e o desbarataraõ.

VEndo o Cardeal de Bolonha (que andava em Aragaõ por havir, e concordar estes Reys) como El Rey D. Pedro havia perdido parte de sua gente em aquella batalha, que houvera o Conde D. Henrique com D. Fernando de

Castro, e como se alguns Cavalleiros partiaõ delle, e se hiaõ para Aragaõ, entendeo que por estas, e outras razoens elle se chegaria a alguma boa avêça para haver paz com ElRey de Aragaõ, o que fez a saber a ambos os Reys se lhes aprazia de fallar mais em isto, e outorgou cada hum q̃ fim; e o Cardeal se veyo entaõ para Tudella, que he do Reyno de Navarra, e chegou a hi Guterre Fernandes de Toledo por Procurador delRey de Castella, e D. Bernardo de Cabreira, Procurador delRey de Aragaõ, e estiveraõ por dias, e não se avieraõ. ElRey D. Pedro como isto soube, partio de Sevilha para Leaõ, por quanto lhe differaõ que o Conde Dom Henrique, e D. Tello, e outros Senhores de Aragaõ se ajuntavaõ para entrar por Castella; e dalli partio, e veyo a Valhadolid, sabendo como já eraõ entradas aquellas gentes em seu Reyno, e matãraõ os Judeos de Navarra, e de oütros Lugares, e roubãraõ as Judarias.

O Conde chegou a Paõ-Curvo, e se deteve ahi alguns dias, e depois se partio para Navarra, e ElRey foy lá com o seu poder, e pousou em hum Lugar, que chamaõ Cofra, e ahi chegou a elle, hum Clerigo de Missa, natural de S. Domingos da Calçada, e contoulhe: *Que S. Domingos lhe differa em sonhos, que viesse a elle,*

e lhe dicesse, que fosse certo que não se guardando do Conde D. Henrique, que elle o havia de matar por sua mão. ElRey cuidou que o Clerigo lho dizia por induzimento; porèm o Clerigo affirmava que não, e mandou-o queimar ante si.

E partio ElRey huma festa feira para Navarra, onde o Conde estava; e elle era fóra da Villa com oitocentos de cavallo, e dous mil homens de pè; e mandàra pôr o Conde ante a Villa, e hum outeiro huma tenda, e hum pendaõ, e os delRey, que hiaõ diante peleijaram com o Conde, e venceraõ-no, e tomàraõ a tenda, e o pendaõ, e morreraõ ahi parte dos seus, e partio ElRey à tarde para Cofra, onde tinha seu arrayal, e em outro dia vindo para combater Navarra, onde ficàra o Conde, achou no caminho hum seu Escudeiro, que vinha fazendo pranto por hum seu tio, que lhe matàraõ, e ElRey o houve por hum forte final, e não quiz là hir, e tornou-se para S. Domingos, e dahi adous dias lhe diffieraõ, que era partido o Conde para Aragaõ levando caminho de Navarra, e quizera-o ElRey seguir, e o Cardeal lhe aconselhou, que o não fizesse, q̃ affaz a vondava deixar-lhe suas Villas, e hirem-se.

ElRey mandou aos seus, q̃ estivessem quedos, e daquelle lugar ordenou seus Fronteiros para os

Lugares

Lugares onde cumpria, e veyo-se para Sevilha; e chegando elle alli soube como hum Cavalleiro de Aragaõ, que chamavaõ Matheus Murcede andava no mar com quatro galès fazendo dãno a Castelhanos, e a Portuguezes, pelo q̃ fez armar cinco galès, e mandou em ellas hum seu bẽsteiro, que diziaõ Zoyzo, natural de Tortaria, q̃ fosse em busca daquelle Corsario, e foy assim, que o achou na Costa de Berberia, onde peleijou com elle, e desbaratou-o, e trouve as galès com elle prezo a Sevilha, e ElRey mãdou o matar, e a muitos dos q̃ vinhaõ presos com elle. Mas por agora deixemos a ElRey de Castella em Sevilha (com as suas tirãrias) matãdo, e prẽdendo aquelles, q̃ vos depois contaremos, e digamos algũas outras cousas, que este anno acontecẽrãõ em Portugal, que nos parece que he bem que saibais.

CAPITULO XXIX.

Como ElRey D. Pedro de Portugal disse, q̃ Dona Ignez fora sua mulher recebida, e da mãe neira, que niisso teve.

JA' tendes ouvido cūpridamẽte onde falãmos na morte de Dona Ignez, * a razãõ, porq̃ ElRey Dom Affonso a matou, e o grande desvairo, que entre elle, e este Rey Dom Pedro, seu filho, sendo entãõ Infante, houve por esta occasiãõ. Ora assim he, que

em quanto Dona Ignez foy viva, nem depois da morte della em quáto ElRey feu pay viveo, nem depois, que elle reinou atè este presente tempo nunca ElRey D. Pedro a nomeou por sua mulher, antes dizem que muitas vezes lhe enviàra ElRey feu pay perguntar se a recebèra, que a honraria como sua mulher; e elle respondeo sempre, que não a recebèra, nem o era.

E pousando ElRey em esta occasiã no Lugar de Cantanhede no mez de Julho, havendo já huns quatro annos, que reinava, tendo ordenado de a declarar por mulher, estando ante elle D. João Affonso, Conde de Barcellos, seu Mòrdomo Mòr, e Vasco Martins de Souza, seu Chançarel, e Mestre Affonso das Leys, e João Esteves Privado, e Martim Vasques, Senhor de Ruões, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e João Mendes, seu irmão, e Alvaro Pereira, e Gonçalo Pereira, e Diogo Gomes, e Vasco Gomes de Abreu, e outros muitos, que dizer não curamos, fez ElRey chamar hum Tabalião, e presente todos, jurou aos Santos Evangelhos por elle corporalmente tocados, que sendo elle Infante, vivendo ainda ElRey feu pay, que estando elle em Bragança, podia haver huns sete annos, pouco mais, ou menos, não se acordando do dia, e mez, que el-

le

le recebêra por sua mulher legitima por palavras de presente, como manda a Santa Madre Igreja, Dona Ignez de Castro, filha, que foy de D. Pedro Fernandes de Castro, e que essa Dona Ignez recebêra a elle por seu marido por semelhantes palavras, e que depois do dito recebimento a tivera sempre por sua mulher até o tempo de sua morte, vivendo ambos de commum, e de consuum, e fazendo-se maridança qual devião.

E accrescentou ElRey D. Pedro: *Que por quanto este recebimento não fora publicado, nem claramente sabido a todos os do seu senhorio em vida do dito seu pay, por temor, e receyo, que delle havia, que porrêr elle por descarregar sua consciencia, e dizer a verdade, e não ficar duvida em alguns, que do dito recebimento tinhão não boa suspeita, se fora assim, ou não, que elle dava de si fé, e testimunho de verdade, que assim se passára de feito, como dito havia.* E mandou àquelle Tabalião, que presente estava, que dêsse disto instrumentos a quaesquier pessoas, que lhos requeressem; e por então não se fez mais.

CAPITULO XXX.

Do testemunho, que alguns deraõ no casamento de Dona Ignez, e das razoes, que sobre isso propoz o Conde D. João Affonso.

PAssados tres dias, que isto foy, chegarão a Coimbra D. João Affonso, Conde de Barcellos, e Vasco Martins de Souza, e Mestre Affonso das Leys em o Paço, onde então lião Decretaes, sendo o Estudo em esta Cidade, presente hũ Tabalião chamarão duas testemunhas, a saber, D. Gil, que então era Bispo da Guarda, e Estevão Lobato, criado delRey, aos quaes differão, que pelo juramento dos Santos Evangelhos diceffem a verdade do que sabião em feito do casamento delRey D. Pedro com Dona Ignez, e perguntado cada hum por si de parte, o Bispo disse primeiramente: *Que andando elle com o dito Senhor, e sendo então Dayão da Guarda, que em aquelle tempo sendo ElRey Infante, e Dona Ignez com elle, pousavão na Villa de Bragança, e que elle Senhor o mandàra chamar hum dia à sua Camara, sendo Dona Ignez presente, e que lbe dissera, que a queria receber por sua mulher, e que logo sem mais detença o dito Senhor puzera a mão nas suas mãos delle, e isso mesmo a dita Dona Ignez,*

e que os recebèra ambos por palavras de presente, comomanda a Santa Madre Igreja, e que os vira viver de consuum atè morte de Dona Ignez; e que isto podia haver sete annos, pouco mais, ou menos; mas que senão acordava do dia, e mez, em q̃ fora; e deste feito não disse mais.

E semelhantemente foy perguntado Este-
vão Lobato, e disse: *Que sendo El Rey Infante, e pousando em Bragança, que o mandàra chamar á sua Camara, e que lbe dissera, que o mandàra chamar porque sua vontade era de receber Dona Ignez, q̃ presente estava, e q̃ queria, q̃ fosse disso testemunha, e q̃ o Dayão da Guarda, q̃ hi estava presẽte tomàra o dito Infãte por hũa mão, e ella por outra, e q̃ então os recebèra ambos por aquelas palavras, q̃ se costumão dizer em taes desposorios, e q̃ os vira viver jūtamente atè o tẽpo da morte della; e q̃ isto fora em o primeiro dia de Janeiro, podia haver 7 ãnos, pouco mais, ou menos.*

E tanto q̃ estes foraõ perguntados, e escritos seus ditos, segũdo ouvistes, fizeraõ logo jutar, que para isto já estavaõ prestes D. Lourẽço, Bispo de Lisboa, e D. Affõso, Bispo do Porto, e D. Joaõ, Bispo de Vizeu, e D. Affonso, Prior de Santa Cruz desse Lugar, e todos os Fidalgos antes nomeados, e outros muitos, que não diffemos, e os Vigairos, e Cleresia, e muito outro povo, assim
Eccle;

Ecclesiastico, como fecular, que para isto ahi se ajuntou; e feito silencio a bem escutar, começou a dizer o Conde D. João Affonso.

Amigos deveis de saber, que ElRey nosso Senhor, que ora he, sendo Infante passa já de hums sete annos, estando então em a Villa de Bragança, sendo ElRey seu pay vivo, recebeo por sua mulher legitima por palavras de presente a Dona Ignez de Castro, filha, que foy de D. Pedro Fernandes de Castro, e ella isso mesmo recebeo a elle, e sempre o dito Senhor a teve depois por sua mulher, fazendo-se maridança, qual deviaõ atè o tempo de sua morte; e por quanto estes recebimentos, e casamento não foy publicado a todos os do Reyno em vida do dito Rey Dom Affonso por medo, e receyo, que seu filho delle havia casando de tal sorte sem seu mandado, e consentimento; porèm q̃ agora ElRey nosso Senhor por desencarregar sua alma, e dizer a verdade, e não ficar duvida a alguns, que deste casamento parte não sabião se fora assim, ou não, fez juramento aos Santos Evangelhos, e deu dissosse, e testemunho de verdade, que foy desta sorte, que o eu digo, segundo vereis por hum instrumento, que disto tem feito Gonçalo Pires, Tabaliaõ que aqui está, e mais vereis o dito do Bispo da Guarda, e de Estevão Lobato, que aqui está,

taõ, que forão presentes no dito casamento. E entãõ lhes fez cumpridamente ler todo o testemunho, que ambos sobre isso deraõ.

E porque vontade del Rey nosso Senhor (disse elle) he que isto naõ seja mais encuberto, antes lhe praz que o saibaõ todos, por ser arredada a grande duvida, que sobre isso adiante podia recrecer, pelo que me mandou que vo-lo notificasse, e dicesse tudo isto por tirar suspeita de vossos coraçõs, e ser a todos claramente manifesto; mas porque naõ embargando tudo o q eu disse, e vos ora aqui foy lido, e declarado, alguns poderãõ dizer que tudo isto naõ abastava, se abi dispensaçãõ naõ houvesse por o grande divido parentesco, que entre elles havia, sendo ella sobrinha del Rey nosso senhor, filha de seu primo com irmão, me mandou que vos certificasse de tudo, e vos mostrasse esta Bulla, que houve no tempo de Infante, em que o Papa dispensou com elle, que pudesse casar com qualquer mulher, posto que lhe chegada fosse tanto, e mais como Dona Ignez era a elle.

Entãõ publicaraõ perante todos hũa Letra do Papa Joãõ XXII. que dizia nesta fôrma.

Joãõ Bispo, servo dos servos de Deos, ao muy amado filho Infante D. Pedro, primogenito do muy amado em Christo nosso filho muy claro Rey

de Portugal, e do Algarve Affôso, saúde, e Apostolica bẽçaõ. Se o rigor dos Sãtos Canones poem defeza, e interdiçtõ sobre a copula do Matrimonial ajuntamẽto, querendo q̃ senaõ faça entre aquelles, q̃ por algũ divido de parêtesco sã conjũtos por guarda da publica honestidade, aquelle porẽm, q̃ he às vezes Bispo de Roma depoderio absoluto, que em lugar de Deos dispensãdo pòde por especial graça pòr temperança sobre tal rigor; pelo que nòs de movido a cerca da tua pessoa com especial favor por algumas razõs, de q̃ ao diãte esperamos paz, e folgança em esses Reynos querendo condescẽder a tuas preces, e del Rey D. Affonso, teu pay, que por suas letras por ti a nòs humildosamẽte suplicou para casares com qualquer nobre mulher devota à Santa Igreja de Roma, ainda q̃ por linba trãsversa de hũa parte no segundo grão, e da outra no terceiro sejais devidos, e parentes; e isso mesmo ainda que por razã de outras duas linbas colatricaes seja embargo de parêtesco, ou cunhadia entre vòs no quarto grão licitamẽte por Matrimonio vos podesseis ajũtar. Nòs por Apostolical authoridade de especial graça, tudo tiramos, e demovemos, e dispẽsamos cõtigo, e cõ aquella cõ quẽ casares de nosso Apostolico poderio, q̃ a geraçã, que de vòs ambos nascer possa ser legitima sem outro impedimẽto.

Pelo

Pelo que nenhũ homẽ seja ousado presumptuosamente hir cõtra esta nossa dispẽsação, doutra maneira seja certo incorrer na ira, e sanha de todo poderoso Deos, e dos Bẽavẽturados S. Pedro, e S. Paulo Apostolos. Dada em Avinhaõ, duodecimo Calendas de Março; do nosso Pontificado anno nono.

Acabada de ler assim esta Carta disse entãõ o Conde presẽte elles todos: *Que elle por guarda, e em nome dos Infantes D. João, e D. Diniz, e Dona Beatriz, filhos, que erãõ dos ditos Senhores, quera tomar certos instrumẽtos para cada bũ delles.* E requereo ao Tabaliaõ que lhos dẽsse. Partiraõ-se entãõ todos para as pousadas, naõ faltando a cada hum razões duvidozas, que fõsem entre si fallando sobre esta historia.

CAPITULO XXXI.

Razoens contra isto de alguns, que abi estavãõ duvidando muito em este casamento.

A Cabadas as razões, q̃ ouvistes ditas presente Letrados, e outros muitos do povo, aquelles, q̃ de chaõ, e simples entender erãõ, naõ escoldrinhando bem o tecimento de taes cousas, ligeiramẽte lhe deraõ fẽ, outorgãdo ser verdade tudo, o q̃ alli ouviraõ. Outros mais futiz Letrados, e bẽ discretos, q̃ os termos de tal feito muy delgado investigaraõ, buscãdo se aquillo, q̃ ouvi-

raõ podia ser verdade, ou por o contrario, não recebêraõ isto em seus entendimentos, parecêdo-lhes de todo ser muito contra razaõ; porque certamente o crer da cousa ouvida está na razaõ, e não na vontade, porèm o prudente homem, q̃ tal cousa ouve, q̃ sua razaõ não quer cõceber, logo se maravilha duvidádo muito; pelo q̃ foraõ afaz dos q̃ alli estiveraõ de tal historia não muy cõtêtes, vêdo q̃ aquillo que lhe fora proposto nenhum alicerse tinha de razaõ; e se alguns quizerem perguntar, porque presumiaõ os taes ser tudo fingido, as razoes delles, que nos bem claras parecem, sejaõ reposta contra aquelles, que defendiaõ ser tudo verdade suas razoes, em esta maneira.

Naõ quizeraõ consentir os antigos, que nenhum resoadado homem sendo em sua saude, e inteiro sizo, se pudesse delle tanto asenhorear o esquecimento, que toda cousa notavel passada, sempre della não houvesse lembrança, allegando aquelle claro lume da Filosofia Aristoteles em hum breve tratado, que disto compoz; e porque todas as cousas presentes, ou que são por vir não cumpre haver nenhuma memoria, e ao das cousas passadas, que já acontecêraõ era necessaria a lembrança, dizendo, que a memoria he dita quando a imagẽ vista, ou vida de alguma

gũa coufa do homem he sempre presente na virtude memorativa, e reminiscencia, e quando alguma coufa feita, ou ouvida sahe da virtude memorativa, e depois tornar a lembrar por ver semelhante coufa, assim como se eu cazey, ou me foy feita hum grande mercê, ou fuy chamado a hum grande conselho em hum dia de Pascoa, ou Janeiro, ou outro dia affinado do anno, e depois me vem a esquecer não o tenho sempre presente na memoria, vendo depois outra voda, ou alguma das outras coufas, que acontecêraõ em semelhante dia, lembrarme-há entõces, que cazey em dia de Pascoa, ou outra qualquer coufa, que me succedeo, se vejo alguma semelhante, ou me perguntarem, porque convém que me lembre o dia, e a causa, posto que me esqueça o conto dos annos, ou dos dias, em que foy.

Tambem dizem, que tornavaõ ainda a lembrar por outra contraria maneira, assim como, se eu cazey em dia de Pascoa, e depois de alguns annos morre-me a mulher em outro tal dia, ou houve graõ prazer em dia de Natal, e depois graõ desgosto em semelhante dia, necessario he, q̃ me lembre o prazer primeiro, posto que o conto dos annos, ou dias me esqueçaõ, porque he coufa, q̃ não causa disposiçaõ na memoria; porẽm o dia affinado, em que me tal coufa aveo, nunca se tira

tira de todo o ponto, q̃ depois nam torne a lembrar cumpridamente, porque tal dia he effencia de relembração, que o processo do tempo não gasta; pelo que não he cousa, que possa fer, estando homem em sua faude, q̃ lhe cousa notavel esqueça, posto q̃ lhe o conto dos dias esqueça, q̃ he transitorio, e não da effencia do lembramento.

Pois como pôde cabir em entendimento de homem (diziaõ elles) que hum casamento tão notavel, como este, e que tantas razões tinha para ser lembrado, houvesse em tão pequeno espaço de esquecer, assim àquelle, que o fez, como aos que forão presentes, não lhe lembrando o dia, nem o mez; certamente buscada a verdade deste feito, a razão isto não consente. Porque deixadas todas as razões, que hi havia para se elle Rey lembrar bem quando fora assim, como a tomada de Dona Ignez, e o grande desvairo, que por tal azo houve com seu pay, desabi o grande tempo, que tardou atè que o fizesse, e a grande deliberação, com que se moveo ao fazer, e o segredo, com que o poz àquelles, que dizem que forão presentes; e deixando tudo isto, sómente por ser feito em dia de Janeiro, que he o primeiro dia do anno, segundo disse Estevão Lobato, de mais festa tão affinada do Paço do Infante, e por todo o Reyno, isto só era abastante affaz
pa-

para ser lembrado o dia, em que a recebêra, posto que longo processo de annos houvesse.

Outra razaõ notavaõ ainda a parecer fingido tudo, o que ouviraõ, dizendo: *Que se ElRey dava em seu testemunho, que com temor, e receyo de seu pay não ousára descubrir este casamento em sua vida delle, quem lhe tolhêra depois que ElRey morreo, que logo o não descobrisse, sendo em seu livre poder, e alvedrio, pois lhe aprazia tanto de ser sabido?* Mais diziaõ: *Que este feito queria parecer semelhante a ElRey D. Pedro de Castela, q̃ posto q̃ elle mãdasse matar Dona Brãca, sua mulher, em quãto Dona Maria de Padi-lha foy viva, q̃ elle tinha por sua mãceba, nunca lhe alguem ouvio dizer, que ella fosse sua mulher; depois q̃ ella morreo em bũas Cortes, q̃ fez em Sevilha alli declarou perante todos, q̃ primeiro casára com ella, que com Dona Branca, nomeando quatro testemunhas, que forão presentes, os quaes por juramento certificãrão logo, q̃ assim fora, como elle dizia, e des então mãdou elle que lhe chamassem Rainha, posto que já fosse morta, e os filhos Infantes; e fez logo a todos fazer menagem a hum filho, que della houvera, que chamavão D. Affonso, q̃ o tomassem por Rey depois de sua morte.* Por onde diziaõ os que isto, e outras razões secretamente entre si fallavaõ, q̃ a verdade não buscava

cava cantos, muito encuberta andava em taes feitos.

E assim porque o entender he disposto sempre para obedecer à razaõ, muitos que entonces isto ouviraõ, deixaraõ de crer o que dantes criaõ, e apegaraõ-se a este rasoado, mas nõs, que não por determinar se foy assim, ou não, como elles diffieraõ; mas sómente por ajuntar em breve o que os antigos notaraõ em escritos, * puzemos aqui parte do seu rasoado deixando cargo ao que isto ler, que destas opinioens escolha qual quizer.

CAPITULO XXXII.

Como os Reys de Portugal, e de Castella fizerão entre si avença, que entregassem hum ao outro alguns, que andavaõ seguros em seus Reynos.

Porque o fructo principal d'alma, que he a verdade, pelo qual todas as cousas estaõ em sua firmeza, ella hà de ser clara, e nam fingida, mayormente nos Reys, e Senhores, em que mais resplandece qualquer virtude, ou effeito, ou seu contrario, houveraõ as gentes por muy grã mal hum muito davorrecer escaibo, ou (contrato) que este anno entrè os Reys de Portugal, e de Castella foy feito;

feito; em tanto que posto que escrito achamos *delRey de Portugal, que a toda a gente era mantedor de verdade, nossa tenção he não o louvar, pois contra seu juramento foy consentidor em tão fea cousa como esta, onde assim aconteceu, segundo dissemos, que na morte de Dona Ignez, que ElRey D. Affonso, pay delRey Dom Pedro de Portugal, sendo então Infante, mandou matar em Coimbra, foraõ muy culpados, pelo Infante, Diogo Lopes Pacheco, e Pedro Coelho, e Alvaro Gonçalves, Meirinho Mór, e outros muitos, que elle culpou; mas assinaladamente teve contra estes o Infante muy grande rancura, e odio; e fallando verdade, Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho, eraõ nisto assazmente culpados.

Mas Diogo Lopes não, porque muitas vezes elle mandara perceber o Infante por Gonçalo Vazques, seu privado, que guardasse aquella mulher da ira delRey seu pay; porém depois de tudo isto, foy ElRey d'acordo com o Infante seu filho, e perdoou o Infante a estes, e a outros, que suspeitava; e assim mesmo perdoou ElRey aos do Infante todo o queixume, que delles havia, e foraõ sobre isso grandes juramentos, e promessas feitas, como cumpridamente tendes ouvido; * e vi

T

veraõ

verão assim seguros Diogo Lopes, e os outros no Reyno em quanto ElRey Dom Affonso viveo; e sendo ElRey doente em Lisboa de dor, de que estonce finou, fez chamar Diogo Lopes Pacheco, e outros, e disse-lhes:

Que elle sabia bem, que o Infante Dom Pedro, seu filho, lhes tinha má vontade, sem embargo das juras, e perdão, que fizera da maneira, que elles bem sabião; e que por quanto elle se sentia muy chegado à morte, lhes dizia, e aconselhava que lhes convinha muito de se porerem em salvo fóra do Reyno, porque elle não estava já em termos de os poder defender delle se lhes alguns nojos quizesse fazer. Elles se partirão logo de Lisboa, e se foraõ para Castella, andando então o Infante D. Pedro no monte à caça àlèm do Tejo, em huma Ribeira, que chamaõ de *Canha*, que são oito legoas da Cidade; e ElRey de Castella os recebeo de bom grado; e haviaõ delle bem fazer, e mercê, vivendo em seus Reynos seguros, e sem receyo.

E assim foy, que depois que o Infante D. Pedro reinou deu sentença de traição contra elles, dizendo: *Que fizeraõ contra elle, e contra seu Estado, cousas, que não deviam de fazer;* e deu os bens de Pedro Coelho a Vas-

co Martins de Souza, Rico homem, e seu Chanceler Mór, e os de Alvaro Gonçalves, e Diogo Lopes e outras pessoas, como lhe aprouve, e fez ElRey em alguns destes bens tantas, e taes bem feitorias, e outras repartio em tantas partes, que depois que elle morresse nunca mais os podessem haver aquelles, cujos foraõ, nem tirar àquelles, a quem os assim dava.

E semelhantemente fugiraõ de Castella nesta occasiaõ, com temor delRey, que os mandava matar, D. Pedro Nunes de Gusmaõ, Adiantado Mór da terra de Leaõ, e Mem Rodrigues Tenorio, e Fernaõ Guodiel de Toledo, e Fernaõ Sanches Caldeiraõ, e viviaõ em Portugal na mercê delRey D. Pedro, querendo não receber danno. Tambem os Portuguezes, como os Castelhanos; porque rasoada fé lhes dera ousado contentamento nas fraldas da seguraça, a qual não sendo bem guardada pelos Reys, fizeraõ caladamente hũa tal avença, que ElRey de Portugal entregasse prezos a ElRey de Castella os Fidalgos, que em seu Reyno viviaõ, e que elle outro fim lhe entregaria Diogo Lopes Pacheco, e os outros ambos, que andavaõ em Castella. E ordenaraõ, que fossem todos prezos em hum mesmo dia, porq̃ a prizaõ de huns não fosse avifamento aos outros; e que

T 2

aquelles

aquelles, que levassẽm prezos os Castelhanos atẽ o Estremo do Reyno recebessem os Portuguezes, que trouxessem de Castella.

CAPITULO XXXIII.

Como Diogo Lopes Pacheco escapou de ser prezado, e os outros forão entregues, e logo mortos cruelmente.

FEito aquelle contrato desta maneira, forão em Portugal prezos os Fidalgos, que dissemos, e naquelle dia, que o recado del-Rey de Castella chegou ao Lugar, onde Diogo Lopes, e os outros estavaõ para haver de serem prezos, aconteceo q̃ esta manhã muito cedo fora Diogo Lopes à caça dos perdigões, e prezos Pedro Coelho, e Alvaro Gonçalves; quãdo forão buscar Diogo Lopes, acharaõ, que não estava no Lugar, e q̃ se fora pela manhã à caça, cerraraõ entaõ a porta da Villa para q̃ ninguẽ lhe levasse recado para o avisar, e esperavaõ-no assim estãdo para o prender à vinda; e hũ pobre manco, * q̃ sempre em sua casa havia recebido esmola quãdo Diogo Lopes comia, e com quem algũas vezes zõbava, vẽdo como se passavaõ estas cousas, tratou comfigo, e cuidou muito em o avisar no caminho, antes que chegasse ao Lugar; para o q̃ foubẽ secretamente para qual parte Diogo Lopes fora; e chegando às guardas da porta,

lhes

lhes pedio, que o deixassem fahir fóra a buscar sua vida.

E elles, que de tal homem nenhuma cousa suspeitavaõ, abrião a porta, e deixaraõ-no fahir, e elle andou quanto pôde por onde entendeo que Diogo Lopes viria; e achou-o já vir com seus Escudeiros muy descuidado das novas, que lhe elle levava; e dizendo o pobre a Diogo Lopes: *Que lhe queria fallar*, quizera-se elle escusar de o ouvir, como quem pouco suspeitava que lhe trazia tal recado; profiando porẽm o pobre que o ouvisse, contoulhe em segredo como hum guarda delRey de Castella com muitas gentes chegaraõ ao seu paço para o prender depois que os outros foraõ prezos; e isso mesmo de que maneira as portas estavaõ guardadas, porque ninguem sahisse para o avisar.

Diogo Lopes tanto que isto ouviu, ficou sobrefaltado, e logo entendeo o que era, e o medo da morte o fez turbar todo, e pôr em grande pensamento, e cuidado; e o pobre lhe disse, quando o assim vio: *Tomay o meu conselho, e servoshà proveitozo. Apartay-vos dos vossos, e vamo-nos a hum valle, não longe daqui, e alli vos darey a maneira, como vos ponhaes em salvo.* Entaõ disse Diogo Lopes aos seus: *Que andassem por alli perto caçando, porque elle só queria hir com a,*
quelle

quelle pobre a hum valle, onde lhe dizia que havia muitos perdigoens. Fizeraõ-no assim, e foraõ-se ambos àquelle Lugar, e alli lhe disse o pobre: *Que se queria escapar, que vestisse os seus fatos rotos, e assim a pè andasse quanto pudesse atè dar na estrada, que hia para Aragaõ, e que com os primeiros Almocreves, que achasse se metesse por soldada; e assim com elles de volta fosse seu caminho, que por esta via, ou com habito de frade, se depois o haver pudesse, se puzesse em salvo no Reyno de Aragaõ; porque por força havia de ser buscado pela terra.*

Diogo Lopes tomou o seu conselho, e foy-se a pè daquelle maneira. E o pobre não tornou logo para a Villa. Os seus aguardàraõ por muy grande espaffo, e vendo que não vinha, foraõ-no buscar contra onde elle fora; andando em busca delle achàraõ a besta andar só, e cuidàraõ que cahira della, ou lhe fugira, e buscando-o com mayor cuidado foy a detença com isto tão grande, que se fazia já muito tarde, e vendo como o não podiaõ achar, levàraõ a besta, e foraõ-se ao Lugar; não sabendo que cuidassem em tal feito.

E quando chegàraõ, e virã de que sorte o aguardavão, e foubirão da prizão dos outros, ficarão muy espantados; e logo entenderão que era fugido; e pergutados por elle, disserão, que

caçando só se perdèra delles, e que buscando-o achàraõ a besta, e não a elle, e que com aquillo foraõ detidos atè aquellas horas, e que não sabião que cuidassẽ, senão que jaria em algum lugar morto; e os que tinhaõ cuidado, ou cargo de o prender, foraõ-no buscar por diversas partes sem effeito, e do que lhe succedeo no caminho, e como passou por Aragão, e se foy a França para o Conde Dom Henrique, e de que sorte lhe fez roubar os campos, não curamos de dizer mais por não sahir fóra do propósito.

Quando ElRey de Castella soube, que Diogo Lopes não fora tomado teve grande pezar, e não pode mais fazer. Então enviou Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho bem prezos, e arrecadados a ElRey de Portugal, seu tio, segundo era ordenado entre elles, e quando chegàraõ ao estremo achàraõ ahi Mem Rodrigues Tenorio, e os outros Castelhanos, que lhe ElRey D. Pedro enviava; e alli dizia depois Diogo Lopes, fallando nesta historia: *Que se fizera o troco de burros por burros*, (porẽm se elle não escapàra por virtude da esmola, houvera de entrar na mesma conta.) E foraõ levados a Sevilha, onde ElRey entãõ estava, aquelles Fidalgos, que já nomeamos, e alli os mandou

dou ElRey matartodos. E a Portugal foraõ trazidos Alvaro Gõçalves, e Pedro Coelho, e chegarão a Santarem õnde ElRey D. Pedro se achava, o qual com prazer de sua vinda (porẽm muito magoado, porque Diogo Lopes fugira) os sahio logo a receber fóra, e com ira cruel, sem piedade os fez por sua mãõ meter a tormento, querendo que lhe confessassem a verdade quaes foraõ culpados na morte de Dona Ignez, e que era o que seu pay tratava contra elle quando andavaõ desavindos por causa da morte della, e nenhum delles lhe respondeo a taes perguntas coufa, que a ElRey aprouvesse.

E ElRey com queixume, dizem que deu hum açoute no rosto a Pedrõ Coelho, e elle (exasperado) se soltou entãõ contra ElRey em palavras injuriosas, chamando-lhe: *Traidor, sem fé, prejuro, algoz, carniceiro dos homẽs.* E ElRey dizendo, que lhe trouxessẽ sebola, e vinagre para o coelho, enfadou-se delles, e mandou-os matar.

A maneira de sua morte sendo dita pelo miudo seria muy estranha, e crua de contar; porque mandou tirar o coração pelos peitos a Pedro Coelho, e a Alvaro Gonçalves pelas espadas; e quaes palavras houve, e aquelle, que lho tirava, que tal officio havia pouco em costume,

me, seria bem durida coufa de ouvir; e em fim mandou-os queimar; e tudo foy feito ante os Paços, onde elle poufava, de forte que comendo estava vendo executar quanto mandava fazer.

Muito perdeu ElRey de fua boa fama por tal efcaibo, (ou contrato) como efte; o qual foy havido em Portugal, e em Castella por muy grande mal, dizendo que todos os bons, que o ouviaõ diziaõ: *Que os Reys erravaõ muito indo contra fua verdade, pois que efte Cavalleiros estavaõ sobre feurança acoutados em feus Reynos.*

CAPITULO XXXIV.

De algumas coufas, que ElRey D. Pedro de Castella mandou fazer, e como fez paz com ElRey de Aragaõ entrando em feus Reyno.

NO's deixamos ante difto ElRey Dom Pedro de Castella em Sevilha prendendo, e mandando como lhe vinha em vontade, e contamos a morte de alguns, que depois matou, com outras coufas, que fe em Portugal em efte fezaõ passáraõ no anno de 1398. e depois que fe fez aquelle feo efcaibo dos Cavalleiros de hum Reyno a outro, segundo ouviftes em feus lugar, mandou ElRey Dom Pedro matar Goterre Fernan-

des de Toledo, feu Reposteiro Mòr, e trouxeraõ-lhe a cabeça delle, e Gomes Carrilho, filho de Pedro Rodrigues Carrilho, indo muy alegre em huma galè, em que ElRey fingio que o mandava para lhe entregarem a Villa de Algefira, para estar alli por Fronteiro, o Patraõ cortoulhe a cabeça, que mandoua ElRey, e deitoulhe o corpo ao mar; e foy preza a mulher, e os filhos deste Gomes Carrilho, e mandou ElRey matar hum Cavalleiro de Castella, que chamavaõ Diogo Lopes de Arvelos.

E deitou fóra do Reyno Dom Vasco, Arcebispo de Toledo, depòis que matou seu irmão Goterre Fernandes, e mandoulhe tomar quanto tinha, que nem sòmente hum livro levou comfigo, nem roupa, senão a que tinha vestida, e veyo para Portugal, (onde viveo algum tempo,) e morreo em Coimbra. Mandou prender Dom Samuel Livid, feu Thesoureiro Mòr, e graõ Privado do feu Conselho, e quantos parentes tinha pelo Reyno em hum dia, e tomou a elle, e aos outros todos quant a riqueza lhe achou; e foraõ-lhe dados grandes tormentos, e nas Tercenas de Sevilha prezo morreo.

Em este anno cuidou ElRey D. Pedro haver guerra com ElRey Vermelho de Granada, que

que diziaõ que tinha a parte delRey de Aragaõ. E este Rey Vermelho lançara ElRey Mafoma fóra do Reyno, mas logo fez preitezia com ElRey D. Pedro, que o não torvasse com ElRey Mafoma, seu inimigo, posto que houvesse ElRey graõ sanha delle, porque lhe em tal tempo quizera fazer guerra; e isto asfocegado, no mez de Janeiro da era de 1399. foy-se ElRey a Almação com muitas Companhias, que comfigo levava para entrar no Reyno de Aragaõ, e foraõ desta vez em sua ajuda seiscentos Portuguezes, e hia por Cappitaõ delles o Mestre de Aviz, Dom Martim do Avelar, bom Fidalgo, e muito honrado, e de que todos se tiveraõ por contentes; ganhou ElRey de Castella em Aragaõ desta vez alguns Lugares.

E o Cardeal de Bolonha, Legado do Papa fallou com ElRey, q̃ não dèsse lugar a se derramar tanto sangue como estava prestes; porque ElRey de Aragaõ com todo o seu poder estava disposto para peleijar com ElRey de Castella, que via que por guerra guerreada não podia igualar com elle. E tinha ElRey de Castella entaõ seis mil de cavallo, e muita gente de pé; receando-se delRey Vermelho de Granada, que lhe diziaõ que tinha feito liga com ElRey de Aragaõ para lhe fazer guerra, se mais durasse aquella contenda, pela qual razão

se desencaminhavão muito seus feitos, fez paz com ElRey de Aragaõ fingida, e muito contra sua vontade.

E foy (com estas condiçoens) *Que ElRey de Aragaõ enviasse fóra do Reyno o Conde D. Henrique, e D. Tello, e D. Sancho, seus irmãos, e os Cavalleiros, e Escudeiros de Castella, que com elles estavam em Aragaõ, e que ElRey de Castella lhe tornasse todos os Lugares, que lhe tinha tomados de seu Reyno, e dahi em diante fossem amigos.* E foraõ disto feitas escripturas, e apregoada a paz no Arrayal. E a prouve disto muito a quantos ahi erão, porque a guerra, que fazião era muito contra sua vontade.

CAPITULO XXXV.

De algumas entradas, que ElRey de Castella este anno fez no Reyno de Granada, e como ElRey Vermelho se veyo pôr em seu poder cuidando de ser seguro, e ElRey o mandou matar.

TAntoq̃ ElRey veyo de Aragaõ, e chegou a Sevilha, jũtou suas gētes por fazer guerra a ElRey Vermelho de Granada, dizēdo q̃ queria ajudar a ElRey Mafoma, e q̃ por sua causa fizera paz com Aragaõ contra sua vontade, e veyo-se para elle ElRey Mafoma com quatroçētos de cavallo,

vallo, e entrou em companhia del Rey Dom Pedro, e chegou El Rey a Antequeira, e não a pode tomar, e tornou-se, e mandou entrar os seus na Veiga de Granada, que eraõ seis mil de cavallo, e vencêraõ os Christãos duas peleijas, e foraõ dos Mouros mortos, e cativos muitos. Em outra peleija foraõ os Christãos vencidos, e alguns mortos; e foy prezo o Mestre de Calatrava, e Sancho Peres de Vala, e outros; e cuidando El Rey Vermelho, que fazia prazer a El Rey D. Pedro, fez grande recebimento, e agasalhando ao Mestre, e aos outros, cuidando d'amançar a vontade del Rey, e soltou o Mestre, e alguns Cavalleiros dos outros, e deu-lhes de suas joyas, e enviou-os a El Rey.

Elle lhe agradeceio muy pouco taõ grande presente; mas a poucos dias fez outra entrada, e ganhou quatro Lugares de Mouros, e poz recado nelles, e tornou-se a Sevilha, os Mouros combatêraõ hum destes Lugares, que chamaõ Sagra, e furando o muro entrando-o por força, preitejou-se Fernão Delgadillo, que o tinha, e foy posto em salvo, e veyo-se para El Rey, e El Rey mandou-o matar; e deu El Rey outra vez volta em Granada, e ganhou outros Lugares, e tornou-se a Sevilha. Os Mouros aggraváraõ-se todos dizendo a El Rey Vermelho, que pora
con-

contenda, que elle havia com ElRey Maſoma entràra já ElRey de Caſtella tres vezes na terra, e que ſe perdia o Reyno de Granada.

E ElRey houve diſto receyo. E vendo que não podia levar adiante aquillo, que começàra, houve conſelho de ſe vir pôr em poder, e mercê delRey de Caſtella, (parecendo-lhe) que ElRey des que o viſſe, haveria piedade del-le, e teria com elle alguma boa maneira; e partito logo de Granada com quatrocentos de cavallo, e duzentos de pè, e chegãrão ao Alcaçar de Sevilha, onde ElRey D. Pedro eſtava, e fizeraõ-lhe grandes reverencias, e ElRey os recebeu muy bem. Entãõ lhe falou hum Mouro por ElRey de Granada, dizendo entre outras couſas: *Que bem ſe poderia defender delRey Maſoma, que era ſeu contrario, mas delle, que era ſeu Rey, e Senhora não ſe podia defender, e que havendo conſelho ſobre iſto, o melhor acordo, que achàra, fora pôr-se em ſeu poder, e mercê, a quem pedia q̃ tomaffe aquelle feito em ſua mão, e que o punha em ſeu juizo, e que ſe ſua vontade era doutra maneira foſſe ſua mercê de mandar pôr elle, e os ſeus àlèm mar em terra de Mouros.*

E ElRey respondeo ao Mouro: *Que lhe prazia muito da vinda delRey, e dos ſeus, e que ſobre*

*sobre a contenda delRey Masoma elle teria com
isso boa maneira como se livrasse, e compuzesse
tudo.* E ElRey Vermelho, e os seus fizeram por
isto grande reverencia a ElRey, entendendo
que seu feito estava bem; e forão-se muito ale-
gres para as pousadas, que lhe ElRey mandou
dar na Judaria da Cidade.

A cubiça, que he raiz de todo o mal, fez
logo saber a ElRey D. Pedro como ElRey Ver-
melho trazia muita riqueza em aljofre, e pedras
preciosas, e joyas, e houve grande dezejo de
cobrar tudo isto, e mandou ao Mestre de San-
tiago, que o convidasse ao outro dia para a cea,
e aos Mouros honrados, que com elle vinhaõ,
e foraõ cear com elle atè cincoenta; e acabada a
cea estando seguros, e nenhum ainda levantado
da meza, chegou Martin Lopes com homens
armados, e prendeo a ElRey, e a todos os ou-
tros, e foy logo buscado ElRey, e achàraõ-lhe
tres pedras balazes muy nobres, e muy grãdes, e
achàraõ a hũ Mouro pequeno em hũ correo sete-
cêtas e trinta pedras balazes, e a hũ seu pagẽ cin-
coenta grãos de aljofre, taõ grossos como avelans
esburgadas, e a outro moço tão aljofre como er-
vanços, em q̃ poderia haver hũa oitava, e aos ou-
tros a hũs achavaõ aljofre, e a outros pedras, e tu-
dõ levavaõ a ElRey. No mesmo tempo foraõ ou-
tros

tros homens de armas à Judaria, e prenderaõ todos os outros Mouros, e todas as dobras, e joyas, que lhes acháraõ tudo leváraõ a ElRey; e foy o Rey Mouro levado prezo, e todos os seus á Tercena, e dahi a dous dias foy tirado a hum campo, que dizem *Tabarda*, elle, e trinta e sete Cavalleiros Mouros, e alli os mandou ElRey matar todos; e foy ElRey D. Pedro o primeiro que deu hũa lançada em ElRey Vermelho, que estava em cima de hum jumento, vestido em hum faya descarlata, e disse-lhe: *Toma, porque me fizeste fazer mã preitezia com ElRey de Aragaõ.* E o Mouro respondeo por sua Arabia, dizendo: *Pequena cavalgada fizeste.*

Enviou ElRey D. Pedro a cabeça delRey Vermelho, e dos outros trinta e sete Cavalleiros a ElRey Mafoma de Granada; e elle enviou-lhe alguns cativos. E posto que ElRey Dom Pedro diceffe muitas razões para colorar este mào feito por mostrar que o fizera sem encargo de sua consciencia, todos os seus o tiveraõ por muy grande mal, e lhes prouvera muito de naõ fer assim.

CAPITULO XXXVI.

Das avenças, que ElRey de Castella fez com ElRey de Aragaõ, entrando em seu Reyno, e como depois as não quiz guardar.

ELRey D. Pedro, que grande vontade tinha de tornar outra vez à guerra de Aragaõ, dizendo que a paz, que fizera fora contra sua vontade, por receyo delRey Vermelho, fez liga com ElRey de Navarra que foffem amigos, e se ajudassem, e mandou aos seus que se percebessem, e nenhum pensava, que foffe contra Aragaõ, com quem havia paz, e encubertamente antes que ElRey o soubesse por lhe tomar algumas Villas. Entaõ entrou em Aragaõ, e tomou logo seis Castellos, e cercou a Villa de Calataud, e tendo-a cercada entre tanto ganhou treze Castellos daquela Comarca; e ElRey de Aragaõ, que estava em cabo de seu Reyno, quando soube isto ficou espantado, e mandou a Proença, onde estava o Cõde D. Hérique, e seus irmãos, e outros Fidalgos de Castella desterrados do Reyno fazendo guerra, q̃o viesse ajudar, e lhes daria grandes soldos, e os herdaria em seu Reyno.

Entre tanto foy apertada a Villa de Calataud de forte que a tomou ElRey D. Pedro por preitezia, e deixou recado nella, e tornou-se a Sevilha. E receando-se delRey de França pela

morte da Rainha Dona Branca, sua mulher, que mandára matar, fez então sua firme amizade com ElRey Duarte de Inglaterra, e com o Principe de Gales, seu filho, que se ajudassem contra quaesquer outros, e entrou logo em Aragaõ, e chegou a Calataud, que estava já por elle, e ganhou por hi derredor sete Lugares; e quando a entrou por força mandou matar quantos no Lugar havia que não ficou algum; e a razão, porque dizem que os mandou assim todos matar foy porq̃ elle tendo-a cercada, e não a podêdo tomar alçou o cerco de sobre ella. E os da Villa quando assim o viraõ partir começaraõ de bradar do muro, dizendo suas affrontas, e maldiçoens, como cada hum lhe prazia.

ElRey houve disto grande desgosto, e mandou tornar suas gentes sobre o Lugar, e tão rijamente lhe deu o combate que a entrou logo por força; e por isto mandou fazer aquella grande mortandade. E cercou mais a Cidade de Taraçona, e tomou-a. E tendo-a cercada chegou o Mestre de Santiago de Portugal Dom Gil Fernandes de Carvalho com quinhentos Cavalleiros, e Escudeiros muy bem armados em sua ajuda, que lhe enviava ElRey Dom Pedro, seu tio. Entre os quaes hia Martim Vasques de Goes, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e Martim Affonso

Affonso de Mello, e Alvaro Gonçalves de Moura, e Nuno Viegas o velho, e Ruy Vasques Ribeiro, e outros muitos, e bons Fidalgos.

Partio dalli ElRey, e tomou Turiel, e onze Lugares outros; e tomou mais a Cidade de Segorbe, e a Villa de Monvedro, e veyo-se à Cidade de Valença, e havendo huns oito dias que ElRey estava sobre ella, soube que ElRey de Aragaõ, e o Infante Dom Fernando, seu irmão, e o Conde Dom Henrique, e Dom Tello, e Dom Sancho, e as outras gentes, por quem ElRey de Aragaõ mandara, eraõ já todos juntos para vir pelejar com elle, e que seriaõ trez mil de cavallo.

ElRey Dom Pedro, que a vontade não havia de pelejar com elles, partio-se de Valença, e foy-se para Monvedro, e ElRey de Aragaõ chegou atè duas leguas do Lugar, e poz sua batalha, e não achou com quem pelejar, e tornou-se, e da Ribeira de Monvedro vio ElRey Dom Pedro levar quatro galès suas a seis de Aragaõ, que as tomaraõ, e pesou-lhe muito disso; e alli se começaraõ de tratar avenças entre os Reis de Aragaõ, e Castella, a saber: Que casasse ElRey Dom Pedro de Castella com Dona Joanna, filha delRey de Aragaõ, e D. João primogenito de Aragaõ com Dona Briatriz,

triz, filha delRey Dom Pedro; e isto com certas condiçoens: e alli onde se ajuntaraõ para firmar as avenças foy requerido ElRey Dom Pedro, e disse que fenaõ achava naquella preitezia, e que o naõ requereßem mais; e dalli se veyo para Sevilha.

E dizia ElRey Dom Pedro, que nestes tratos fora fallado secretamente, que pois elle casava com a filha delRey de Aragaõ, e tomava com elle tal divido, que mataße, ou prendesse primeiro o Infante Dom Fernando, seu irmão, e o Conde D. Henrique, que eraõ seus inimigos; e pois o naõ fizera, que naõ curava de suas preitezias. E bem pareceo isto ser verdade; porque ElRey de Aragaõ dalli a poucos dias mandava prender, depois que comeo, o Infante D. Fernando, seu irmão, que tivera convidado effe dia, porque diziaõ que se queria hir com gentes, que tinha para a guerrade França; e porque fenaõ deu à prizaõ foy logo morto, e Luis Manoel, e Diogo Pires Xarmento com elle.

E todos os do Reyno lho tiveraõ a muy grande mal, por ser seu irmão, e muy nobre senhor, como era, e depois fez falla ElRey de Aragaõ com ElRey de Navarra que mataßem o Conde D. Henrique, e fingiraõ que fallassem em hũ Castello

ftello todos tres sobre outra coufa; e porque D. João Ramires de Aralhão, Camareiro del Rey de Aragaõ que o Conde efcolhera que tiveffe o Castello em quanto elles fallaffem, não quiz cõfentir em fer feita tal morte, escapou o Conde aquelle dia de fer morto.

CAPITULO XXXVII.

Como El Rey D. Pedro de Castella entrou outra vez em Aragaõ com fua Frõta de nãos, e galès, e das coufas, que là fez.

PArtio El Rey outra vez de Sevilha em o começo do anno de 1402. aos quinze annos do feureinado, e entrou em Aragaõ pelo Reyno de Valença, e ganhou Alicante, e outros Lugares, e chegando junto de Banio Nabio, galès, e outros navios, q̃ traziaõ mantimento a Valença, de que eftava muy minguada, tornou-fe do caminho por lhes dar torva, e poz feu arrayal onde chamaõ Giaõ na Ribeira do mar, q̃ hemeya legua da Cidade, e efperava cada dia fua Frõta, e galès de Portugal, q̃ lhe haviaõ de hir em ajuda, e todas eftavaõ já em Cartagena, não havendo tempo, com q̃ partir. E El Rey D. Pedro não sabêdo novas del Rey de Aragaõ, chegou hũ Efcldeiro a elle, e diffe-lhe, q̃ El Rey de Aragaõ, e o Conde D. Henrique com todos os cutros Senhores, e
gen-

gentes, que poderiaõ ser tres mil de cavallo a fora muitos homens de pè, vinhaõ muy encubertamente para pelejar com elle ante que dalli partisse, e que vinhaõ pelo mar em direito delles doze galès, e outros navios com mantimentos, e tres noites havia que não faziaõ fogo por não serem descubertos, e que ao outro dia seriaõ com elle.

ElRey ouvindo isto partio-se logo dalli, e foy-se a Monvedro, que eraõ quatro leguas. Ao outro dia pela manhã cedo chegou ElRey de Aragaõ, e pousáraõ todos entre Monvedro, e o mar humalegua da Villa, e suas galès, e navios alli junto, e foy fôccorrida a Cidade por mar, e por terra, e acabo de dias chegou a Fròta delRey de Castella, que eraõ vinte galès suas, e quarenta nãos, e dez galès de Portugal, que lhe enviava seu tio em ajuda. A Fròta de Aragaõ quando vio a de Castella, houvereceyo, e meteo-se no rio de Calhar; e ElRey D. Pedro entrou logo na Fròta, e foy-se pôr na boca do rio, cuidando tomar as galès de Aragaõ.

E estando alli começou de ventar o Levante, que he travessia naquelle lugar; e mōstrando o mar sua grande braveza, cuidàraõ todos que quebrassem suas galès em terra; e ElRey de Aragaõ com todas suas gentes aguardava em terra,

ra, crendo toda via por o vento, que se esforçava cada vez mais que de todo o ponto eraõ perdidas, e a galè delRey perdèra já tres calabres com suas ancoras, e sobre o quarto estava seu feito. Ao Sol posto cessou a tormenta, e esteve ElRey com muy graõ perigo arriscado a perder-se; e partio dalli deixando seus Fronteiros, e tornou-se para Castella.

ElRey de Aragaõ cercou Monvedro, e não o pode tomar, e partio-se dahi, e foy-se andar por seu Reyno entre tanto. E deu outra volta ElRey de Castella, e partio de Sevilha, e entrou por Aragaõ, e tomou alguns Lugares, e os da Villa Dauriola receando de serem cercados fizeraõ-no saber a ElRey, e veyo ElRey de Aragaõ com seu poder a duas leguas donde ElRey de Castella estava; e basteceo-a de mantimentos de que estava muito necessitada. ElRey D. Pedro não quiz pelejar com elle; mas deteve-se alguns dias por aquella terra, e tornou-se para Sevilha, onde achou novas de como algumas das suas galès, que andavaõ pelo mar, tomáraõ cinco galès de Aragaõ.

E com este gosto foy-se logo a Cartagena, onde estavaõ, e mandou matar toda a gente dellas, que não escapou pessoa alguma, salvo os que sabiaõ fazer remos, porque os houve mister:

e dalli partio El Rey D. Pedro para Murcia, sabendo como El Rey de Aragoão cercara Monvedro, e foy cercar a Villa Dauriola, que diffemos, e ganhouna Villa, e o Castello, e tornou-se para Sevilha, e os de Monvedro apertados do cerco, vendo-se já muito faltos de mantimentos requereraõ muito a miude a El Rey que os soccorresse; e El Rey porque lhes não podia valer senão por batalha, não era ousado de o fazer, porque elle não queria pelejar com El Rey de Aragoão, receando-se dos seus proprios vassallos, de que muito fenaõ fiava; pelo que buscava outras maneiras de guerra, e não por batalha; porque El Rey D. Pedro pelos muitos, que mandara matar; desahi pelos do Reyno, que sabia que eraõ d'elle mal contentes, e o desamavaõ, não se atrevia a pôr o corpo (aventurando sua pessoa.) Os de Monvedro, faltos de mantimentos de maneira que já comiaõ as bestas, caens, gatos, eratos, deraõ a El Rey de Aragoão o Lugar por preitefia, e estavaõ dentro para o defender seiscentos homens d'armas além de piaens, e besteiros, e os mais delles ficaraõ com o Conde D. Henrique pelo grande receyo, que haviaõ del Rey, sem embargo do soccorro, que d'elle não poderaõ haver.

CAPITULO XXXVIII.

Como o Conde D. Henrique entrou por Castella com muitas Companhias, e foy alçado por Rey, e como ElRey Dom Pedro mandou desamparar os Lugares todos, que em Aragaõ tinha ganhados.

GAnhado Monvedro por ElRey de Aragaõ foy-se por Barcelona, e vieraõ alli alguns Cappitães das Companhias, por quem elle mandára, que viessem, e firmáraõ com elle de ser alli no Fevereiro seguinte para entrarem em Castella com o Conde Dom Henrique. Soube ElRey Dom Pedro disto parte, e foy-se a Burgos, onde mandára juntar suas gentes das Companhias, e eraõ juntas; e (os de Aragaõ com o Conde) partiraõ de Saragoça para entrar por Castella, e vinhaõ hi Cappitães de Aragaõ, a saber o Conde de Denia, e Dom Filippe de Castro, e outros Cavalleiros. E de França Mosem Beltraõ Delpim, e o Conde das Marquas, e o Senhor de Baym, e o Mariscal Dandemar, Mariscal de França, e outros Cavalheiros, e de Inglaterra, Mosem Boytro de Carnabay, Mosem Estacio, e Mosem Martim de Gorima, e Mosem Guilhem Alevâte, e Mosem Joaõ de Obreus, e outros Cavalleiros, e homens d'armas de Inglaterra, e de

Guiana, e de Gasconha, e de outras nações, e chegaram todos à Villa de Alfaram, e não curarão della, e foram ao outro dia a Calafora, Cidade não forte, e pretejerão-se os do Lugar, e recolhêrão-no dentro com aquellas gentes, as quaes alli foram certificadas como ElRey D. Pedro estava em Burgos, e q̃ não havia vontade de pelejar com elles.

Aqui ouveraõ accordo, dizendo ao Conde D. Henrique, que pois tanta boa gente era contente de o aguardar em esta cavalgada, que se chamasse Rey de Castella; e elle à primeira (tomou sobre salto da novidade,) e começou-se de escusar de o fazer, deshi, como he doce cousa reinar, ante de muitas palavras outorgou q̃ lhe prazia, e foy alçado entã por Rey, e pediraõ-lhe os que com elle vinhaõ grandes mercês, e officios no Reyno, e elle muy de grado lhes outorgava tudo, dando o que ganhado tinha, e prometendo-o que tinha por ganhar; porq̃ em tal tempo assim lhe cumpria de o fazer; e foy isto no anno de mil e quatrocentos e quatro da era de Cezar. E partio dalli ElRey D. Henrique caminho de Burgos onde estava ElRey D. Pedro, e chegou a Navarrete, o qual se entregou, não ousando de esperar combate, e foy combatida Brivesca, e tomou-a.

Sabendo ElRey Dom Pedro tudo isto,
Sabbado

Sabbado de Ramos bem pela manhã mandou matar João Fernandes de Toar por queixume, que houve de seu irmão, e sem dizer cousa alguma aos seus cavalgou por se partir logo, e vierão a elle os mayores da Cidade, dizendo que os não deixasse em tal occasião, porque o Conde estava oito leguas dalli, e não lhes aproveitando nenhuma cousa suas rasoens desobrigou-os da omenagem, e partio-se logo, e forão com elle alguns Cavalleiros, e seiscentos Mouros de cavallo, que andavão na guerra em sua ajuda, que lhe dava ElRey de Granada; e muitos dos seus ficarão em Burgos, a que prazia de tudo isto, e quem delle alguma vez se apartava, não ousava de tornar mais a elle.

E aquelle dia, que ElRey partio dalli, mandou suas cartas a todos, que por elle tinham as Fortalezas, que em Aragão ganhàra, que as desempaçassem, e destruissem se pudessem, e se viessem para elle, e elles assim o fizeram; mas muitos delles se forão para ElRey D. Henrique; e aqui cessou então de todo a guerra de Castella com Aragão, a qual hia em onze annos, que durava, e certamente perdia-se o Reyno de Aragão todo se fortuna tão cedo não encurtara os annos da vida delRey D. Pedro, porque onze vezes que elle em Aragão fez entrada ganhou cincoen-

ta e dous Lugares aqui contheudos , a fora outros muitos , que aqui não são nomeados. E chegou ElRey Dom Pedro a Toledo , e poz recado na Cidade ; e dahi partio para Sevilha.

Os de Burgos vendo que senão podião defender delRey Dom Henrique , mandaraõ-lhe seus recados , e receberaõ-no na Cidade , e coroou-se alli por Rey , e vieraõ a elle muitos Procuradores das Villas , e Cidades do Reyno , e receberaõ-no por Senhor , de sorte que desde o dia da coroação a vinte e cinco dias foy todo o Reyno de Castella a seu mandado. E elle recebia a todos graciosamente ; e a nenhum era negada cousa , que pedisse , e deu alli ElRey D. Henrique muitas terras àquelles Senhores , e Cavalleiros , que vinhaõ com elle , assim Estrangeiros como naturaes ; e mandou a Aragaõ por sua mulher , e filhos , e foy recebida honradamente ; e dalli partio , e veyo-se a Toledo , e foy na Cidade grande revolta se o receberiaõ , ou não , porque a huns prazia que o recebessem , e os outros eraõ de todo em contrario ; porẽm finalmente houveraõ acordo de o recolherem nella , e foy recebido com grande prazer.

CAPITULO XXXIX.

Como ElRey de Castella enviava huma sua filha a Portugal, e como elle partio de Sevilha com temor, que houve dos da Cidade.

ELRey D. Pedro estando em Sevilha soube novas destas cousas todas; e posto em grande pensamento, (e cuidado) acordou com os seus de enviar a pedir ajuda a ElRey de Portugal seu tio; e por lhe dar mayor cargo de se mover a lhe fazer tal ajuda, enviou-lhe dizer, que bem sabia como era posto, e ajustado o casamento da Infanta Dona Briatriz, sua filha, com o Infante D. Fernando, seu primogenito filho, e que para isso lhe mandava a dita Infanta, e toda a quantia do aver, que era asentado, e posto em condição de lhe dar em dote ao tempo do casamento; e que essa Dona Briatriz ficasse herdeira dos Reynos de Castella, e de Leaõ; e mandou-a logo de Sevilha, e com ella Martim Lopes de Trozilho, hum homem de que elle muito se confiava, e mais certa quantia de dobras, que deixára a esta Infanta Dona Maria de Padilha, sua mãy, com joyas, aljofar, e outras cousas.

E partida Dona Briatriz de Sevilha para Portugal, houve ElRey D. Pedro novas como ElRey

Rey D. Henrique se encaminhava de Toledo para Sevilha, e acordou de enviar pelo thesouro, q̃ tinha no Castello de Almodovar, que era todo em moedas de prata, e de ouro, e fez armar hum galè, em que o poz com toda a riqueza, que tinha na Cidade, e entregou a galè a Martinhanes, seu Thesoureiro, e mandoulhe que fosse a Tavira, Villa de Portugal no Reyno do Algarve, e que alli esperasse com a galè atè que elle fosse, e tambem mandou carregar muitas azemolas de seus thesouros, e trouxe consigo muy grande quantia de ouro, pedras, e aljofar, assim do que elle tomàra a ElRey Vermelho, e aos seus, como d'outro muito, que tinha junto, e assim mesmo de prata, toda a que pode trazer.

E estando assim ElRey para partir de Sevilha, differaõ-lhe como os da Cidade se alvorçavaõ contra elle, e o queriaõ roubar alli, onde estava, e com o grande temor, que houve, partio-se logo para Portugal, e trouxe consigo Dona Constança, e Dona Isabel, suas filhas; porque Dona Briatriz a mayor a havia já mandado como diffemos; e hiaõ com ElRey D. Pedro, Martim Lopes de Cardona, Mestre de Alcantara, e Diogo Gomes de Castanheda, e Pedro Fernandes Cabeça de Vaca, e outros.

E segundo alguns escrevem, * como El-Rey

Rey partio de Sevilha taes hi houve dos que hiaõ com as azemolas da riqueza, que vendo como ElRey fugia do Reyno daquella sorte, que se tornàraõ para a Cidade com o que levavaõ, e outros sahiaõ da Cidade, e lhe roubavaõ parte daquella riqueza. Micè Gilè Boca Negra, seu Almirante, que era Genoez, armou em Sevilha humagalé, e outros navios, e foy tomar a galé do thesouro, em que hia Mártim Annes para Tavira, no rio Guadalquivir; porque ainda não era mais arredado, e constava o thesouro, que vinha nella de trinta e seis quintaes de ouro, e outras muitas joyas, de que ElRey D. Henrique depois houve toda a mayor parte.

CAPITULO XL.

Como ElRey de Castella fez saber a seu tio, que se achava no seu Reyno, e como ElRey se escusou de o ver, e lhe fazer ajuda.

ELRey de Portugal em esta cesaõ poufava nos Paços de Vallada, que estavam em pouca distancia de Santarem, e era isto no mez de Mayo, e quando ElRey Dom Pedro mandou sua filha Dona Briatriz, como pouco antes agora ouvistes, para casar com o Infante D. Fernando para effeito de haver melhor ajuda delRey seu tio,

tio, soáraõ primeiro novas em Vallada, onde pousava El Rey, q̃ El Rey de Castella lhe mādava duas filhas, q̃ estavaõ já nas Alcaçovas, q̃ saõ dahi vinte leguas, mas não sabião dizer certamente o porque as mandava El Rey, nem com que tençaõ. El Rey de Portugal, que parte não sabia que El Rey seu sobrinho se achava posto em tal pressa, e aperto, cuidando que as Infantas vinhaõ por outra maneira, porẽm tanto que soube que não era mais que aquellã huma, mandava aparelhar casas, e Camaras em seus Paços, em que ella bem pudesse pousar.

El Rey de Castella partio de seu Reyno, e taõ apresurado andar poz no caminho sem ser detido em nenhum Lugar, que ante que sua filha chegasse onde El Rey de Portugal estava, a achou elle no caminho, onde vinha. E chegou El Rey D. Pedro a Serpa, e dahia Beja, e deshi a Coruche, que eraõ vinte e huma leguas donde El Rey feu tio estava, e dalli lhe fez saber como vinha, e a ajuda, e soccorro, que delle necessitava, e assim mesmo o casamento de sua filha com o Infante D. Fernando, seu filho.

El Rey de Portugal como isto soube, teve bem affaz em que cuidar, e mandou-lhe dizer que não fosse mais adiante, mas que se detivesse alli atè que fosse seu recado. E mandou chamar

mar o Infante Dom Fernando, seu filho, que não era ali, e com elle, e com os seus privados houve concelho sobre este feito, e foy o parecer de alguns: *Que o visse, e acolheesse em seu Reyno, e que o ajudasse a cobrar sua terra.* Porém outros cuidando bem nesta materia acharam: *Que o não podia El Rey fazer sem grandes trabalhos, e gastos, e muy grão danno de seu Reyno, e o peyor de tudo era não ter nenhuma azada razão como tal feito pudesse vir a acabamento como convinha, porque El Rey Dom Henrique, seu irmão tinha já toda Castella a seu mandar, salvo alguns Lugares tão poucos, de que não havia que fazer conta, e àlém disto tinhaõ-lhe grande odio todos os do Reyno, assim grandes, como pequenos, de modo que bem era cuidar quão pouco todos fariaõ pelo recobramento a elle.*

Pois quem houvesse de lançar fóra de Castella a El Rey D. Henrique, e todos os da sua parte assim por batalha, como por guerra guerrada, grão poderio lhe convinha ter, e não se fazendo segundo seu dezejo ficava ao depois em grande omesio, e guerra com elle. Outro si recebendo-o em seu Reyno, e não trabalhar de o ajudar era-lhe grande vergonha, e calunnia, e assim mesmo vendo-o, e fallãdo-lhe não se poderia escusar

far diſſo; pelo que acordáraõ, que o mais ſaõ conſelho era que o não viſſe elle, nemo Infante ſeu filho, buscando algumas razões colloradas, porque pareceſſe que directamente, e com razão ſe eſcuſava.

Entaõ foy a Coruche o Conde D. Joaõ Afonſo Tello, onde ElRey de Caſtella eſtava eſperando a reſpoſta de ſeu tio, cuidando ſer apoſentado em Santarem; e diſſelhe: *Como ElRey vira ſeu recado, e ſoubera parte de ſua vinda de que forte era, e que elle de boamente o recebéra em ſeu Reyno, e o ajudára a cobrar ſua terra, como era razão, e direito; mas que por entaõ não eſtava em ponto de o poder fazer, como cumpria, porque daquellas vezes, que lhe elle fizera ajuda aſſim por mar, como por terra os Fidalgos de ſeu Reyno vieraõ d'elle, e de ſuas gentes muy mal contentes, e eſcandalizados, e que vinhaõ em ſua companhia taes, com que alguns houveraõ razões; e que era por força haver entre elles grandes bandos, e arruidos, o q̃a ſerviço d'ambos pouco cumpria.*

Além diſto, que elle ſabia bem como o Infãte D. Fernando, ſeu filho, era ſobrinho da Rainha Dona Joanna, que entaõ novamente entrára em Caſtella, irmã de ſua mãy Dona Conſtança, filha de Dom Joaõ Manoel; e que não enten-
dia

*dia de pactar com elle, que lhe muito prouvesse de tal ajuda. E foy assim certamente, segundo alguns escrevem, * que o Infante D. Fernando deu grande torva; porèm rasoada em este feito. Com estas, e com outras razões escusou o Conde a ElRey, seu senhor, que elle àquelle tempo o não podia ver, nem fazer mais ajuda, da que lhe feito havia, e despedio-se delle, e foy-se para a pousada.*

CAPITULO XLI.

Como ElRey de Castella partio de Coruche, e se foy de Portugal, e quaes envidraõ em sua companhia.

NÃO embargando as razões, que dissemos, e outras muitas, que falladas foraõ entre ElRey de Castella, e o Conde sobre o feito de seu negocio, bem entendeu ElRey D. Pedro que o fim de todos seus ditos eraõ não haver ElRey seu tio vontade de lhe dar ajuda, nem acolhimento em seu Reyno por nenhuma maneira, e houve disto taõ grande queixume, que não pode com sua vontade, que o logo não desse a entender por algum modo. E depois que o Conde com elle falou, e se despedio, e se foy para as pousadas ficou ElRey triste, e merencorioso, e com torvado gosto tomou certas dobras que tinha na mão, e deitou-as por cima de hum alpendre das casas, em q̃ pousava. Hum Cavalleiro de sua companhia vê-

do isto, que ElRey fazia, disse-lhe como forrindo-se; porque deitára assim aquellas dobras fóra, porque melhor foraõ dadas a algum dos seus, a q̃ prestassem; e ElRey lhe respondeo, dizendo: *Não cures disso, que quem as semea as virá depois recolher*. Dando a entender, que se seus annos não foraõ depois tão poucos, que elle lhe fizera de boa vontade guerra por não achar entaõ em elle ajuda, nem recolhimento nenhum. E houve seu acordo de se hir a Albuquerque, e deixar hi as filhas, e todas suas cargas; e chegando ao Lugar, não o quizeraõ em elle a colher, antes se lançaõ dentro alguns, dos que hiaõ em sua companhia.

Vendo ElRey como seus feitos hiaõ cada vez mais para peyor, mandou dizera ElRey de Portugal, seu tio, que pois lhe outra ajuda fazer não queria, que lhe houvesse carta de leguro para que pudesse passar por seu Reyno. E isto fazia elle temendo-se do Infante D. Fernando de Portugal, por ser sobrinho da mulher delRey Dom Henrique, como já diffemos. A ElRey de Portugal aprouve muito, e enviou-lhe o Conde de Barcellos, que ouvistes, e Alvaro Pires de Castro, que se fossem com elle pelo Reyno, e o puzessem em salvo em Galiza, e elles se foraõ para elle, e começáraõ de andar seu caminho.

E Quando chegaram à Guarda, segundo alguns contaõ, elles differaõ alli a ElRey que se queriaõ tornar, e não podiaõ hir mais com elle por quanto se receavaõ do Infante D. Fernando, que os mandara ameaçar por hirem assim em sua companhia, e que ElRey lhes dera entaõ seis mil dobras, e duas cintas de prata, e dous estoques para que o acompanhassẽ atè Galliza; e se assim succedeo por esta maneira, isto foy fingido, que elles disseram, porque o Infante não tinha razaõ de lhes tal cousa mandar dizer, pois com seu acordo fora ordenado em conselho, que o acompanhassẽ atè fóra do Reyno, e dizem que chegarão com elle sómente atè Lamégo, e mais não.

E à partida lhe furtou o Conde humã filha delRey Dom Henrique, seu irmão, que ElRey levava preza comfigo, de idade de quatorze annos, que chamavaõ Dona Leonor de Lioens, porque ElRey Dom Pedro por queixume, que de seu pay havia sendo esta moça em poder de sua ama, nascida de muy poucos mezes, com grande crueldade a mandou tomar, e esfaimados os lioens, que criava ante si por hũ dia no curral, onde andavaõ, mandou que lha lançassem em camiza, e foy assim feito, como elle mandou; e os lioens vierão, e chegarão-se

gáraõ-se a ella , e prouve a Deos que lhe não fizeraõ nenhum nojo , mas assim como se della ouvessem piedade , se chegavaõ a ella sem lhe fazer outro mal. E foy isto dito a ElRey por alguns seus , e mandou-a ElRey tirar dalli , e entregar àquelles , que a criavaõ ; e lhes ordenou que puzessem em ella tal guarda , que nunca feu pay a pode haver ; e a levava entaõ ElRey comfigo. E o Conde a trouxe a ElRey de Portugal , e depois foy entregue a ElRey D. Henrique , feu pay.

CAPITULO XLII.

Como ElRey Dom Pedro chegou a Galliza , e matou o Arcebispo de Santiago , e se foi para Inglaterra.

PArtio de Lamego ElRey de Castella affaz desemparrado , e com muy pouca gente , que não hiaõ com elle mais que até duzentos de cavallo , e chegou a Monte Rey , huma Villa de Galliza , e dalli escreveo a Logronho , e a Soria , e a Camora , que tinhaõ sua voz , que se esforçassem , porque elle os socorreria , e fez saber a ElRey de Navarra , e ao Principe de Gales como se achava em Galliza , e que:

queria saber que esforço, ou confiança poderia ter em elles, e escreveu alli ao Arcebispo de Santiago, e a D. Fernando de Castro, seu Alferes, e Adiantado em terra de Leão, e das Asturias, o qual antes disto viera a Galliza por seu mandado, e falou com todos os Prelados, Cavalleiros, e Escudeiros, e Cidadões, e Villas, e Fortalezas, de sorte que todos tiverão sua voz. E estiverão trez semanas havendo conselho se era melhor hir-se a Camora, e dahi caminho de Logronho, pois ElRey D. Henrique com suas Companhas estava em Sevilha, ou hir-se a Bayona de Inglaterra procurar socorros do Principe de Gales, e acostou-se ElRey antes ao conselho da hida de Inglaterra, que tornar outra vez a seu Reyno; porque tão pouco se fiava no que tinham voz por elle, como nos outros, que não eram de sua parte.

E partio de Monte Rey, e foy ter a S. João, e a Santiago de Galliza, e ahi houve accordo com os seus de matar o Arcebispo, e tomar-lhe as Fortalezas, e o Conde D. Soeyro vinha seguro a seu mandado dia de S. Pedro, que lhe mandara ElRey dizer que viesse a conselho entrando pela Cidade foy morto; e o Arcebispo á porta da Igreja de Santiago por Fernão Pires Tunichaõ, e Gonçalo Gomes Galinhato, edous

Ca-

Cavalleiros, que lhe mal queriam, a que El-Rey mandara que o matafsem, e matáraõ, mais Pedro Alvres, Dayaõ de Santiago, homem muito inteirado, e bem sezudo, e ElRey o estava vendo de cima da Igreja como tudo isto se fazia.

E tomou ElRey quanta riqueza o Arcebispo tinha no Castello da Rocha, e deu as Fortalezas a D. Fernando de Castro, e o fizeram Conde de Trastamara, e de Lemos, e de Faria, donde o sohia ser o Conde D. Henrique, fazêdo-lhe do dito Condado Morgado para sempre, para elle, e para todos seus herdeiros legitimamente nascidos, e D. Alvaro Pires, irmão seu, e Andres Sanches de Goens, que vinhão ver ElRey, quando souberão da morte do Arcebispo, tornarão-se para suas terras com medo, e tomãrão voz delRey D. Henrique. ElRey partio dalli, e foy-se para a Curunha, e naquelle Lugar lhe chegou recado do Principe de Gales, q se fosse para o Senhorio de Inglaterra, e que elle lhe ajudaria a cobrar o Reyno.

Partio ElRey da Curunha, e levou cõsigo vinte e duas náos, e hũa galé, e hũa carraca, e deixou D. Fernão de Castro em Galiza, e cometteo-lhe todo o seu poderio, e ElRey hia na carraca com suas filhas todas tres, e o Thesouro q cõsigo levava,

que eraõ trinta e seis mil dôbras em oiro amoeda-
do, porque todo o outro thesouro deixara na ga-
lêã Martim Annes havia de levar a Tavira, e le-
vava muitas joyas de ouro, e aljofar, e de pedras
de grande valor, e passou o mar, e chegou a Ba-
yona, onde se hia corregendo, ou aparelhando
para seus feitos, de que mais por ora dizer não
queremos.

CAPITULO XLIII.

*Como ElRey D. Henrique chegou a Sevilha, e
da aliança, que fez com ElRey de Portugal.*

ELRey D. Henrique sabendo tudo, o que
succedera a ElRey D. Pedro em Sevilha, e
assim mesmo em Portugal, e como se fora depois
a Galiza, partio de Toledo, e chegou a Cordova,
onde o receberaõ com grande prazer, e dahi le-
vou caminho de Sevilha com grande prazer fa-
bendo que tinha voz porelle, onde foy récebido
com tão grande festa, que posto que ElRey che-
gou pela manhã a cerca do Lugar, passava de me-
yo dia quando entrou em seu Paço; e partio El-
Rey com os seus, e com aquellas Companhias,
que com elle vinhaõ, de sorte q̃ todos foraõ mui-
to contentes; e mãdou-os para suas terras, porẽm
ficáraõ com elle Mosem Beltraõ de Carquim, e
outros Senhores com alguns Inglezes, e Berto-
Aa ens,

ens, que eraõ todas estas Companhas atè mil lanças; e esteve ElRey em Sevilha quatro mezes.

Antes que dalli partisse escreveo a ElRey D. Pedro de Portugal como queria haver paz, e amifade com elle, e que elle enviaria taesao Estremo de que fiava por seus Procuradores para tratarem avença entre elles, e que ElRey D. Pedro mandasse outros, com que seus feitos fossem concordados, e foy assim de feito, que enviou ElRey Dom Henrique Dom João, Bispo de Badajoz, e Diogo Gomes de Toledo Cavalleiro. E ElRey de Portugal enviou Dom João, Bispo de Evora, e Dom Alvaro Gonçalves, Prior do Hospital, e juntáraõ-se todos na Ribeira do Caya no Estremo dos Reynos.

Alli tratáraõ pelos ditos Reys, que fossem fieis amigos hum do outro, e houvessem paz, e concordia, e que ElRey de Castella trabalhasse a todo o seu poder que ElRey de Aragaõ fosse amigo delRey de Portugal da forte que o era antes, e que ElRey de Aragaõ deixasse vir para Portugal a Infanta Dona Maria, filha do dito Rey Dom Pedro, mulher, que fora do Infante D. Fernando, Marquez de Tortoza com todo o seu haver, ou viver na terra, qual ella antes quizesse, e louváraõ, e approváraõ as avenças, que em outro tempo foraõ feitas em Agreda entre ElRey

D. Fernando, e ElRey D. Diniz, seus avôs. Outro fim Mafamede, Rey de Granada tratou logo amizade com ElRey D. Henrique, e ficou por seu amigo.

Elpartio ElRey de Sevilha, e foy-se a Galiza, e cercou em Lugo a D. Fernando de Castro, que tinha voz delRey Dom Pedro, e o não pode tomar, e preitejou com ElRey q̃ se lhe ElRey D. Pedro não accorresse até cinco mezes, q̃ deixasse o Reyno, e lhe entregasse todas as Fortalezas, e se quizesse ficar em sua mercê, q̃ lhe desse a Villa de Castro Xeres, donde sua linhagem se chamava de Castro, e elle Conde, depois que lha ElRey Dom Pedro dera; e que em este tempo não se fizesse guerra de humaparte a outra; a qual cousa ElRey Dom Pedro lhe teve muito a mal. A ElRey Dom Henrique aprouve disto, e tornou-se para Burgos; e alli ordenou Cortes, nas quaes foraõ juntos os mayores do Reyno; e certos da vinda, que ElRey Dom Pedro queria fazer, lhe foy prometida ajuda para a despeza da guerra, e offerecidos os corpos a seu serviço, como bem podia ver.

ElRey então mandava por gentes que lhe cada dia vinhaõ, com que repartia grandemente, e lhes fazia muita honra. E porque dos feitos destes Reys ambos não succedeo mais

em tempo delRey D. Pedro de Portugal cessaremos de mais dizer delles; e em quanto elles ajuntavaõ suas gentes para a batalha de que depois ouvireis, * contaremos nõs agora outras cousas, segundo requer a ordenança desta obra. Mas antes que as digamos ouvi isto, que achamos escrito.*

Quinta feira 22 dias do mez de Outubro desta presente era de Cezar de mil quatrocentos e quatro annos foy feito hum movimento no Ceo desde a meya noite por diante, o qual foy desta forte. Corriaõ todas as Estrellas do Levante para o Poente, e depois que todas foraõ juntas, começaraõ a discorrer humas cà, e outras là, (discorriaõ de huma parte à outra) desahi deixaraõ-se estalar do Ceo tantas, e taõ espessas que depois que foraõ bayxas no ar pareciaõ grandes fogueiras, e que o Ceo, e o Ar ardia, e que a Terra queria arder, e o Ceo parecia partido por muitas partes alli, onde naõ estavaõ estrellas, e naõ havia homem, que isto visse, que naõ fosse fortemente espantado. E era tamanho o medo, que quantos isto viraõ, todos cuidavaõ de serem mortos, (e que se acabava o Mundo) durando isto por muito grande espaffo. E isto escrevemos por naõ haverdes por cousa nova quãdo outra tal acõtecer por lembrã-

ça das maravilhas, que Deos faz. (*Isto foy sem duvida buma exalação ignea extraordinaria, ou Cometa annunciador da morte delRey Dom Pedro, que logo se seguiu.*)

CAPITULO XLIV.

Como ElRey de Portugal enviou seus Embaixadores a caza do Principe de Gales por se desculpar do que ElRey D. Pedro de Castella dizia contra elle.

A Grande melancolia, ou sentimento, que levou ElRey D. Pedro de Castella do mão gazalhado, q̃ em Portugal achàra, lhe fazia q̃ em muitas occasiões fallando, a não pudesse encobrir, e que o não deixasse de dar a entender com ira, e algũas vezes estando com o Principe, presente muitos, fazia queixume do mão acolhimẽto, que achàra em ElRey, seu tio, esperando delle o contrario, dizendo que o não havia tanto pelo feu, (não o sentia tanto por si) como das Infantas, suas filhas, as quaes lhe devera de agazalhar, e receber em sua encomenda, (e amparo,) e fallando nisso muito largamente mostrava em isto gèstos, e semblante, (demonstrador de) que tinha grande dezejo de se vingar.

E foy isto assim fallado, e por taes palavras que
não

naõ faltou quem o escrevesse a ElRey de Portugal, o qual conhecendo sua preversa condiçaõ, e provendo ao que avir podia, (attendendo ao que dalli se podia seguir) ordenou de se enviar a desculpar presente o Principe, mostrando que a culpa naõ a tivera elle, assim em seu recebimento, como em agazalhar suas filhas; e mandou lá o Bispo de Evora, e Gomes Lourenço do Avelar, os quaes chegãrão a Gasconha, onde ElRey, e o Principe por entãõ estavaõ; e chegados elles alli, ordenou o Principe o dia, e a hora para dizerem sua Embaixada, a qual proposta ante elle sendo ElRey presente começãrão de contemplar pelo miudo tudo o que em Portugal diziaõ algũs de que se ElRey D. Pedro aggravava, fazendo queixume d'ElRey, seu tio; e que elles eraõ alli vindos para o mostrarem sem culpa, como sua mercè bem podia ver.

E ElRey de Castella respondeo a isto, dizendo: *Que assim era como elles diziam, que elle se sentia por muy aggravado delle pelo naõ receber em seu Reyno, e lhe dar acolhimento como era razãõ sendo seu tio, irmam de sua mãy; e q a mayor merencoria havia de naõ dar gazalhadõ ás Infantas, suas filhas, que da aspereza, q contra elle mostrára; porque se as ElRey seu tio tomára, e lhas tivera em sua terra guardadas*
com

com alguns averes, que elle trazia, onde era certo que estarião seguras, que elle ficára desempachado dellas, e estonces tornára a recobrar seu Reyno, dizendo que muitos se alçdrão contra elle, que o não farião se o virão presente, mas pelo ambaraço, que tinha das filhas, que lhe conviera de fugir com ellas, não tendo lugar seguro, onde as deixasse; porque àquelle tempo que as quizera deixar em algum Castello de sua terra, em nenhum via tanta fluza, (ou segurança) porque ousasse de o fazer.

Sobre isto corréraõ tantas palavras entre El-Rey D. Pedro, e os Embaixadores, até que pedirão por mercè ao Principe que fizesse pergunta a El-Rey se àquelle tempo que elle escrevéra a El-Rey seu tio, que era em seu Reyno, se lhe fizera saber por sua carta que lhe queria deixar suas filhas, e o thesouro, que comfigo trazia, segundo elle resoava presente elle? E o Principe lho perguntou. Então disse elle, que não tocara em cousa das filhas, nem do aver, que trazia comfigo. *Pois, disse o Principe, nem vosso tio era adevinhador do que vòs tinheis na vontade.*

Então fizeraõ recontamento ao Principe das ajudas, que de Portugal recebera, assim por mar, como por terra, e como todos os Senhores, e Fidalgos, que là foraõ vieraõ delle, e dos seus muy
mal

mal contentes, e escandalizados, e que esta fora hum das razoes, porque ElRey seu tio o não quizera ter em sua terra por senão levantarem entre hunos, e outros, bandos, pendenças, arruidos, e mortes. Argumentàrao tanto até que se enfadàrao; e o Principe conhecendo da razaõ, disse que o não havia por culpado, como antes julgava; e no que tocava à não, e fazendas, em que ElRey de Portugal lhe enviàra dizer, que em Inglaterra eraõ retidas contra razaõ, que elle as faria logo desembargar, como seu amigo, que era, e queria ser; e assim o fez de feito que em breves dias forão despachados.

CAPITULO XLV.

Como D. João filho delRey D. Pedro de Portugal foy feito Mestre de Aviz.

POis ouvistes no primeiro Capitulo desta Historia como depois da morte de Dona Ignez ElRey sendo Infante nunca mais quiz casar, nem depois que reinou quiz receber mulher, mas houve hum filho de hum Dóna, a que chamàrao D. João. Deste moço deu ElRey cargo a D. Nuno Freire de Andrade, Mestre de Christus, que o criava, e tinha em seu poder, e q̃ criando-o elle assim sendo em idade até sete annos, veyo-se a finar o Mestre de Aviz, D. Mar-

Martim do Avelar. O Mestre de Christus, como isto soube, foy-se logo a ElRey D. Pedro, que entao pousava na Chamusca, e pedio-lhe aquelle Mestrado para o dito seu filho, que levava em sua companhia, e ElRey foy muy alegre do requerimento, e muito mais alegre de o outrogar.

Entao tomou o Mestre o moço nos braços, e tendo-o em elles lhe cingio ElRey a espada, e o armou Cavalleiro, e beijou-o na boca, lançando-lhe a benção, dizendo: *Que Deos o accrescentasse de bem em melhor, e lhe desse tanta honra em feitos de Cavallaria, como dera a seus avós.* A qual benção foy em elle bem cumprida, como ao diante ouvireis. * E disse entao ElRey contra o Mestre: *Tenha este moço isto por agora, porque sey que mais alto ha de montar, se este he o meu filho Joao, de que me a mim algumas vezes fallaraõ, como quer que eu queria antes que se cumprisse no Infante Dom Joao, meu filho, que nelle; porque a mim disseraõ que eu tenho hum filho Joao, que ha de montar muito alto; e por quem ao Reyno de Portugal ha de vir muy grande honra. E porque eu naõ sey qual destes Joannes ha de ser, nem o podem saber em certo, eu ordendrey como sempre acompanhem ambos estes meus filhos.*

E pois que ambos saõ de hum mesmo no-

me, escolha Deos hum delles para isto, qual sua mercé for, como quer que muito me suspeita a vontade que este ha de ser, e outro nenhum não; porque eu sonhava huma noite o mais estranho sonho, que eu vi; porque via todo Portugal arder em fogo, de sorte que todo o Reyno parecia huma fogueira, e estando assim espantado vendo tal cousa, vinha este meu filho João com huma vara na mão, e com ella apagava logo aquelle fogo todo; e eu contey isto a algumas pessoas, que razão tem de entender em taes cousas, e disserão-me que não podia ser, salvo que alguns grandes feitos lhe haviam de saber dantre as mãos. (Isto he que certamente se havia de vir assinalar em alguma obra saçanhosa.)

Ora assim succedeo depois como diremos: e depois que isto foy feito, tornou-se o Mestre de Christus para a Villa, e mandou seu recado aos Cômendadores da Ordem d'Aviz, que viessem logo alli para haver de fallar com elles cousas; que eraõ do serviço de Deos, e bem da sua Ordem. E isto fazia o dito Mestre por quanto a dita Ordem d'Aviz, e de Christus são ambas da Ordem de S. Bento, os quaes por suas cartas, e requerimêto vieraõ logo àquelle Lugar. O Mestre fallou entãõ com o Cômendador Mór, e com

Fernaõ

Fernão Soares, e Vasco Peres tudo o que era vontade delRey; des hi entrou em Cabido com elles segundo costume de sua Ordem, e o Commendador Mór propoz ao Mestre em nome seu, e dos Cômendadores, dizendo: *Que elle bem sabia como seu Senhor o Mestre d' Aviz D. Martin do Avelar era finado, e que elles não tinham Mestre, que os houvesse de reger como cumpria a serviço de Deos, segundo sua Ordem mandava, nem entendiaõ de eleger outro senão aquelle, quelhes elle dèsse; e que pois elle era da sua Regra, e o fazer podia, que lhe pediaõ por mercè, que por serviço de Deos, e bem dadita Ordem lhes dèsse Mestre, que os houvesse de reger segundo sua Regra mandava.*

O Mestre respondeo: *Que diziaõ muy bem como bons Cavalleiros, e bem sezudos; e porque elle era obrigado a fazer, e requerer toda cousa, que fosse serviço de Deos, e honra da sua Ordem, que por isso queria tomar cargo de lhes dar Mestre, que os houvesse de reger segundo sua Regra mandava, e que para ser seu Mestre lhes dava D. João, filho delRey D. Pedro, que elle criava, que entendia que era tal Senhor, que os regeria como cumpria a serviço de Deos, e lustre de sua Ordem.*

O Commendador Mór, e os outros differaõ

entaõ: *Que lhe tinhaõ em grande mercè de lhes dar taõ bonrado Senbor por seu Mestre.* E logo o dito D. João foy chamado, e foraõ-lhe tirados os vestidos seculares, e lançado o Habito da Ordem de Aviz, e como lhe foy vestido, o Commedador Mór, e os outros lhe beijaraõ a maõ por seu Mestre, e Senhor; e isto assim feito, foy elle lévado para a Ordem de Aviz, donde era Mestre, e alli se criou alguns annos, atè que começou de florecer em exercicios, e bondades, e outros feitos de Cavallaria, segundo a Historia adiante dirá * contando cada humas em seu lugar.

E se alguns quizerem dizer que os poucos annos de sua idade, e naõ legitima nascença embargavaõ de naõ poder ser Mestre. A taes se responde como o Papa dispensou com elle; e posto que provido fosse antes do tempo, e nascido de naõ legitimo Matrimonio, que seus bons costumes, e honroso proveito, q̃ delle vinha à Ordem, condecorava tudo isto, e q̃ o confirmava em elle.

CAPITULO XLVI.

Como foy tresladada Dona Ignez para o Mosteiro de Alcobaça, e da morte del Rey D. Pedro.

POr semelhante amor, qual El Rey D. Pedro houve a Dona Ignez, raramente se hà achado em alguma pessoa, porèm differaõ os antigos, que nenhũ he taõ verdadeirameute achado, como
aquele

aquelle, cuja morte não tira da memoria o grande espaço de tempo; e se algum quizer dizer, que muitos foraõ já, que tanto, e mais, q̃ elle amaraõ, assim como elle em suas Epistolas, respondeffe, q̃naõ falemos em amores compostos, os quaes alguns Authores abastados de eloquencia, e flo-recentes em bem ditar ordenaraõ, segundo lhe aprouve, dizendo em nome de taes pessoas razões que nunca nenhuma dellas cuidou, mas tratamos daquelles amores, que se contaõ, e lem nas Historias, q̃ seu fundamento tem sobre verdade.

E este verdadeiro amor houve em ElRey D. Pedro para com Dona Ignez, como della se namorou sendo cazado, e ainda Infante, de sorte que posto que della no começo perdesse vista, e falla, estando apartada, como ouvistes, * que he o principal meyo de se perder o amor, nunca cessava de lhe enviar recados, como em seu lugar tendes ouvido, * e quanto depois trabalhou pela haver, e o que fez por sua morte, e quaes justiças naquelles, que em ella foraõ culpados, indo contra seu juramento, bem he testemunho do que nõs dizemos.

E sendo lembrado de honrar seus ossos, pois lhe não podia mais fazer, mandou obrar hum muymento, (ou tumulo) de alva pedra, todo muy futilmente lavrado, pon-do

do elevada sobre a tampa de cima a imagem della com corôa na cabeça, como se fora Rainha; e este muymento mandou pôr no Mosteiro de Alcobaça, não à entrada, onde jazem os Reys; mas dêtro na Igreja à mão direita junto da Capella Mór, e fez trazer o seu corpo do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde jazia, o mais honradamente, que se fazer pode; porque elle vinha em humas andas muy bem preparadas para tal tempo, as quaes traziaõ grandes cavallos acompanhados de grandes Fidalgos, e outra muita gente, e Donas, e Donzellas, e outra muita Cleresia; e pelo caminho estavaõ muitos mil homens com cirios nas mãos de tal sorte ordenados, que sempre o seu corpo foy por todo o caminho por entre cirios acesos; e assim chegáraõ até o dito Mosteiro; que eraõ dalli deza sete leguas, onde com muitas Missas, e grande solennidade foy posto em aquelle muymento. E foy esta a mais honrada Tresladação, que até àquelle tempo em Portugal fora vista.

Semelhantemente mandou El Rey fazer outro tal muymento, e tambem obrado (da mesma sorte) para si, e mandou-o pôr junto do seu della, para quando houvesse de morrer, o deitarem nelle.

Estando elle em Estremoz, adoeceo de sua
der-

derradeira dor ; e jazendo doente lembrou-se como depois da morte de Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho elle fora certo que Diogo Lopes Pacheco não fora culpado na morte de Dona Ignez, e perdoou-lhe todo o queixume, q̃ d'elle havia, e mādou q̃ lhe entregassem todos seus bens, e assim o fez depois ElRey Dom Fernando, seu filho, q̃ lhos mandou entregar todos, e lhe alçou a Sentença, que ElRey seu pay contra elle passara quanto com direito pode. E mandou ElRey em seu Testamento, que lhe tivessem em cada hum anno para sempre no dito Mosteiro seis Capellães, que cantassem cada dia hum Missa officialda (de *Requiem*, por sua alma, e de Dona Ignez,) e fahissem (atè ás sepulturas, e) sobre ellas com a Cruz, e agua benta (lhes cantassem hum Responso.)

E ElRey Dom Fernando, seu filho, por se isto melhor cumprir, e se cantarem as ditas Missas, deu depois ao dito Mosteiro em doação para sempre o Lugar, que chamaõ Paredes, em Termo de Leiria com todas as rendas, e senhórios, que em elle havia. E deixou ElRey D. Pedro em seu Testamento certos Legados, a saber: A' Infanta Dona Briatriz, sua filha, para seu casamento cem mil libras; e ao Infante Dom João, seu filho, oitenta mil libras; e ao Infante Dom

Di-

Diniz outras oitenta mil libras; e assim a outras pessoas.

E morreo El Rey D. Pedro em huma segunda feira de madrugada 18 dias de Janeiro da era de mil quatrocentos e cinco, (que he anno do nascimento de Christo 1367.) havendo dez annos, e sete mezes, e vinte dias, que reinava, e quarenta e sete annos, e nove mezes, e oito dias de sua idade; e mandou se levar áquelle Mosteiro, que dissemos, e lançar em seu muymento, que está junto com o de Dona Ignez; e por quanto o Infante Dom Fernando, seu primogenito filho, não se achava então alli, foy El Rey detido, e não levado logo, até que o Infante veyo, e á quarta feira foy posto no muymento; e diziaõ as gentes, que taes dez annos nunca houve em Portugal, como estes que reinou El Rey Dom Pedro, de respeito às Leys, e fozcêgo nos Povos, felicidades no Reyno, e abundancia de mantimentos, &c.

FINIS.

SUP.



SUPPLEMENTO

a esta Chronica delRey

D. PEDRO I.

DOS SUCCESSOS DE SUA VIDA, E
acçoens suas antes de ser Rey, e outras cousas no-
taveis, de que o Author della não trata.

Pelo Padre Jozè Pereira Bayão.

CAPITULO I.

Do seu nascimento, criação, e desposorio.

N Alceo ElRey D. Pedro I. deste nome na Ci-
dade de Coimbra em 8. do mez de Abril do
anno de Nosso Senhor J E Z U Christo de 1320. e
não aos 19 do dito mez como erradamente tressla-
da Faria, o Padre Espinola, e o Padre S. MARIA
dos Elogios, q Fr. Bernardo de Brito fez dos Reys
de Portugal, e este de Garibay; o primeiro na Eu-
ropa Portugueza, o segundo no Cathalogo dos
mesmos Reys, q traz na sua Escola Decurial, e o
terceiro no seu Anno Historico, podendo antes
seguir a Chronica delRey seu pay, q posto differe
da verdade hũ dia, pondo este nascim.êto a 9 do
Cc dito

dito mez, com tudo ficava sendo menor o erro; e infiro q̃o de Fr. Bernardo, e Garibay procedeo de engano, tresladando 19. por 9. nem se pôde attribuir a erro da impressãõ, porque està escrito por letra. O que seguimos por sem duvida consta do irrefragavel testemunho do livro da Noa do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, allegado pela Monarquia Lusitana, sexta parte, q̃ especifica succeder em sexta feira de madrugada.

De que ha quem forme misterio, como tambem de ser quintogenito de seus pays os Reys D. Affonso IV. e Dona Brites, sua mulher, e do nome de Pedro, q̃ lhe foy posto no Bautismo, dizendo foy presagio de ser elle só o q̃ depois de tantos irmãos mortos, reservava Deos para herdeiro do Reyno, que tem por Armas as Quinas, ou cinco Chagas de Christo, e para pedra firme, e permanencio do mesmo Reyno, que escolhéra para seu Imperio, que se hia arruinando com a discordia, em q̃ de presente andava o Principe, seu pay com seu avô El Rey D. Diniz, trazendo os povos divisos, e amotinados com tão injusta guerra, como nascida da sem razãõ de quererlhe usurpar violentamête a Coroa, sem querer esperar pelo curso natural, e pela occasiãõ de a herdar com a benção de Deos, soffrendo mal que a larga vida del Rey lhe dilataste por tanto tempo o impunhar o Sceptro, q̃ tinha seguro, e elle o infirmava, offendendo

dêdo a Deos, e escandalizando a hũ pay tão bom, e a huma mãy tão sãta, como a Rainha Sãta Isabel.

Achava-se ElRey Dom Diniz nesta occasião em Lisboa, e ainda que desgostado do filho, alegrou-se, e festejou muito o nascimento do neto; e muito mais folgou de o ver quando depois passados trez annos, apaziguadas já as discordias, e contentado o Príncipe, lho remeteo a Lisboa para que o visse, e lhe dêsse a sua benção, e se firmasse com isto muito mais a amisade. Não o tinha visto por causa das desavenças passadas, e foy tanto o gosto, e alegria, que recebeo desta visita, como explica ao mesmo filho em huma carta, que lhe escreveo de mão propria dizendo: *Estimey tanto a prenda, com que me seguraes a satisfação da vida, que sua visita bastou para desterrar de minha lembrança alguma reliquia de aggravo, se de vós me tinha vindo; que sua innocencia, e fermosura pedem, e alcanção por vós mais, do que foubestes querer, e me levaõ mais do que tive tenção de dar, &c.*

No dia seguinte se foy ElRey com a Rainha Santa à Sé da mesma Cidade offerecer o neto a Deos nosso Senhor, à Virgem MARIA, sua Mãy, e ao Martyr S. Vicente no Altar de suas Reliquias, e darlhe as graças daquelle gosto. Par-

tiraõ muito acompanhados da Nobreza, e Cidadãos, e à porta daquelle Sagrado templo foraõ recebidos do Bispo desta Cidade D. Gonçalo Pereira, que depois foy Arcebispo de Braga, o qual os estava esperando com todo o seu Clero, e os leváraõ em Procissão á Capella Mór, onde o Bispo celebrou em Pontifical Missa ao Glorioso Martyr no Altar, em que se guardava o seu Sagrado Corpo, e de suas mãos receberaõ ambos Rey, e Rainha o Divinissimo SACRAMENTO. Dadas as graças a Deos, e feita a offerta do menino Infante, e por elle joyas de preço, voltáraõ para os Paços do Castello, donde tinhaõ sahido.

Daqui por diante, pela incuria dos tempos, fenaõ achaõ mais noticias, que toquem a este Principe, até seu desposorio; mas não he maravilha que faltem as dos Infantes quando as muito heroicas dos Reys tiveraõ a mesma fortuna, e padeceraõ a mesma ruina. Os primeiros desposorios, que se lhe offereceraõ, e se effeituáraõ foraõ com Dona Branca, filha do Infante D. Pedro, tio, e Tutor del Rey D. Affonso XI. de Castella, a troco de Dona Maria Infanta de Portugal, irmã do nosso Infante. Tratou seu pay este casamento, e troco com o de Castella, e veyo Dona Branca para este Reyno, deixando a Dona Maria casada com El Rey de Castella, e todas as suas

terras em dote por outras , que cà lhe foraõ dadas. Eraõ ainda neste tempo estes dous Infantes de menor idade de que se requeria para contrahirem Matrimonio , pelo que ficou Dona Branca criando-se no Paço , e na companhia da Rainha Dona Brites , sua sogra por espaço de dez annos estimando-a como filha.

Pelo tempo adiante começou esta Infanta a manifestar infirmitades habituaes no corpo , e defeitos no juizo , por onde se incapacitava para o estado conjugal , e para a Prole , de que se necessitava para a successão do Reyno , e o Infante começou por isto a desgostarse muito della , o que tudo reconhecido por ElRey , dando-lhe muito cuidado por ver já o filho em idade sufficiente para cazar , e sem mulher competente para isso , tratou de lha procurar em Aragão , e em outras partes , mas sem effeito , porque todas tiveram desvio ; e o Infante se declarou com seu pay dizendo : *Que lhe pedia por mercê que com ella , nem com outra alguma o não casasse contra sua vontade , porque não houvesse occasião de lhe desobedecer , como não dezejava.*

Deu disto parte ElRey Dom Affonso ao de Castella , apontando-lhe as causas , por onde a dita Dona Branca era incapaz do Estado matrimonial ; e porque não entende-se , que isto era
escusa

escusa para não cumprir o ajustado , dizia-lhe que podia mandar-se informar por seus Fisicos. E quanto às terras , que era obrigado dar-lhe em Portugal , pelas que largára em Castella , que por ellas lhe daria equivalente preço. Sentio ElRey de Castella muito esta noticia ; e para saber a realidade enviou a Portugal algũs Cavalheiros , e com elles Fisicos , que fizessem experiencia na Infanta , e feita ella , acháraõ ser verdade , que era achacada de accidentes , com especie de tizica , e lesão no entendimento. Com tudo por estaõ ainda a infanta ficou em Portugal no Paço delRey tratada , servida , e estimada como dantes.

CAPITULO II.

Em que se prosegue a mesma materia do Desposorio do Infante Dom Pedro.

Neste tempo ElRey D. Affonso de Castella embebido nos amores de Dona Leonor Nunes de Gusmaõ , sua manceba , desestimava muito a Rainha Dona Maria , sua mulher , filha delRey de Portugal , que por isso estava muy desgostado , e escandalizado do genro , e lhe queria fazer guerra. Fomentava esta discordia Dom João Manoel , tio delRey de Castella ,
por:

porque estava aggravado de lhe regeitar Dona Constança, sua filha, com quem primeiro fora desposado, por casar com a dita Infanta Dona Maria de Portugal; dezejando por esta via tomar algum genero de vingança pela affronta, que de ambos entendia ter recebido. Porém dezejando atalhalas D. Fernando Rodrigues, Prior da Ordem de S. João, muy privado, e pessoa mais principal do Concelho delRey de Castella, e Chanceller Mór da Rainha Dona Maria; e porque era muito afeiçoado a D. João Manoel, tratou secretamente com ElRey de Portugal, que visse a incapacidade de Dona Branca, casasse o Infante, seu filho com a dita Dona Constança, filha d'elle; apontando-lhe ser muito conveniente para o soccego destes Reynos, e evitar as injurias, q a Rainha, sua filha recebia, telo a elle por amigo, e confederado, pois era pessoa tão principal, e poderosa em Hespanha.

Contentou a ElRey a proposta; e dando parte della a hum seu valido, elle a aprovou, e louvou. E convocando ElRey a Cortes para tratar deste negocio, todos seus Vassallos o tiverão por justo, e conveniente, assim para o estado, que já era bem dar ao Infante, como para mayor firmeza do da dita Rainha de Castella, e remedio
das

das esquivanças, com que a tratava ElRey, seu marido. ElRey, que sabia muito bem, e conhecia os merecimentos de D. João Manoel, e graças de sua filha, digna de mayor Imperio, assentou de a mandar pedir logo a seu pay. E dando conta desta resolução a ElRey de Castella, mostrou elle em publico que o estimava; mas em secreto o sentio muito, e teve disso grande ciume invejoso, porter sido desposado com ella; e assim foraõ tantas as dissimuladas contradicções, que lhe poz, q̃ foy forçoso a ElRey de Portugal fazer-lhe guerra para a deixar vir a Portugal, causando-se muitas hostilidades em hum, e outro Reyno, com grande danno dos Povos, como conta a sua Chronica.

Feita a paz por intervenção do Papa Benedicto XII. que a isso mandou a Hespanha o Bispo de Rodes, consentio ElRey de Castella, bem contra sua vontade, que a dita Infanta fosse trazida ao Infante, seu esposo no anno de 1340. os quaes estavam já recebidos por Procuração quatro annos antes no de 1336. elle na Cidade de Evora em 5. de Fevereiro com D. Fernão Garcia, Deão de Cuenca, Procurador de Dona Constança, estando ElRey, e a Rainha presentes; e ella na Villa de Castrilho com Gonçalo Vaz de Goes, Procurador do Infante. O do-
te

te foraõ trezentas mil dobras de ouro; e muy grande enxoval, confessando D. João Manoel fer tudo pouco para o merecimento, e grandeza de taes Noivos.

Nomez de Agosto foy sua entrada em Lisboa acompanhada de seu pay, e de muitos Cavalheiros de Portugal, e Castella, e aqui foy recebida com grãde prazer, e alegria de ElRey, q̃ tanto lhe tinha custado este casamento, e tanto se tinha empenhado em concluiillo. Na Sé da dita Cidade foraõ os Noivos dar graças a Deos pelo seu novo estado, e alli foraõ abêçoados pelo Bispo della D. João Affonso de Brito, assistindo todos os Prelados, e Nobreza do Reyno. Foy geral o contentamento, e iguaes as festas, que se fizeraõ nestas vodas. Era entãõ o Infante de idade de vinte annos, e a Infanta de poucos mais, idade muy conveniente para aprocreação da Prole.

Nesta mesma occasiãõ foy entregue a Infanta Dona Branca, primeira esposa do Infante D. Pedro, a Martim Fernandes de Porto Carreiro, Camareiro mór delRey de Castella, que por sua ordem a veyo conduzir, e assim voltou para aquelle Reyno com todo o seu dote em dinheiro, que tinha trazido, muito bem acompanhada de Fidalguia Portugueza, que ElRey mandou com ella. A qual, confor-

Dd

mando-se

mando-se muito com a disposição Divina, escolheu o melhor Esposo, recolhendo-se no Real as Huelgas de Burgos, onde professou o Estado Religioso, viveo, e acabou muy santamente.

Deste Matrimonio do Principe D. Pedro com Dona Constança Manoel, nasceraõ tres Infantes. Dona Maria, que ainda em vida de seus avòs casou com Dom Fernando, Infante de Aragão, bem conhecido pelo titulo, que teve de Marquez de Tortosa, e Senhor de Albarrazim, filho delRey D. Affonso IV. e da sua segunda mulher Dona Leanor, irmã delRey de Castella, a qual a veyo receber, e levou da Cidade de Evora com grande gosto, e prazer em 3. de Fevereiro do anno de 1354. E esta Infanta por morte de seu marido (que ElRey D. Pedro de Aragão, seu irmão, mandou matar por ter paz com o cruel de Castella, como fica dito na Chronica capitulo 36. ficando muito moça, tornou para Portugal, para as terras, que lhe foraõ dadas em dote, e faleceo sem successão. O Anno Historico do Padre Santa Maria, a 3. de Fevereiro a faz filha delRey D. Affonso IV. sendo certo que foy sua neta, pois a filha que deste nome teve casou com ElRey de Castela.

O segundo genito dos nossos Principes foy D. Luis, que faleceo de oito dias, lo-

go depois de bautifado. O terceiro foy D. Fernando, que foy Rey de Portugal, fucceffor de feu pay, e nasceo em Coimbra a 31. de Outubro de 1345. de cujo parto se originou tal infirmitade na Infanta fua mãy, que veyo a falecer em 13. de Novembro proximo fequinte do mefmo anno, com grande fentimento dos Reys, feus fogros, e de toda a Nação Portugueza, por fer dotada de grande fermofura, difcrição, e muitas bondades, e virtudes; partes, que a faziaõ muito amada, e eftimada de todos, atè do proprio marido com andar já todo embebido nos amores de Dona Ignez. Foy fepultada no Mosteyro de São Domingos de Santarem, e depois tresladada por feu filho ElRey D. Fernando, para hum mageftoso tumulo de pedra branca, que lhe mandou fabricar no Coro da Igreja de São FRANCISCO da dita Villa, onde tambem fe mandou depois fepultar junto della.

Queixa-fe o Author da fetima parte da Monarquia Lusitana de que noffos Chroniftas não dem noticia alguma do anno, e dia de fua morte, e lugar primeiro de fua fepultura, e cauza della, como affim he, efquecendo-fe de hũ ponto tão efpecial, e effencial à Historia; mas não he ifto coufa nova; muitos deftes defcuidos fe achão

nas Chronicas antigas, por serem escritas muy tarde, e pela pouca diligencia, que para isso fizeraõ seus Authores. Com elles assenta este, que a Infanta morrèra do parto de sua filha Dona Maria, o que he engano manifesto, como bem prova Barboza no Cathalogo das Rainhas de Portugal, e Santos na oitava parte da Monarquia Lusitana, capitulo 2. a quem figo agradecido, não deixando de pôr de casa alguma mais diligencia. Com a mesma descobri a noticia de hum successo, que por tocar a este Principe, e ser desta idade, quero lançar aqui.

Em todos os tempos pretendèraõ os Bispos do Porto, que por virtude da Doação da Rainha Dona Tareja, viuva do Conde Dom Henrique, progenitores dos Reys de Portugal, e Senhora proprietaria do mesmo Reyno, feita à Sè, e ao seu Bispo Dom Hugo, fosse aquella Cidade izenta da jurisdicção Real; houve sobre isso grandes contendias em varios tempos, que se renovàraõ no del Rey Dom Affonso IV. entrando nella a executar justicas o Corregedor de Entre Douro, e Minho Vasco João, estando o Bispo della Dom Pedro Affonso absente, o qual o excomungou. Sentio-se disso El Rey, e procurou meynos de o aplacar: com industioso pretexto foy o Principe Dom Pedro à Cidade do Porto: fez

fez todas as diligencias possiveis para que o Bispo levantasse as Censuras; porém como entre ellas não offerencia a emmenda das partes, não se dobrou o juiz ao rogo. Receando-se o Principe, de que passado o termo, aggravasse o Bispo as Censuras, e se retirasse; lhe mandou pôr guardas, que foy o mesmo, que pollo em cerco.

Acompanhado o Bispo de hum pagem, de quem se fiava, sahio furtivo à prima noite, e foy amanhecer a Galliza. Seguiraõ-no os Ministros Reaes, porém não lhe deraõ alcance: do que o Principe ficou irritado; e de todo embravecido, quando o certificaraõ, que o Bispo em parte concernente, e com toda a solennidade declarára a todos os delinquentes por contumazes, e incurso na excommunhaõ, e posto interdito em todo o seu Bispado, se partira para Avinhaõ, onde residia a Curia Romana.

Temeo ElRey a queixa; e da sua parte nomeou dous Embaixadores, que diante do Pontifice Clemente VI. fossem desculpar, e defender sua causa: hum foy o Mestre Pedro das Leys, para requerer como Letrado; outro Ruy Gomes, para apylacar, como parente do Bispo. Procurou o Papa concordallos; mas com tudo a contenda durou até quasi o fim da vida delRey Dom Affonso. Succedeo isto no principio

cipio do anno de mil trezentos quarenta, e quatro.

CAPITULO III.

Dos seus amores com Dona Ignez de Castro, e dos filhos, que della teve, e successo delles.

Muy celebrados foraõ sempre, e são ainda hoje de Historiadores, e Poetas, e ainda da voz popular, e tradicção continua, os grandes amores contrahidos entre o Infante Dom Pedro, e Dona Ignez de Castro, pela grande fineza, que elle com ella usou depois de morta, coroando-a Rainha, e sepultando-a com tanta pompa, e tam grande lustre, qual nunca fora visto. Foy esta Senhora filha de Dom Pedro Fernandes de Castro, que chamaraõ o *da guerra*, grande Senhor em Galliza, Adiantado Môr da Frontaria, e Camareiro Môr delRey D. Affonso XI. de Castella, e *de huma mulher de Galliza, sua manceba*, a quem os antigos ignoráraõ o nome, os pays, e a qualidade; e os modernos lá os foraõ descobrir naõ seyaonde, com tanta variedade, que bem mostraõ a incerteza, que tem, chamando-lhe huns Dona Berenguella Lourenço, e outros Dona Aldonça Soares de Valladares, fazendo-a filha de D. Lourenço Soares de Valladares, Rico-Homem Gallego, e Fronteiro Môr de entre Douro,

Douro, e Minho, e de sua mulher Dona Sancha Nunes de Chacim; a qual dizem que era donzella, que andava em sua casa na companhia de sua mulher Dona Isabel Ponce; e della teve mais o dito Dom Pedro Fernandes de Castro a Alvaro Pires de Castro, que depois teve titulo de *Dom*, quando por via de sua irmã Dona Ignez, subio em Portugal a grande Senhor; porque foy feito primeiro Condestavel deste Reyno, primeiro Conde de Arrayolos, Alcaide Mór de Lisboa, e Senhor de outras muytas terras, com cuja neta Dona Joanna de Castro casou depois Dom Fernando, neto del Rey Dom João I. segundo Conde de Arrayolos, primeiro Marquez de Villa-Viçosa, e segundo Duque de Bragança. Era o dito Dom Pedro Fernandes primo com irmão do nosso Infante Dom Pedro, porque foy filho de Dom Fernando Rodrigues de Castro, e de sua mulher Dona Violante Sanches, filha bastarda del Rey Dom Sancho o Bravo de Castella; irmã da Rainha de Portugal Dona Brites, mãy do dito Infante.

Veyo Dona Ignez para Portugal por Donzella da Infãta Dona Constãça, a qual era muito fermosa, e se chamava entã Ignez Pires, sobrenome Patronimico do nome de seu Pay D. Pedro, conforme

forme o uso antigo de Hespanha, ainda entaõ observado; e não só lograva a prerogativa de Dama do Paço, mas tambem a estimação de parenta. E sendo dotada de estremada graça, gentileza, e disposição, por onde foy chamada *Collo de Garça*, tanto que o Infante D. Pedro a vio logo ficou prezo do seu agrado, e tanto se foy cativando do seu amor pela continuação do tempo, que não podia socegar sem a ver, e procurar occasiões de lhe fallar. Reparou nestes desvêlos a Infanta Dona Constança, e sentida da inclinação do marido, e ruina espiritual, a que se encaminhavaõ ambos com aggravo della mesma, poz dalli em diante grãde cuidado no recato de Ignez, e ella em si o tinha, porque era muito honesta, e commedida.

Com o resguardo cresceo muito mais a afeição no Infante; e a mulher dezejando atalhar o danno, tomou-a por Comadre, e madrinha do Infante D. Luiz; porèm dizem, que sabendo o Infante disto, a mandara avisar, que não fizesse tenção de o ser; porque assim era conveniente, e que ella assim o executára; por onde discorrem alguns doutos, que em castigo deste peccado permittira Deos depois a sua morte violenta, e a do Infantinho logo.

Nada disto bastou para evitar estes amores, porque com os remedios crescia o mal, e foy es-

ta

ta consideração bastante para aumentar a causa da morte de Dona Constança, como alguns ponderaõ. Livre o Infante do vinculo do Matrimonio, apoderou-se logo de todo de Ignez Pires, e a retirou do Paço para os de Santa Clara de Coimbra, fundados pela Rainha Santa Izabel, sua avó, com promessa sem duvida de vir a ser sua esposa, e futura mulher, como he o mais certo, nem he de presumir que ella se lhe entregasse sem esta condição, e ainda segurança della, o que parece que elle cumprio, recebendo-a por tal dahi a alguns annos occultamente em Bragança na forma em que o refere a Chronica, e com as duvidas, que alli se vem; mas tendo-a sempre com titulo de manceba, do que muitos crem que ella nunca passou a mais, em cuja disputa eu me não quero intrometer, porque ella seus Defensores tem, que advogaõ por sua causa.

O certo he que ella houvera de vir a ser Rainha de Portugal se chegára a ver coroado o Infante; o qual mandou que dalli em diante se chamasse Dona Ignez de Castro, e della teve tres filhos, e humra filha, a saber: Dom Affonso, Dom João, Dom Diniz, e Dona Beatriz. Dom Affonso, morreo menino em vida de seu avô. Dom João foy dotada de boas partes, e muitas terras por ElRey seu pay, e por sua mor-

Ee

te

te ficando com feu irmão ElRey D. Fernando, vendo-o cazado com Dona Leonor Telles de Menezes, sua vassalla, e cazada com outro marido vivo, se namorou tambem de Dona Maria Telles, sua irmã, viuva de Alvaro Dias de Sousa, Fidalgo muito principal deste Reyno, que era ainda muito moça, e muito fermosa; e não a podendo haver senão por casamento a recebeu occultamente, tendo-o por caso mais honesto que o obrado por ElRey, e teve della hũ filho chamado Dom Fernando de Eça, progenitor dos Fidalgos deste apelido, que foy pay de quarenta e dous filhos em diversas mulheres.

Sabendo a Rainha deste casamento, envejando a fortuna da irmã, porque a via em caminho de vir a fer Rainha de Portugal, em abatimento feu, (como houvera de fer) pois se via sem filho varão, e ElRey achacado, bem conjecturava, que o Infante o viria a succeder, e como era astuta, e sagaz, para que isto não viesse a effeito, ordenou hum diabolica tramoya para lhe occasionar a morte a ella, e o desferro ao Infante, em que já estava o outro irmão, qual foy mostrar-se muito afeiçoada ao mesmo Infante, e dar-lhe a entender por via de algumas pessoas, que teria summo gosto de

de que elle viesse a casar com a Infanta Dona Briatríz, sua unica filha, herdeira do Reyno; porque melhor seria (fingia ella) que elles o possuissem ambos sendo naturaes, e parentes, do que vir Principe estranho a dominalo. Toou isto ao Infante, e cheyo de ambição, sem penetrar o engano, arrependeo-se de ter casado com Dona Maria, pois lhe frustrava a Coroa, não querendo os seus amores sem o vinculo do Matrimonio.

Com esta payxaõ tratou logo de se desembaraçar della, forjando apparente, e fingida desconfiança, e queixa para a matar, o que executou em Coimbra em huma madrugada, matando-a por sua mão às punhaladas; morte tyranna, que causou grande lastima em todo o Reyno, e todosa estranharaõ muito ao Infante pela bondade, e muita honestidade daquella Senhora, merecedora de melhor sorte, como tambem por elle ser hum Principe de boa inclinação, e de quem senaõ esperava acção tão indecorosa. Retirou-se o Infante para S. Payo, affustado do q̃ tinha feito, e pela Beira alta andou muito tempo, com temor dos grandes do Reyno, q̃ quasi todos eraõ parentes de Dona Maria, e muito mais por saber que a Rainha se mostrava muy sentida da morte de sua irmã, vestindo-se

Ec 2 de

de luto, e queixando-se delle ; porèm isto era nella fingimento para contemporizar com o publico , que no seu interior só ella estimou o caso , por se ver defassombrada do receyo , em que estava.

Passado algum tempo mandou o Infante pedir perdao a ElRey, e à Rainha, senão que se hia fora do Reyno ; e sendo perdoado voltou à Corte, onde nem achou os agrados, nem as esperanças do que dezejava; porque a Rainha por governar sempre o Reyno em sua vida, queria antes ver sua filha casada com o filho delRey de Castella, como estava contratada. E vindo o Infante a fallar nisso conheceo o seu engano, pois se lhe não respondeo como esperava; e caindo no seu erro, vendo-se frustrado, foy-se para Entre douro , e Minho, e ahi passava a vida triste, e solitaria com a consideração, e arrependimento do mal, que havia feito, matando a innocente Dona Maria, sua mulher, e muito mais depois, quando conheceo, que pelo assim fazer perdèra a Coroa deste Reyno.

E sabendo que hiaõ contra elle os parentes de sua mulher para vingarem a sua morte foy-se para Castella, onde ElRey D. Henrique o aceitou por vassallo, e o casou com Dona Constança, sua filha bastarda, e lhe deu em dote o Condado de

de Valença, e outras terras em que vivesse. Della teve o Infante trez filhas: Dona Maria de Portugal, que casou com Martin Vafques da Cunha, por quem foy Conde de Valença, dos quaes descendem agora os Duques de Najara. A segunda, que se chamou Dona Sancha, casou com Lopo Vafques da Cunha, seu irmão. E a terceira chamada Dona Thereza, casou com o Conde D. Pedro Ninho; e de todas ellas ficou geração.

Teve o Infante mais fóra do Matrimonio D. Affonso, que casou com Dona Branca da Cunha, Senhora de Cascaes, Lourinhã, e outras terras, de quem procedem illustres Familias de Castros, Menezes, Sylvas, &c. D. Pedro da Guerra, e D. Fernando, Senhor de Bragança, dos quaes descendem outras não menos illustres.

Foy o Infante D. João Principe de boa disposição, e singular gentileza, e dotado de todas as graças, q̃em hum tal fugeito se podem dezejar: grande Cavalgador de gínetas, e brida, e tão destre, que como se escreve do grande Alexandre, os cavallos indomitos, que outros não podião amañçar, assim os manejava elle como os mais mansos, e ensinados. Nas justas, e torneos, em que muitas vezes entrava, quasi sempre ganhava os premios. Foy grande Montei-ro, e que com urcos,

ços, e porcos montezes lhe aconteceraõ grandes casos. Da condição era liberalissimo, e tão benigno, e suave na conversação, que quem o ouvia alguma vez não se podia mais apartar d'elle. De q̃ resultou, que em Castella, onde não era tão bem herdado, como á sua qualidade convinha, foy sempre servido de muitos Grandes, que tinhaõ tanta, e mais renda, q̃ elle, que o acompanhavaõ continuamente como seus acostados. Finalmente não houve em Dom Joaõ cousa de reprehender, fenaõ a morte de sua mulher pela cobiça de reinar; por onde Deos o castigou com premitir, q̃ não reinasse.

Foy em Portugal Senhor das Villas de Porto de Moz, e Sea, com seus Termos, e das terras, e julgados de Lafoens, de Gufar, de Çataõ, de Penalva, de Rio de Moinhos, de Befeiteiros, de Sever, de Fonte-arcada, de Bem-viver, de Muymenta de Armamar, de Panha, de Riba de Visella, de Figueiredo, de Aguiar da Beira, de Adeganha, dos Prestimos de Cerquins, de Oliveira do Conde, de Oliveira do Bairro, com suas jurisdicções, e rendas, pordata delRey seu pay; e por doação delRey Dom Fernando, seu irmão da Villa de Gouveya. Tudo isto perdeu, e o que mais he a Coroa deste Reyno, a que tanto aspirou, que de direito

lhe

lhe vinha, e que os Estados d'elle tanto lhe dezerjárao dar, fazendo-se incapaz della por matar cruelmente sua innocente mulher, passar-se a Castella, e tomar armas contra a sua Patria.

E ainda assim fora Rey se por morte delRey, seu irmão não estivera impedido; porque sendo ElRey de Castella D. Joaõ I. casado com Dona Brites, filha herdeira do de Portugal, não se dando por seguro no seu direito, nem se fiando muito nos Portuguezes, cujos animos conhecia inclinados ao Infante, e pela natural antipatia, que sempre houve entre elles, e os Castelhanos, temendo-se que o fizessem Rey, e lhe entregassem o Reyno, o mandou logo prender, e guardar muito bem; por onde vendo elles este obstaculo, muito mais aborrecérao o Castelhana, e tomárao por seu Defensor, e pouco depois em Rey, a Dom Joaõ, Mestre de Aviz, seu irmão bastardo. Altos juizos de Deos, que por onde injustamente muitos querem subir, por hi lhes vem a ruína, e abatimento! Morreo o Infante na prizaõ, e está sepultado em Santo Estevão de Salamanca, Convento da Ordem de São Domingos.

CAPITULO IV.

Em que se prosegue a mesma materia.

O Terceiro filho delRey Dom Pedro; e de Dona Ignez de Castro foy D. Diniz, que levando a mal o casamento delRey D. Fernando com Dona Leonor Telles, sua vassalla, e casada com João Lourenço da Cunha, não lhe quiz beijar a mão, dizendo: *Que ella lha devia beijar a elle*; por onde ElRey, agravado, o quiz matar com huma adaga, dizendo: *Que não tinha vergonha, de que vendo que lha beijavaão Infante D. João, que era mais velho, que elle, e D. João, Mestre de Aviz, seus irmãos, e todos os Fidalgos do Reyno, só elle o recusasse fazer?* Pelo que se sahio da Corte, e andou omiziado, e fóra da graça delRey, que lhe tinha grande odio, até que se foy para Castella, muito antes de feu irmão, onde ElRey Dom Henrique o casou com outra sua filha bastarda, e lhe deu em dote as Villas de Alvade Tormes, Escalona, Cifuentes, e outras.

Teve da dita sua mulher, chamada Dona Joanna, tres filhos: Dom Pedro, Dom Fernando de Portugal, que deixando este appellido tomou o de Torres, e delle descendem os Fidalgos, que o tem. O terceiro filho foy Dona Brites, que

que sendo muito virtuosa permaneceu donzella na companhia da Rainha Dona Maria de Castella, e depois viveo em Tordefilhas, onde edificou, e dotou hum nobre Hospital para pobres. Feraõ Peres de Gusmaõ na Chronica del Rey D. Joaõ II. de Castella, lhe chama filha del Rey Dom Diniz, naõ pelo q̃ cuidou Duarte Nunes de Leão, fenaõ porque seu pay tomou este titulo quando vio que seu irmaõ bastardo, e mais moço, estava feito Rey de Portugal, estando elle em primeiro lugar; e tomando armas por ordem del Rey de Castella vencido dos Portuguezes, quiz entrar neste Reyno, pertendendo o Castelhana introduzir nelle diviões para fazer melhor o seu partido; mas sahio frustrada esta maxima pela felicidade do vitorioso irmaõ; e este titulo tem gravado na sepultura em Guadalupe; o que estranhando El Rey D. Sebastiaõ, quando alli foy verse com seu tio El Rey D. Felippe II. por naõ ter noticia do caso, nem de outro Rey D. Diniz, mais que do sepultado em o Real Mosteiro de S. Dionisio de Odivellas no Termo de Lisboa, pediu que a tirassem dalli da Sacristia, onde estava, e a recolhessem em parte occulta, o que foy logo executado.

Teve o Infante Dom Diniz em Portugal o Senhorio das Villas do Prado, as Terras, e
Ff Julgados

Julgados de Murça, de Nales, de Azurára, de S. João de Rey, de Santo Estevão de Jarez, de Riba do Lima, de Valdevéz, de Preselhar, de Santa Cruz de Riba do Tamega, e da Maya, com suas rendas, e jurisdicções, as quaes perdeo por não fazer a vontade a El Rey D. Fernando, seu irmão, e se passara Castella, onde viveo, e morreu, e foy sepultado com sua mulher na Sacristia do dito Mosteiro de nossa Senhora de Guadalupe, em hum tumulo de marmore, e não em Santo Estevão de Salamanca, como pareceo a Guaribay, e ao seu parcial Mariz, por estar alli o outro irmão.

A filha del Rey D. Pedro, e de Dona Ignez de Castro, Dona Brites foy Senhora de muito preço, e grandes perfeições teve-a seu pay contratada para cazar com El Rey D. Pedro de Castella, como tambem todos seus irmãos com as filhas do dito Rey, e nenhum teve effeito, vindo ella depois a cazar, em tempo del Rey D. Fernando, com D. Sancho, Condê de Albuquerque, meyo irmão do dito Rey D. Pedro, e inteiro del Rey Dom Henrique de Castella, com o qual se logrou muy pouco tempo, e por sua morte ficou prenhe, de que pario Dona Urraca, que depois mudando o nome, se chamou D. Leonor, a qual por ser Condeça de Albuquerque,

buquerque, e Senhora das Terras do Infantado, e de outras muitas, porque lhe chamavaõ: *Rica femea*, e por ser dotada de muitas virtudes, e merecimentos, como da fermosura, e partes, casou com o Infante D. Fernando, del Rey Dom João I. de Castella no anno de 1393. em Madrid, e foraõ depois feitos Reys de Aragaõ, e Sicilia, e pays dos celebrados Infantes de Aragaõ, dos quaes os dous primeiros foraõ Reys muito valerosos; D. Affonso de Aragaõ, e Sicilia, que ganhou o Reyno de Napoles, e D. João II. de Navarra, e Aragaõ; e tambem o foraõ das Rainhas Dona Leonor, que casou com El Rey D. Duarte de Portugal, e Dona Maria, mulher del Rey D. João II. de Castella. Por onde o sangue da fermosa Dona Ignez de Castro se defundio por todas as veas Regias da Europa. Os filhos da qual senaõ chamãraõ senaõ depois que El Rey D. Pedro declarou, que fora casado com ella. Como se prova do termo, com que os tratava El Rey seu avô quando lhes fazia alguma mercê, dizendo na Escriitura: *Querendo fazer graça, e mercê a D. João, meu vassallo, filho do Infante D. Pedro, meu filho, &c.* A Infanta Dona Brites está sepultada na Sé de Burgos. Isto pelo que toca aos filhos, profigamos o que se passou com a mãy; tragedia affaz lastimosa!

CAPITULO V.

Do cuidado, e desconfiança, que estes amores do Infante D. Pedro com Dona Ignez de Castro, causáraõ em ElRey Dom Affonso, e lhe occasionáraõ a morte a ella.

VEndo ElRey Dom Affonso o Infante taõ engolfado nos amores de Dona Ignez, e receando que viesse a cazar com ella, segundo lhe estava amorosamente entregue, o que podia ser, posto que fosse sua sobrinha, filha de quem era seu primo, por virtude da Bulla impetrada do Papa Joaõ XXII. que está na Chronica; e porque não convinha por muitas razões, nas quaes elle Infante não repararia, obrigado da grande força de amor, e afeição, que lhe tinha, começou a importunalo, que cazasse, pois se achava ainda em idade juvenil, apontando-lhe varias Esposas para que escolheffe alguma dellas, e se apartasse do estado escandaloso, em que vivia, estando assim embaraçado com illicitas conversações. Foy este Rey muito honesto, de sorte que senão sabe que conversasse outra mulher mais que a sua, não se parecendo nisto com seu pay D. Diniz; e por isso sentia muito a inclinação do filho, e a procurava evitar. Não lhe deferia a nada o Infante, por onde ElRey posto em grande cuidado, e

def-

desconfiança da repulsa, lhe mandou muitas vezes perguntar: *Se era casado com Dona Ignez? porque se o fosse a honraria, como sua mulher, a que era preciso dar authoridade, e honra, como a pessoa, que havia de ser Rainha.*

Porèm o Infante (tal vez imaginando que seu pay queria saber a verdade, porque se assim fosse lha mandaria matar) nunca confessou ser com ella casada; antes protestava: *Que nem o era, nem o havia de ser.* Mas não se queria apartar della, nem aceitar algum dos casamentos, que lhe propunha seu pay com grandes conveniencias, e utilidades desta Coroa; dando as escusas, que o amor de Dona Ignez lhe fugiria com algũs pretextos apparentes, hum dos quaes era o grande sentimento da morte de sua esposa, que ainda o acompanhava.

Vendo-se na Corte a repugnancia, que o Infante punha em passar a segundas vodas, logo entenderaõ muitos que elle estava casado com ella em segredo, ou que de tal sorte se lhe tinha entregue, que já o não podia fazer com outra em vida della; mas que o não queria descobrir em vida de seu pay por vergonha de ella ser bastarda, e de mãy desconhecida; e que por morte d'elle o viria a declarar sem pejo, ou a receberia entaõ por mulher, e a poria em tanta altura, que os
af-

affombrasse a todos; e não a querêdo elles ver taõ sublimada, nem adorada por senhora, ou tendo-lhe inveja da dita, aconselhavaõ a ElRey, que ou apertasse com o Infante, que tornasse a cazar, e não tivesse no Reyno Dona Ignez, ou lha mandasse matar; para que por morte d'elle Rey, onde o hia encaminhando a sua muita idade, não ficasse ella viva, ou em seu poder para ruina de alguns.

Fomentavaõ este conselho com varias razões, quaes eraõ a desigualdade della para mulher do Infante, que havia de ser Rey, e ter por irmãos D. Fernando, e Alvaro Pires de Castro, poderosos em Castella, e em Portugal já pouco menos com o seu favor, dos quaes se podia recear, q̃ ordenassem a morte ao Infante Dom Fernando, herdeiro do Reyno, como filho do Matrimonio de Dom Pedro, e Dona Constança, para que algum de seus sobrinhos, filhos de Dona Ignez, pudesse succeder no Reyno, e elles por esta via se fizessem mais poderosos nelle.

Estas, e outras razões penetráraõ tanto o coração delRey Dom Affonso, que ficou muito mais desgostado, e posto em mayores cuidados do caso: porque por huma parte reconhecia o grande perigo em que ficava metido hum neto, que muito amava, por ser filho de mãy, que tanto estimou, e criava para herdeiro do seu Rey-

Reyno, e receava a sua destruição, ficando Dona Ignez viva com tantos parentes, que lho haviaõ de usurpar. Por outra parte reparava em quaõ cruel acção seria matar huma mulher, e innocente, por culpa alhea, e agora no fim de sua vida, maculando a sua boa fama com aquelle deramamento de sangue, em tempo, que só havia de cuidar de ter a Deos propicio, e tratar da salvação, e naõ de occasionar odios, que dalli haviaõ de nascer.

Destas consultas foy o Infante Dom Pedro avisado pela Rainha Dona Brites, sua mãy, pelo Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, e por outros muitos Prelados, e Senhores, aconselhando-o: *Que se acaso era casado com Dona Ignez, como se suspeitava, o declarasse para evitar estes cuidados, e soccegar o Reyno, e os Vassallos, a quem dava causa de tantas murmurações, e escandalos; ou senaõ, que a retirasse para lugar, onde sua vida estivesse segura, certificando-lhe que de sua morte se tratava muito; porque ella como mãy, e elles, como vassallos leaes, e amigos, lhe dezejavaõ evitar toda a occasiã de desgosto, que sem duvida o teria grande pelo effeito deste caso.* Zombou o Infante dos avisos, julgando-os por terrores, e ameaças vãs para o intimidar, e fazer que se apartasse

tasse de Dona Ignez, sem a qual não podia elle já viver; e parecendo-lhe, que ninguem se atreveria a offendella, estando da sua mão, por amor delle; e que seria mayor risco dizer, que era sua esposa, nunca o quiz confessar, nem pola em seguro.

Esta confiança, e juntamente desconfiança do Infante nasceo a morte da beleza, que adorava; porque saindo elle à caça (como alguns dizem) ou para mais longe, como parece, sabendo ElRey da sua ausencia, e estando já instigado dos seus, partio de Montemôr o velho, resolutos, e determinado para a hir matar; e acompanhado de alguns de cavallo armados, chegou aos Paços, em que ella assistia, que como acima disse, eraõ os de Santa Clara da Cidade de Coimbra, a qual quando sentio o reboliço, affustada da novidade, não se podendo já pôr em salvo, nem esconder por alguma via, fahio ao encontro a ElRey, vindo-o receber á porta, toda sobrefaltada, tremendo, e com cara de mulher, que via já a morte presente; e para o aplacar da ira, e mattenção, com que vinha, e o mover à piedade, trouxe consigo os trez meninos, seus filhos, netos delle. E tantas lagrimas derramou, e disse de palavras, (que alguns expõem em largas orações) que

flicção ministrava em tal occasião, allegando sua innocencia: *E que se havia crime, outrem tinha a culpa, que como subdita obedecia a quem a podia mandar, que o ser amada era vontade alheia, e não industria sua, que se o Infante se pagava della, e ella lhe correspondia ao seu amor, não sabia que isso fosse crime, antes que por isso entendia merecer mais premio, que castigo; que puzesse os olhos naquelles innocentes netos, que prostrados a seus pés imploravaõ a sua piedade, que não os quizesse orfandar tão cedo, nem macular sua fama, e valor tão decantado com a morte de huma fraca mulher; q̃ se achava tello offendido em alguma cousa lhe perdoasse, e houvesse della compaixão.* E por aqui lhe foy dizendo taes cousas, q̃ ElRey posto q̃ de condição dura, se moveo à piedade com ellas, e com a sua vista, e fermosura, della, e dos trez meninos; e voltou arrependido da crueldade q̃ intentava fazer, não a querendo já executar.

Vendo isto os que o acompanhavaõ, principalmente Alvaro Gonçalves, Meirinho Mór do Reyno, Pedro Coelho, e Diogo Lopes Pacheco, Senhor de Ferreira, entenderaõ que revogava a sentença, e a queria deixar livre; do que aggravados começaraõ a queixarse d'elle, porque trazendo-os alli com aquella publica de-

terminação,

terminação, deixando-a com vida, os metia a elles em manifesto odio, e perigo dalli em diante com ella, e com o Infante, e com todos os seus pelo caso; e tanto lhe encarcerarão isto, e outros perigos que allegavaõ, que elle lhes deu licença para que entrassem a matalla; e assim o executáraõ, matando às punhaladas a mais fermosa, e engraçada Dama, que conheceo aquelle seculo, e foybe encarecer a antiguidade, ou degolando-a, como diz o livro da Noade Santa Cruz de Coimbra, referido por Barboza, em 7 de Janeiro de 1355.

Acção barbara, feito estranho, e successo lastimoso! que foy attribuido a grande crueldade delRey, em tal consentir, por todos aquelles, em que havia amor, brandura de condição, e animo piedoso, accusando a deshumanidade, e dizendo, que menos mal era expor-se aos successos futuros, porque eraõ incertos, que executar huma insolencia, evitando hum inconveniente com outro mayor, como fora matar huma innocente, que para ser Rainha pouco lhe faltava de qualidades, e nada de merecimentos. De cujo lastimoso successo há ainda hoje viva lembrança na tradição das gentes para perpetua calunia dos principaes

principaes Conselheiros, e executores da maldade, a quem não abrandou o coração nem moveo à piedade a vista de tal beleza, nem suas lagrimas, rogos, e gritos!

Foy Dona Ignez sepultada na Igreja daquelle Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, donde depois a trasladou para a de Alcobaça o seu intimo amante ElRey Dom Pedro, para aquella magestosa sepultura, e com a pompa, que conta a Chronica, a que remetto o Leytor, e o repito adiante.

CAPITULO VI.

De como o Infante D. Pedro aggravado del Rey seu pay, pela morte de D. Ignez de Castro, se levantou contra elle, e lhe fez guerra, e forão depois concorridos.

TAnto que o triste ecco da fama da morte de Dona Ignez de Castro fôou nos ouvidos do amoroso Infante D. Pedro, trespassado de huma excessiva pena, partio incontinentemente a vingala, se encontrasse ainda os executores della, e de tão execrando atrevimento; e não os achando para os fazer victimas do seu furor, forão tão excessivos os extremos

do seu sentimento por tão lastimoso successo, q̃ receáraõ muitos, q̃ elle perdesse a vida, ou quãdo menos o juizo. Porque além da dor, q̃ lhe causava hũa morte tão tyranna, e das grandes faudades, q̃ della padecia, pelo muito q̃ a amava, lembrava-lhe juntamente que por sua causa delle morrèra tão cruelmente, matando-a aquelles tyrannos tão sem culpa della; e a si proprio se acusava, de que sendo avisado por tantos do que se tratava contra ella, não fizera caso disso para a pôr em salvo, como fora tantas vezes aconselhado; pelo que a si tornava a mayor culpa.

Mas para desafoço de tão grande pena, e vingança de tal erro tratou de offender a seu pay, buscando todos os meyoys de o desgostar, e perseguir, destruindo-lhe o Reyno para haver às mãos os parrecidas tão crueis, e vingar nelles a innocencia, e executar a sua ira. Juntou muita gẽte sua com todos os malfeitores, e omiziados do Reyno por seus crimes, como tambem fizera seu mesino pay, com menos causa, contra seu avô, permittindo-o assim Deos em castigo daquella culpa. E convocando os dous irmãos de Dona Ignez, Dom Fernando, e Dom Alvaro Pires de Castro, não menos agravados, e sentidos; elles com suas gentes, parentes, e amigos, marchàraõ contra as Provincias de

de Entre Douro, e Minho, Traz dos Montes, e Beira, onde juntando-se com o Infante fizeraõ grandes estragos, executando nos Povos a Paixaõ da culpa, que naõ tinhaõ, verificando-se aqui o Proverbio de *pagar o justo pelo peccador*, que aqui melhõr se diria: *Os innocentes pelos culpados*, executando o mayor rigor nos Lugares, que eraõ delRey, onde a ira fazia seu effeito em roubos, mortes, e todos os dannos, que podiaõ. E vindo assim marchando com grande poder para tomar a Cidade do Porto, meteo-se nella com muita gente de guarniçaõ para a defender D. Gonçalo Pereira, Arcebispo de Braga, a quem foy encomendada. E porque esta Cidade ainda naõ estava cercada de todo, como agora está, o Arcebispo para melhor defenõsa della, a cercou com vellas de navios, firmadas nos mastros, e mais treys delles, e doutras madeiras; e metido dentro, assentou comfigo, e com os que ahi tinha, de a defender a todo risco, e morrer antes por sua honra, que entregar a Cidade a quem com aquella força podia vir a dar grande trabalho a ElRey, e mayor turbaçaõ no Reyno. Porẽm o Infante, que estimava muito o Arcebispo pela lealdade, e amor, com que sempre o tratára, e avisos, que lhe dera; e pela razãõ do seu officio, e excellencia

lencia do estado, lhe tinha grande reverencia, não lhe quiz pôr a vida, e honra em perigo, e desistio do intento; e parou com a marcha tambem por saber que ElRey, seu pay, se achava já em Guimarães, e o vinha soccorrer.

ElRey Dom Affonso tanto que soube do levantamento, e rebelião do filho, bem entendia logo q̃ Deos o queria castigar pelos mesmos termos, com q̃ elle o offendera, quando fizera o mesmo a seu pay, movido só de ambição, e cubiça de reinar mais cedo, com que o molestara muito, de que agora se arrependia, como tambem de ter consentido na morte de Dona Ignez, causa dos danos presentes; e para os remediar, marchou com gente de guerra para Entre Douro, e Minho, buscando o inimigo pelas costas para lhe cortar a communicação com Castella, donde se reforçava: e chegando a Guimarães se começou a tratar de concordia entre elles por via de alguns vassallos fieis, amigos do soccego, e quietação da Republica; pelos quaes medianeiros movido o Infante, não só conveyo na paz, mas já se arrependia da rebelião, e desobediencia, em que andava com seu pay havia seis mezes, e lhe pedia perdão, pois destruhia o Reyno, que em fim havia de ser seu.

Finalmente vindo o Infante ao lugar de
Ca-

Canavezes, onde foy ter com elle a Rainha Dona Brites, sua mãy, e o Arcebispo de Braga, com outras authorisadas peſſoas, que alli ſe juntáraõ intervindo todos pela paz, e quietaçaõ do Reyno, depois de grandes debates, e altercações, o vieraõ a concordar com ElRey aos 5 do mez de Agoſto do meſmo anno de 1355. dous dias menos de ſete mezes depois da morte de Dona Ignez, com eſtas condições: *Que o Infante perdoaſſe a todos aquelles, que ou por conce-lho, ou por feito foraõ culpados na morte de Dona Ignez; e ElRey a todos os que por eſſe caſo em ſerviço do Infante tomáraõ armas contra elle. Que o Infante foſſe dahi em diante obediente a ElRey, ſeu pay; como a bom filho, e bom vaſſallo convinha; e que lançaſſe de ſua companhia, e terras todos os malfeitores, que com ſigo trazia. Que dahi em diante em todos os Lugares do Reyno, por onde andaaſſe, e eſtivesſe, uſaaſſe de toda a jurisdicção, e poder de juſtiça, e governo; paſſando ſe as cartas, e ſentenças, que ſe deſſem em nome delle Infante. Que traria elle com ſigo Ouvidores, que foſſem da ſua jurisdicção, e ſe nomeaſſem por ſeus, os quaes teriaõ authoridade ſobre os Corregedores, e outros quadeſquer juizes delRey. Porẽm que em tudo guardariaõ ſuas Leys, e Ordenações. E que nos*

casos das mortes, e condemnações de perdas de grandes Officios, e terras de seus vassallos, antes da execução da sentença, o fizessem saber a El-Rey, para sobre isso dispôr o que tivesse por bem. E que quando o Infante mandasse fazer justiça, os pregoeyros dicessem: Justiça que manda fazer o Infante por ordem del Rey seu pay, e em seu nome.

De todo este assento se fizeraõ escrituras authenticas, que foraõ firmadas com juramentos solemnes, e por homenagens, que deraõ, e por Cavalleiros de hum a, e outra parte ajuramentados, q̃ ficàraõ por fiadores, e asseguradores delles, em q̃ tambem a Rainha affinou, jurou, e deu homenagem. E porque El Rey não foy presente, q̃ estava em Guimarães, là lhe levàraõ a Escritura das capitulações, e elle a aprovou, e ratificou, affinando-a, e jurando de guardar, e cumprir tudo o contheudo nella, em S. FRANCISCO da dita Villa, e cõcedera muito mais por ter o filho quieto, e os povos soccegados, e a si mesmo livre de escrúpulos, e murmurações do passado.

Porèm sem embargo do perdaõ, q̃ o Infãte deu aos matadores de Dona Ignez de Castro, e juramento, q̃ sobre isso fez, El Rey em dous annos que depois viveo sêpre conheceo nelle ter lhes odio, e mã vontade, e q̃ dava a entêder, que os havia de casti-

castigar depois que elle morresse; pelo que che-
gando àquelle termo, conhecendo estar propin-
qua a hora; estando em Lisboa, e o Infante ausen-
te à caça na Ribeira de Canha, mandou chamar
Diogo Lopes Pacheco, Alvaro Gonçalves, e
Pedro Coelho, que foraõ os principaes Conse-
lheiros, e executores da morte della, e lhes dis-
se perante Alvaro Gonçalves Pereira, Prior do
Crato: *Que por quanto se via chegado á morte,
e depois della lhes não podia segurar a vida pe-
lo que sentia no Infante seu filho; e assim, por-
que lhes queria bem, os aconselhava, que logo
sabissem deste Reyno, e salvassem suas pessoas
com a presteza possível, e que das fazendas, que
não pudessem levar, não fizessem caso algum.*
Elles, que bem o entendiaõ, e o receavaõ mui-
to, o fizeram assim, já bem arrependidos de fe-
rem elles mesmos os que deraõ occasião para ago-
ra se deterrarem. Mas Alvaro Gonçalves, e Pe-
dro Coelho não puderaõ escapar depois, como
refere a Chronica.

CAPITULO VII.

De como o Infante D. Pedro, ainda em vida del-Rey, seu pay tratou de legitimar os filhos que tinha de Dona Ignez de Castro, e elle lho impedio, e por que razão.

HAvendo já alguns annos que o Infante D. Pedro tratava com Dona Ignez de Castro, e a trazia assim comfigo por onde andava, retirando-se del Rey seu pay, com o q̃ o tinha muito desgostado, e metido em varios pensamentos, vêdo-se com filhos della, obrigações de mayor amor, e cadeas firmes deste cativeiro, conhecendo que já fenaõ podia apartar della, nem sabia amar a outra, tratou de a receber, e legitimar os filhos para poderem ser seus herdeiros em falta do primogenito. E porque se lembrava que quando em Lisboa recebêra a Infanta Dona Constança, duvidàraõ alguns Prelados do Reyno, que se achàraõ presentes, se pela Dispensação do Papa Joaõ XXII. por virtude da qual se desposára com Dona Branca, ficava tambem dispensado com ella por algumas circunfancias novas, em que faziaõ reparo; e consultando-se Theologos, assentàraõ, que tudo se comprehendia na Bulla; e posto que a mesma declaração lhe servia para o presente caso de Dona Ignez, com tudo, como

ha-

havia tambem outras, e o novo impedimento de suposto Compadrio, com que o Papa não dispensára, por ser cousa de futuro; e porque fazia este casamento a furto, e contra vontade de todos, quiz a cautelar-se para que a nenhum tempo fosse annullado, ou reputado portal, o que muito receava; para o que tratou de impetrar de Roma nova, e firme Dispensação para segurança do caso.

Sabendo ElRey disto na Villa de Alamquer, onde então se achava, e sintindo-o muito pelo prejuizo do Infante D. Fernando, e desconveniencia do mesmo impetrante, deu logo ordem a impedir esta Embaixada, e intento do filho, escrevendo secretamente ao Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, que estava em Avinhão, onde então assistia a Corte Romana, que fizesse com o Papa não admitisse, nem despachasse a supplica do Infante D. Pedro, seu filho, por não ser conveniente; e a carta he a seguinte.

Affonso pela graça de Deos, Rey de Portugal, e dos Algarves. Ao muito honrado em Christo Padre D. Gonçalo, por essa mesma graça Arcebispo de Braga, saude em Deos. Sabe de que D. Pedro, meu filho primogenito berdeiro, anda embebedo de amores, e indufido por palavras d'alguns, que cazasse com hum

mulher, filha que foy, segundo dizem, de Dom Pedro Fernandes da Guerra, e de humam madre, que nom era sua mulher legitima, e o induzem pera tal casamento, nom embargando q̃ algũs, que sam parentes do Infante no segundo grão de parentesco, ao presente cometão nom licita cousa com ella, e dizem que pera tirar tal embargo, que o Infante he em disposiçam pera mandar escrever a alguns seus amigos, que lhe impetrem sobre isso dispensaçam do Papa, a qual se outorgada fosse, podersebia seguir ao diante grande escandalo entre os que vivem em nossos Reynos: E porque os que sam presentes, donde o Infante meu filho descende, sempre atè ho presente forão honradamente, e com mulheres filhas de Reys por legitimo Matrimonio casados: E porque outro si a honra de nossa Real dignidade, em que segundo direito de natureza a meu filho ha esperança de successor, e isso mesmo a todos seus honrados parentes do dito casamento, se feito fosse, seguiria grande deshonra. Porém com muita efficacia vos rogamos, que secretamente de nossa parte informeis ho Papa como o dito casamento seria nom licito, e desigual: e praza a Sua Santidade em esta parte nom ouvir com afeição as supplicaçoens do Infante, meu filho. E se cumprir de o Papa ser mais certificado da nossa vontade,

tade, então secretamente lhe mostray esta nossa carta; e nisto trabalhay com tal diligencia por nosso serviço, porque sejamos obrigados de vos fazer mercè. Dante, &c.

Conseguio ElRey Dom Affonso o intento, porque não teve effeito o do Infante; mas elle parece que estribado na geral Dispensação, por virtude da qual se tinha desposado duas vezes, e em que mandara avisar Dona Ignez, que não fizesse tenção de ser sua Comadre, tratou de a receber; e se o executou, ou não, ou se o podia fazer legitimamente, sem nova Dispensação, sempre teve suas duvidas.

CAPITULO VIII.

Decomo o mesmo Infante, sendo já Rey, fez a mesma diligencia para legitimar os filhos, que tinha de Dona Ignez de Castro, e do que sobre isso passou com o Papa.

Morta Dona Ignez de Castro, como está visto, e fallecido tambem dahi a dous annos ElRey Dom Affonso IV. no de 1357. tanto que Dom Pedro se vio possuidor da Coroa, e com o mando do Reyno, tratou logo de investir de novo com a legitimação de seus filhos para que sem escrúpulo pudessem ser seus herdeiros na herança deste Reyno, offerecendo-se

se occasião disso; para o que escreveu ao Papa Innocencio VI. que então governava a Igreja de Deos, e lhe mandou por Embayxador Giraldo Esteves com outros Cavalheiros de sua companhia; e do que levou por instrucção o que toca a este requerimento he o seguinte.

Outro filhe direis em Camara, que El-Rey recebeo por palavras de presente a Dona Ignez de Castro, que Deos perdoe, como manda a Santa Madre Igreja, da qual houve seus filhos, com a qual havia divedo, e que lhe pede que praz a Sua Santidade de outorgar, ratificar, e affirmar o dito casamento nom embargando o dito divedo de linhagem, que com ella havia, assi que portal confirmança, e legitimação, os ditos filhos, que assi della tem, sejam legitimos, e que hajaõ, e possaõ haver aquillo, que haveriam nom havendo abi o dito embargo de linhagem. E com isto apertay para haverdes delle bom despacho, &c. E mais adiante tornava a apertar com o mesmo negocio, como coufa, que mais dezejava, que todas as outras, q mandava requerer, dizendo:

Outro si, se virdes que o Papa vos outorga cada humas das quatro cousas primeiras em rezaõ das pedidas das Igrejas, pedi-lhe logo o mais da legitimação do casamento, e depois as outras
cousas,

cousas, pela fôrma que aqui são escritas. E nom vos outorgando cada hum das quatro cousas, vòs toda via haveivos de sorte que alcançeis despacho da dita confirmação do casamento, em fôrma que os moços fiquem legitimos. E quanto be das duas pedidas nom cureis disso, &c. A este requerimento respondeo o Papa elcufando-se na fôrma seguinte.

Innocencio Bispo servo dos servos de Deos. Ao muito amado em Christo filho Pedro muy nobre Rey de Portugal saude, e Apostolica benção. Seja certa a vossa Real Alteza, que benignamente recebemos os vossos honrados, e discretos Embaixadores, e entre algumas cousas, que em sua Embaixada da vossa parte nos forão propostas, esta em especial foy, que havendo vòs fuisa de atrevimento por hum geral dispensação, em que fôrma acostumada á vossa instância, e do muy nobre Rey D. Affonso, vosso pay, nosso Predecessor de boa memoria Joaõ Papa XXII. impetrâras, cazaste, e recebeste por mulher Dona Ignez, filha, que foy de D. Pedro de Castro, a qual por linhagem transversa de hum parte no segundo grão de geração era vossa aparenta, e doutra por semelhante linba no terceiro grão tinba com vosco parentesco, e no quarto grão de afinidade era vossa cunhada. E po-

*rèm devotamente nos pedirão, e supplicarão de
nosso Appostolico, e inteiro poder graciosamente,
e por vosso respeito declarassemos o dito Matrimo-
nio de seu fundamento, por virtude daquella
Dispêsação ser entre vòs ambos direitamête con-
tratado, e os filhos, q̃ delle descendêrão legitima-
mête serem nascido. E se assim perfeitamente esta
graça recusarmos, q̃ ao menos por sua parte nos
suplicavaõ q̃ por vosso respeito nos prouvesse legi-
timar a dita vossa geração, e de D. Ignez, q̃ per-
feitamête a reintegrassemos ao primeiro direito
de natureza, q̃ é tudo ficasse habilitada para po-
der succeder, assim como se de seu pr̃icipio fosse va-
lioso, e direitamête cõtratado, e se a tal geração
legitimamête decêdêra. Certamête filho muito a-
mado nòs cõsideramos nisso cõ boa atêção, e é tudo
aquillo, que pelos ditos Embaixadores, por vossa
parte nos foy requerido; e como quer q̃ muito seja-
mos de boa vòtade para cõceder a vossos dezejõs,
e cõprazer a vossa real Alteza; porẽ somos demo-
vidos por algũas legitimas rezoẽs, fũdadas è Di-
reito, q̃ toda via devemos guardar, e nam cüprir
cõ effeito è receber vossa supplicação sobre o decla-
ramêto do dito Matrimonio. Da outra segũda re-
zão de vossa parte proposta sobre a legitimaçam
dos vossos filhos, e de D. Ignez nascidos, è cõclusão
vos respõdemos, q̃ a S. S. Apostolica não tẽ è costu-
me de outorgar semelhãtes petições, e Dispêsaço-
ens,*

ens, nem legitimação, salvo se for a grãdes, e nobres pessoas, e isto por algũas evidẽtes, e manifestas razões, as quaes no cõtexto da vossa supplica senão mostrão serem por vossa parte expressas, e allegadas para em perjuizo doutrem, q̃ no direito da concessão hajais por herança, semelhante legitimação havemos de outorgar, salvo o terceiro, q̃ pertence por tal razão a supplicasse, e o pediu, ou se por outra alguma maneira claramẽte se mostrasse q̃ vosso requerimento procedia de seu expresso consentimento, o que he preciso preceder mayormente nesse caso, e em q̃ se trata de legitimação sobre successão de herança para pessoas, que não são das terras sujeitas á temporal jurisdição da Igreja. Porẽm, muito amado filho, a Santa Sè Apostolica tem por bem q̃ não admita as vossas supplicas ao despacho, nem outorgue semelhante graça. Rogamos a vossa real clareza, e com todo o bom dezejo aconselhamos, q̃ com paciencia soffraes nossas escusações, que nos demove, e constrange usar do contrario, q̃ vós pediste, porque a nosso Pastoral Officio não convẽ quebrãtar a Ley de Christo nosso Salvador, mas conformar com ella, e não desviar de sua Doutrina. Dada em Avinhão, Idus do mez de Junho, do nosso Pontificado anno nono. Ha quẽ duvida da realidade desta Bulla por algumas razões,

que allega, principalmente porque se acha copiada em huma collecção impressa em França com alguma diversidade de palavras; e funda a sua mayor duvida naquellas, onde diz: *Que a Santa Sè Apostolica não tem em costume de outorgar semelhantes dispensações, nem legitimação, salvo se for a grandes, e nobres pessoas, e isso por algumas evidentes, e manifestas razões, &c.* Argumentando assim: *Hecerto que mayores pessoas, do que os Reys; não as há no Mundo; porque em sua comparação nada he grande; pois vemos que a grandeza dos Cavalheiros he hum participação da real, mas sem comparação, nem semelhança: e se o Papa não concedia aquella graça senão às pessoas grandes, dezejára saber quaes eraõ as que a mereciaõ, pois negando-a a hum Rey, mostrava que o não conhecia, nem respeitava por Grande? Que mais causas havia de expressar na supplica El Rey D. Pedro, do que a vontade de que aquelles Principes não fossem illegitimos, o que era de razão, podendo-o ser pelo beneficio da dispensa, &c.*

E infere daqui, que foy fingida, ou viciada pelo Doutor João das Regras nas Cortes de Coimbra para facilitar a eleição em Rey do Mestre de Aviz D. João I. impugnada por muitos devotos dos filhos de Dona Ignez de Castro, a quẽ
jul

julgavaõ mayor direito à Coroa, já pelos terem por legitimos, já por serem mais velhos, que o Mestre. Mas como se achavaõ em Castella impedidos, e tinhaõ tomado antes as armas contra a sua Patria, e o Reyno necessitava muito de ter logo Rey para a defenfa contra o de Castella, que o invadia pelo direito de sua mulher, e o Mestre o tinha defendido muitas vezes com valor, e merecia o titulo, confessa que foy preciso usar entãõ de arteficio para os inabilitar, excluindo-os da Coroa, e dalla ao irmão illegitimo, porque se achava no Reyno, prompto para huma, e outra cousa, e exposto aos trabalhos.

Eu não duvido que assim fosse, que o Doutor usasse de algum arteficio para reforçar o direito do Mestre D. João, pela necessidade do tempo, porque sey que lhe foy necessario tanto cabedal, e esforço de razões para o pôr no Trono, como ao grande Nuno Alvres Pereira de valor para o segurar, e conservar nelle. Porém (sem disputar se he, ou não verdadeira a carta) com licença de sua reverenda pessoa, e respeito ao seu discreto discurso, eu digo, que aquellas palavras não se devem tomar em rigor, nem entender no sentido, em que elle as toma; mas em outro muito diverso, qual he: Que não se concedendo aquellas graças senão a pessoas grandes,.

como elle era, ainda assim não se fazia isso senão por cousas muito urgentes, que elle não allegava, nem tinha; e como o Pontifice sabia muito bem que ElRey tinha filhos legitimos herdeiros, e destes se não mostrava consentimento na supplica, que podia proceder de afeição de seu pay aos outros em prejuizo delles, por isso a não quiz outorgar em quanto lhe não constasse do tal consentimento, pois tinhaõ já idade para isso.

Nesta conformidade escreveo a ElRey sem lhe conceder o que pedia, nem negar novo recurso, que poderia haver, de que agora nos não consta, e poderá ainda apparecer. O certo he que de qualquer sorte que fosse ElRey declarou, que recebera a Dona Ignez por sua mulher, e por tal a mandou haver, e seus filhos, que fossem chamados Infantes, e assim se observou de pois sempre.

CAPITULO IX.

Da morte, e algumas acçoens virtuosas da Rainha Dona Brites, mãy delRey D. Pedro.

TAõ descuidado se houvêraõ sempre os Chronistas de Portugal para com as nossas Rainhas antigas, que de suas acçoens dizem pouco, e de seu fim menos, ou nada, como aconteceo a esta Senhora Dona Brites, que nem

Ruy

Ruy de Pina tratou della na Chronica del Rey seu marido, nem Fernão Lopes na deste Rey Dom Pedro, seu filho, como era obrigado por falecer em seu tempo, e nem o Reformador das ditas Chronicas Duarte Nunes de Leão cuidou nisso. E como eu me constituui supplidor desta, encarregado fiquey a dar della esta noticia, valendo-me das Historias das Religioens, a quem todas estas Senhoras estarão mais obrigadas pelas honorificas memorias, que seus Authores fazem dellas, à volta dos agradecimentos, beneficios recebidos de sua piedade.

Foy filha de D. Sancho IV. de Castella, e mulher de Dom Affonso IV. de Portugal, ambos cognominados Reys Bravos; porèm a braveza de sua condicão não se lhe communicou, nem lhe perverteu a ella a natureza de mança cordeira. Esteve a sua dita em achar tão boa sogra, como foy a Rainha Santa Isabel, em cuja companhia se acabou de criar, e viveo largos annos, porque vendo-a bem inclinada, e docil em idade, que podia aprender, lhe tomou amor de mãy, fazendo-lhe nella com a boa criação hum vivo retrato de suas mesmas virtudes. Dezejou ser Religiosa, e julgando-o o pay por appetite de menina, attendendo mais à concordia, e bem commum de Hespanha, e a obrigou a cazar,

mas

mas isto era dezejo enítranhavel, a amor de Jezu Christo, e por isso o conservou sempre, venerando a qualquer daquelle estado, e envejando lhe a dita; e por este respeito quando as Fundadoras do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra vierão de Samora as foy esperar, e receber ao caminho com grandes demonstraçoens de amor, e affabilidade; e as acompanhou com sua Santa Sogra até se recolherem nelle; e assistio depois ao receber do habito das primeiras Novças; e quando chegaraõ a comer no Refectorio ñovo ella com sua mesma Santa Sogra as foy servir à meza. Acçaõ certamente rara, e digna de ponderaçãõ!

Em Beja com ElRey seu marido lançou as pedras fundamentaes ao Mosteiro de Santa Clara, que alli há. Daqui lhe nasceo a grande devoçãõ, que teve ao Serafico Patriarca S. FRANCISCO, e o muito que estimou seus filhos. Professou sua Santa Terceira Regra, que he a que se accõmoda com o estado de casados, e seculares, e incitou tambem a professarem na seus filhos, que todos foraõ Terceiros, D. Pedro Rey de Portugal Dona Maria Rainha de Castella, e Dona Leonorde Aragaõ. Aos Religiosos Menores chamava irmãos, e delles se servia para Confessores, Conselheiros, e Capellaes;

lães; teve muitos, que poreste respeito se chamavaõ: *Frades da Rainha*, com que trazia sua casa religiosamente composta.

Foy chamada em seu tempo: *Rainha Pacificadora*, herdando este titulo de sua Santa Sogra, (a quem a Igreja o dà) como sua verdadeira imitadora na pacificação de discordias. Havendo-as grandes entre seu marido, e seu genro, Reys de Portugal, e Castella, que obrigaõ a Rainha Santa Izabel hir falecer em Estremoz, ficou Dona Brites por medianeira da paz. Em outra occasião ella he que enviou Embaxador a ElRey de Aragoã para corroborar a amizade antiga, que tinha com este Reyno. As guerras domesticas do marido, e do filho por causa da morte de Dona Ignez de Castro: o furor, com que de parte a parte se encarniçavaõ ambos, hum na offensa, e outro na defensão, matando gente, e destruindo os povos: isto lhe magoava a alma, e affligia o coração. Pelo que com grande ansia poz todo o cuidado em concordallos, indo com muita preßa, e trabalho a procurar o Infante, e o pacificou, e abrandou da ira, e paixão, com q̃ andava executando a vingança do erro, q̃ ella tanto procurara antes evitar, e livralo a elle de tão sensivo desgosto, e muito mais do escandalo, e offensa de Deos, não sendo recebido com ella. E na

Vil-

Villa de Canavezes, como está visto, ajustou as pazes, que por então permitia o tempo,

No ponto que viuvou lhe tornaraõ a repetir os seus primeiros dezejões de ser Freira, intendendo-o ser em Santa Clara de Coimbra; mas foy-lhe impedido pelos Cortezãos, como á Rainha Santa Izabel tinha succedido, pelo que portou-se como ella, vestindo-se logo de seu habito, e impetrando do Papa Innocencio VI. licença para ter consigo no seu Paço duas Freiras da dita Ordem, que foffem suas guias no caminho da virtude, e na observancia livre da Regra; por onde os Authores Franciscanos lhe chamaõ: *Freira Menor*. Nestes santos exercicios viveo muy ajustadamente, e coroadade de virtudes, partio desta vida para a eterna (como piamente cremos) na Cidade de Lisboa, a 25. de Outubro do anno do Senhor de 1359. Tinha feito seu testamento em 29. de Dezembro do anno antecedente na sua Villa de Alamquer, onde vivia, o qual he hum manifesto da sua grande piedade. Dispoz de muitas esmolas para varios Conventos, e Religiosos particulares, a quem se confessava obrigada.

Concluhio com a mortaiha, dizendo: *E por que eu hey grãõ devaçom no glorioso S. Francisco, peço, e rogo ao Guardiõ, Frayres Menores, que me dem o seu habito á hora de meu*
fina-

meu finamento bú quer, que me aconteça, para ser com el enterrada. Rara humildade, pedir por mercè huma Rainha soberana hum pobre habito de burel dos Frades Menores para sua mortalha, e isto andando já amortalhada em vida com o das Freiras! Parece que quiz por esta via segurar mais as Indulgencias, que no outro cuidaria sennão incluhiaõ todas, ou por obsequio do Santo Patriarca, ou outro qualquer respeito de que agora não consta. Com elle foy sepultada na Sè de Lisboa junto del Rey seu marido, e assim està retratada em pedra viva sobre a sua sepultura, que està dentro da Capella Mòr, de marmore branco lavrada, e ornada de varias figuras, e labores muy finos, como a del Rey.

Tem habito cingido com o cordão, e toalha sobqueixada, pés descalços, e hum livro entre as mãos, no meyo de quatro Anjos, que não devem estranhar esta sua companheira. Instituhio com seu marido na mesma Sè a Capella de Santo Illesonso, e outras mais com obrigação de Coro particular, e muitas Missas, e Mèrcearias, que alli hà todos os dias por suas almas, deixando-as dotadas de muitas, e perpetuas rendas, que administra hum fiel Provedor Fidalgo Ecclesiastico, com outros Ministros, e Officiaes.

CAPITULO X.

Da Coroação , e Trasladação de Dona Ignez de Castro.

Posto que a Chronica trate disto , falta a muitas circumstancias curiosas , que se de-zejaõ saber , como he a cerimonia da coroação tanto depois de sua morte , em que o Author não falla , e consta pela perenne tradicção appro-
 da por dous graves Authores , aos quaes segui-
 rey , posto que modernos ; diz hum , que he Faria: *Fez laurar* (ElRey Dom Pedro) *dous sepulcros de alvissimo marmore , e de lavor arte-
 ficioso , e admiravel ; porque executou o escou-
 pro na dureza da pedra o que costuma executar a agulha no bastidor , e o buril no ouro ; hum delles era para si , e o outro para Dona Ignez , que no alto apparecia esculpida , e retratada naturalmente com sua coroa na cabeça , porque reinasse morta na memoria dos mortaes , a que havia reinado viva na alma de hum Principe , que dezejava muitos Reynos para lhos dar . Co-
 locou-os no insigne Pantheon de Alcobaga .*

*Logo entrou na Igreja de Santa Clara de Coimbra , e fazendo desenterrar aquelle cada-
 ver da beleza amada , vestido , e coroado o fez
 colocar em hum a cadeira posta em Real trono ,
 adonde seus vassallos beijaraõ como de Rainha
 aquelles*

aquelles ossos, que haviaõ sido fermosas mãos. Fenecida esta cerimonia, e passando-a a huma preciosa liteira, começou a caminhar para Alcobaga, onde a esperava aquella inestimavel urna, hum dos mayores acompanbamentos funebres, q̃ logrou a morte, se a morte logra alguma cousa; viaõ-se muitos Senhores em diferentes companhias escondendo os rostos em disformes, e pezados capuzes, e em outras diferentes de nobilissimas matronas, e donzellas, escondendo-se em nevadas, e liberaes toucas, e relaxando á terra as prolixas pontas das sayas. Havendo dezasete legoas desde Coimbra até Alcobaga, distancia deste enterro, por toda ella estavaõ em duas fileiras bem ornadas muitos mil homẽs com outras tantas tochas acesas na mão, vendo passar o acompanbamento, e obrigando a duvidar qual fosse mais admiravel, se a pompa das luzes, que estavaõ fixas, se o luzimento da pompa, que caminhava, &c.

Diz o outro, que he Frey Manoel dos Santos; Chronista Mór deste Reyno, na sua Alcobaga illustrada: Para effeito da dita Trasladação procedeo El Rey Dom Pedro na maneira seguinte: Mandou lavrar grande quantidade de tochas de cera fina; deu as ordens necessarias aos povos, que corta a estrada real de Coimbra

atè Alcobaça; e chamou a Santa Clara a nobreza, e o mais luzido do Reyno: e sendo isto assim ordenado, assinou ElRey o dia: viaõ-se da porta da Igreja de Santa Clara a velha, em primeiro lugar o Cabido, as Religioes, eo Clero da Cidade; logo successivamente pela estrada adiante postos em duas fileiras cada hum com seu cirio aceso na mão as pessoas, que foraõ necessarias para se encher a grande distancia de caminho, que hã da Igreja de Santa Clara atè o Real Mosteiro de Alcobaça, que saõ as mesmas dezasete legoas, que diz Faria; todos em silencio esperando q passasse pelo meyo das duas fileiras o Real, e funebre acompanhamento.

Vinha o cadaver da Rainha em liteira, ou andas, à qual cobria hũ panno de borcado arrastado as pontas atè o chaõ; precediaõ grande numero de Ecclesiasticos a cavallo; seguia-se a liteira; logo os Bispos do Porto, de Lisboa, e Vizeu, e o Abbade de Alcobaça; atraz ElRey, e os Senhores, que seguiaõ a Corte. Finalmente chegou a Alcobaça por entre tantas linguas de fogo, que assim applaudiaõ, e davaõ a palma ao mor, a defanimada beleza, ainda triunfante depois de morta; e apeando-se os da comitiva á porta do Mosteiro foraõ pôr o corpo da Rainha na Igreja sem fazerem por entaõ outra cousa. No outro dia

of-

officiou os funeraes em Pontifical o Bispo de Vizeu; e no fim fez El Rey descobrir o cadaver accommodando-o como puderaõ em hũa cadeira; e trazêdo o Abbade hũa Coroa de ouro prevenida, outra vez deraõ principio à nova, e celebradissima cerimonia de beijarem a fria mão de Dona Ignez, como de sua Rainha, todos os que erão presentes: por remate da acção depositarão o Real cadaver na elegante, e soberbissima sepultura, que o esperava; e nella descança até o ultimo dia da resurreição universal. Atéqui o Padre Fr. Manoel dos Santos.

Estas sepulturas por sua grandeza, e finos labores, e variedades de figuras, de que estão adornadas por todos os lados, esculpidas, e entalhadas de meyo relevo no marmore, são hũa das cousas, que mais se dezeja ver, se procura, admira, e enleva os olhos naquelle Real Mosteiro. Quiz a curiosidade del Rey D. Sebastião passar a mais, e vellas tambem por dentro; mas pelo muito pezo das tampas não foy possível abrillas, ficando por testemunho da diligencia, muita parte dos frizos, e junturas dellas quebradas. O mesmo intento teve o Emperador Carlos VI. quando veyo a este Reyno no anno de 1704 com título de Carlos III. de Hespanha, para por elle fazer sua entrada no de Castella, a que aspirava; e voltando

tando da Campanha da Beira, deteve-se alguns dias naquelle Mosteiro, onde foy hospedado com magestosa grandeza, e nem hua cousa, nem outra teve effeito.

CAPITULO XI.

De algumas acções piedosas, e louvaveis del Rey D. Pedro. Defende-se da calumnia de cruel; e da-se a noticia, que hã da sua salvação.

FOy El Rey D. Pedro nas inclinaçoens, que teve extremo, isto he; demasiadamente inclinado, e embebido naquillo, a que se afeiçoava, e de que gostava; bem se experimêtou em todas suas acções. Amou tanto a Justiça que na execução dos castigos pedia mais para a parte da severidade, e rigor, que para a da piedade, e brandura, por onde adquirio com menos razão o titulo de *Cru*, e *Cruel*, q̃ o de *Justiceiro*, ou *Justiçoso*. Foy liberal, e declinou a prodigo. Foy amoroso, e passou a extremo. Foy gracioso, e amigo de festas, e pareceo nisso nimio, e por tal foy notado, &c. Não parãrão aqui os seus extremos, as Religioens todas os experimentãrão de piedade.

Com as cinzas de Dona Ignez de Castro fez El Rey depositarios do seu proprio coração aos Monges de Alcobaça; e assim ainda quando mais distante daquelle Mosteiro se achava, de là attendia com toda a sua alma, e com todos os seus affectos

ctos até às mesmas paredes daquelle Real Casa, venerando-as com hũa continua lembrança, como a urna sagrada das idolatradas cinzas; e porq̃ a singeleza daquelle idade ainda não tinha introduzido, nem permitia os faustos destes nossos tempos, hia, e vinha ElRey ao Mosteiro muitas vezes seguido de hum só lacayo; assim no tempo, em que se lavravaõ as sepulturas, como ao depois de já trasladada Dona Ignez; por esta razão de continuadas visitas tomou tão grande afeição aos Monges, e à sua virtude, como bem expressou nas grandes mercès, e beneficios, que lhes fez. Em huma escritura de Doação diz assim: *Querendo fazer graça, e mercè ao Abbadè, e Convento do Mosteiro Dalcobaça, em que hey grão devoçom, e singular afeição por muito serviço, que se hi faz a Deos, e em que eu escolhi minha sepultura, &c.*

Este mesmo theor observa em outras muitas Cartas: a esta veneração, e amor, que mostrava aos Monges de Alcobaça, acompanhava a não vulgar affabilidade, que ainda quando mais severo nunca pode disfarçar, nem encubrir este grandioso Principe; e como achasse a Casa despojada de quasi toda a fazenda, e despida da jurisdicçam Real por ElRey, seu pay, a requerimento do Procurador

dor da Coroa, e mal defendidas pelo do Mosteiro, lhe fez geral restituição de tudo por hũa muito larga Carta, que lhe mandou passar de sua livre vontade em Leiria a 4. de Setembro de 1358.

Por esta, e outras grandes mercès, que àquella Religiosissima Caza fazia, se deu o Capitulo geral de Cister por obrigado a darlhe as graças, e fazello participante de todas as Missas, Orações, Suffragios, e Obras meritorias, que em toda a Religião de Cister se fazião, para sempre em sua vida, e depois della, por huma Carta de Irmandade com especial, e geral communicacão; a que admitiaõ tambem seus filhos, e a Senhora Dona Ignez de Castro, já defunta, por estas palavras: *Dominam Agnetem generosam consortem vestram jam defunctam*. Esta graça, que hoje se faz menos estimada por se conceder a pessoas de menor qualidade, o era tanto, e com muita razão, no tempo antigo, q̃ os mayores Monarcas do Mundo a solicitavaõ com ancia.

De tudo isto nos dà noticia mais larga a *Alcobaca illustrada*; e a *Historia Serafica* nos certifica, que foy filho professo da Veneravel Ordem Terceira de S. FRANCISCO, e que a todos seus filhos amou, escolhendo entre elles por seu Confessor o Padre Frey Vicente Amado. Favoreceo
muito

muito os seus Mosteiros, particularmente os de Santa Clara de Lisboa, Santarem, e Coimbra, onde tinha tanta devoção, por fer obra da Rainha Santa, sua avò, que alli mandou criara Infanta Dona Brites, sua filha. Finalmente adoeccendo de morte na Villa de Estremoz, quiz acabar a vida entre os Religiosos da mesma Ordem, que hà naquella Villa, nelle fez o seu Testamento em 17 de Janeiro, *sendo já alto seraõ*, como nelle se declara, e no dia seguinte 18 do dito mez de 1367. faleceo com muita conformidade, e mandou que o amortalhassem no habito do Patriarca Serafico.

Todos os mais Chronistas das Religiões, que já havia em seu tempo, se lhe confessaõ agradecidos ao seu amor, e piedade, com as memorias dos seus Archivos, que são os thesouros, e depositorios das melhores noticias dos nossos Principes, como o faz o da Beneditina Lusitana, trazendo em prova a grande devoção, que este Monarca teve à gloriosa Santa Senhorinha, da sua Ordem, nossa Portugueza, allegando huma grossa Doação, que elle fez à sua Igreja, cuja escriptura não expõem, porque a trazia já a quarta parte da Monarquia Lusitana, e a primeira da Historia Ecclesiastica de Braga, diz assim:

Em nome de Deos amen. Saibão quantos esta Carta virem, como eu D. Pedro pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, à honra, e serviço de Deos, e de Santa Maria sua Mãre, e assinadamente à honra, e louvor da Bemaventurada Santa Senborinha de Basto, e do Bemaventurado S. Gervaz, e em remimento de meus peccados, faço doação à dita Igreja de Sãta Senborinha para sempre, em fôrma que nunca possa ser revogada, de todo o direito, que eu tenho do Padroado da Igreja de Santa Maria de Salto do Arcebisado de Braga..... com tal condição, que qualquer, que della for Abbade tenha hum Capellão perà todo sempre, que cante em cada hum dia Missa sobre o Altar, e diga as Horas Canonicas em hũa Capella, que na dita Igreja fez Dona Ignez de Castro, aonde està o corpo de S. Gervaz. E outro si tenha hũ Mósinho, que sirva o dito Capellão na dita Igreja de tudo o que lhe comprir (de tudo o que houver mister) e tenha para todo sempre trez alampadas com azeite, que tambem de dia, como de noite estejão sempre acesas, e hũa esteja diante do Crucifixo, outra diante donde jaz seu corpo de Sãta Senborinha, e a outra na Capella ante o lugar onde jaz o corpo de S. Gervaz. Dada em Valença de Riba Minho, quinze dias de Setembro. ElRey o mandou

mandou, Gonçalo Paes a fez, era de mil e trezentos e noventa e oito. São annos de Christo 1360.

Por onde acho que teve pouca razão Duarte Nunes de Leão para censurar este Principe com o labêo seguinte: *Foy El Rey D. Pedro de sua natureza cruel, posto que os Escritores por lizongear os Reys, seus successores, lhe chamassem Justiceiro, o que elle não foy. Porque examinada a causa, tudo o que na punição dos homens fazia, era mais contra as Leys, e Regras da Justiça, que por ellas. Porque as mais das vezes condenava sem ouvir as partes, e dava as penas mayores por delictos não provados, eraõ ordenadas por Direito, e por nenhum caso as remettia, ou moderava, mas deleitava-se em as executar. E posto que não faltassem algomez, pois sempre trazia bñ consigo, elle por sua mão açoutava, e dava os tormentos, e na cinta trazia sêpre o acoute, por não haver dilação em obuscar. Porq̃ sem mais prova, nẽ querer ouvir desculpa, começava o juizopela excução, &c.*

Profegue censurádo tambem os q̃ escreverão sua Chronica, porque lhe dourarão a pirola, e não asseverarão sua crueldade, como elle quer, e conclue: *Era pois El Rey D. Pedro azedo, e terrivel de sua condição em punir os delinquentes, ou q̃ se lhe antolhava q̃o erão. E era cousa de*

notar, que em Castella havia outro Rey D. Pedro, e outro Rey D. Pedro em Aragoão, e hum Rey Carlos II. em Navarra tão semelhantes na aspereza, e crueldade, que parece estavam contratados, e àfalla nas obras, que fazião.

Muito piedoso devia ser este Julgador, (era Dezembargador da Relação) pois achou tanta crueldade nos castigos, e execuções da justiça del Rey D. Pedro! Eu não nego, que elle foy rigoroso, e obrou acelerado, e fogoso na punição dos crimes, sem averiguação, ou prova, nem examinar primeiro as culpas: mas também ninguem pôde duvidar, que assim como não perdoou a delicto algum, assim também não castigou a alguém sem causa, (ainda que algumas vezes se apartasse dos termos, e meyos, em que consiste a virtude da Justiça,) e castigar com ella, he nos Reys a primeira virtude.

O certo he que com os seus rigores infundio tal terror nos Vassallos, que mais insolêtes reprimio, e erros evitou em seu tempo, do que executou de castigos: e por este modo adquirio tal respeito, q todos o temião, vivião com reflexo nos mãos costumes; no que fazia aos seus Povos o mayor dos beneficios; assim como lemos de São Fernando, Rey de Castella, visavô deste nosso, que (como era tão santo) estranhando-se-lhe hū rigoroso

rigoroso castigo, q̃ executou em certos criminosos da Cidade de Toledo, mandando decepar a huns, e a outros frigir em caldeiras de azeite, respondeo: *Que com aquelle rigor executado em poucos, pertendia reformar a todos seus vassallos, e usar com elles de misericordia; porque quem havia de ser tão insensato, que com tal exemplo senão houvesse de emmendar, e fugir de offender a Deos, e de aggravar ao seu Principe?*

Por esta razão he o dito Author censurado de outros muitos, que fazem deste Rey meliores Elogios; diz hum: *Não era tão feroz aquelle peito, q̃ tão facilmente se rendeo ao amor.* Diz outro: *Na verdade, ainda q̃ nos castigos, e na qualidade delles excedeo algũas vezes a disposição das Leys, mayor pēdor lhe fazia o zelo da justiça, e o odio dos vicios, q̃ brutalidade de cōdição carniceira; e assim fallando regularmēte, mais lhe quadra o nome de Justo, que a alcunha de Cruel.* Diz outro muito illustre: *Foy mais severo, q̃ cruel, dādolhe este titulo os q̃ apetecião os vicios, q̃ elle abominava.* Outro, depois de mostrar a piedade, q̃ elle usou cō a sua Religião cōclue dizēdo: *Assim entēdia de Deos, e das cousas da Igreja bñ Rey a quem o Mūdo chamou Cruel: mas por isso mesmo disse bē quē disse, q̃ para se conhecer o Mūdo ds direitas, o haviamos de tomar, e entender às avessas.*

Pro-

Prosegue hum muito elegante o seu discurso dizendo: *Foy pois, D. Pedro não cruel, como differão os tempos, antes verdadeiramente Rey cuidadoso do governo, que Deos lhe havia fiado; com os benemeritos, e bons liberal, e afavel; amigo de castigar insolentes, e facinerosos, que tem firmada a sua ousadia no esquecimento da execução das Leys nos Magistrados. Maravilhoso o Rey, e feliz o Reyno, adonde o premio anda espreitando a virtude, e o castigo ao crime. Não em vão logrou Portugal nestes annos hum das mayores tranquillidades que forão vistas do variar dos seculos em alguma Monarquia. Façamos primeiro imagem do segundo, e será a segunda do primeiro. De todos os castigos, que fez não se acharà nenhum, que não fosse importante, e frutuoso a toda luz, quando a alguma se representasse terrivel, e arrebatado, &c. Pinta as imagens, e conclue: Por todas estas excellencias, por certo não merecedoras de chamarse cruel quem as tinhas, &c. Finalmente outro de estylo muito mais elevado faz delle este elogio: Foy D. Pedro Principe excellente, e admiravel em direccoões politicas, tão grande amante da justiça (principal baze da Republica) que alguns devendo darlhe o glorioso titulo de Justiceiro, lhe chamàrao Cruel; mas sem duvida, ou nescia,*

ou

ou maliciosamente , porque assim como em seu tempo não houve delicto sem castigo , assim não houve castigo sem causa , e castigar com ella , he nos Reys a primeira virtude. Por este modo se fez temer , e com a liberalidade (em que foy insigne) se fez amar dos vassallos , sendo de todos geralmente não menos applaudido na vida , que chorado na morte. Este foy aquelle fino amante , que transtornando as Leys da natureza , fez subir a cousa amada do tumulo para o throno , da mortalha para a purpura , da cinza para a Coroa , coroando-se a si juntamente de immortal fama com aquella fineza tão amorosa , e nunca vista.

CAPITULO XII.

Em que se profegue a mesma materia proposta.

JA' me escusava de mais Elogios quando o seguinte me forçou a que o ajuntasse aqui , he da Evora gloriosa , e diz do nosso Rey assim: *Deste Principe fallão com tal diversidade os Authores , que huns o pintão Nerão , outros o representam Constantino , aquelles o infamaõ de Cruel , estes o canonizaõ por Justo. Se sem paixão se pondera a materia parece , que tem mais razão os segundos , que os primeiros : porque , excepto o rigoroso castigo dos homicidas de Dona Ignez de Castro ,*

Castro, em todas as mais acçoens, que se lemna sua *Chronica*, não encontro nenhuma, que o não inculque perfeito Principe, e sabio Monarca. Pio para com os Santos, carinhoso com os povos, e tão liberal com os benemeritos, que tinha por perdido aquelle dia, em que não fazia mercès aos *Vassallos*. Origor, de que o censurão, era só com os facinorosos, e com este se evitavaõ os furtos, os homicidios, os escandalos, e os sacrilegios. E que mayor felicidade da Republica, que evitar com hum a ameaça as insolencias, e as culpas? Que mayor gloria de hum Principe, que extinguir com hum aceno a enormidade dos delictos, e segurar com a sua justiça a amavel felicidade dos povos? Prouvera a Deos, que todos os *Reys do Mundo* imitassem a prudente severidade do nosso *D. Pedro*, q̃ com isso gozaria o *Mundo* aquella bemavêturança, que só se vio no seu tempo, e no de *Saturno*. He certo, que o *Ceo* aprovou estes chamados rigores com dar a *D. Pedro* mil felicidades, &c.

E assim por este theor vão outros muitos: e o mesmo *Duarte Nunes* não pôde negar esta verdade, confessando em dous lugares (sigamos o da *Genealogia* por mais substancial) que: *Esta aspereza, e crueldade del Rey D. Pedro de Portugal, não era acompanhada de alguma manei-*

ra de cobiça. Porque os bens dos culpados, que haviaõ de vir ao fisco, os distribubia por outros. Nem se vio que esta crueldade, a exercitasse em outros, senão naquelles, que eraõ culpados, ou elle entendia que o eraõ. Para os de mais era benigno, e liberal. Pelo qual de muytos era mais chamado Justiceiro, que Cruel. Muitas vezes dizia, que o dia que não dava alguma cousa lhe parecia, que era indigno do nome de Rey. Com que assim se vem a retratar, ou desdizer do que tinha julgado; etornou a dourar a pirola, cujo amargo tinha descuberto.

Porém o que mais deve ser censurado neste Author são duas cousas; a primeira he a reprehensão, que dà ao Chronista antigo de fallar affectado por lizongear os descendentes deste Rey. Eu não sey q̃ mais lizo elle quera, q̃ Fernão Lopes fallasse nas tres Chronicas, que existem suas? Parece que as passou depressa, ou leo com pouca attenção, ou não reparou nos Prologos, especialmente da de D. João I. onde veria as proteſtaçoens, q̃ faz pela verdade, e inteirezas do q̃ trata, de q̃ o não guiava odio, nem afeição q̃ o fizesse desviar da estrada real da retidaõ; nem tal se deve presumir da fingeleza daquelle tẽpo; e em nenhũa o podéra elle fazer melhor q̃ na deste ultimo por ser feitura sua, ou de seu filho ElRey D. Duarte.

A segunda coufa, em que Nunes peccou gravemente, e fez peccar a outros, he no testemunho falso, que levantou a este Rey D. Pedro, dizendo, que: *Na cinta trazia sempre o açoute, por não haver dilação em o buscar.* Não foy tal; he novidade redicula para afermoscar o seu discurso em desdouro deste Rey, a que quiz caluniar. Tal senão acha na sua Chronica, nem elle tinha mais razão de o saber, dous seculos e meyo depois, que o Chronista antigo, que o palpitou, o qual o q̃ diz neste caso he: *A todo o lugar donde El Rey hia sempre acharieis prestes com hum açoute aquelle, q̃ de tal officio tinha cargo, de sorte, q̃ como a El Rey traziaõ homem malfeytor, dizia elle: Chamem-me Fuaõ, que traga o açoute; logo elle era prestes sem outra tardança,* como se pòde ver na Chronica cap. 6. Julgue agora o Leitor qual falarà mais verdade, ou se esta promptidaõ he trazello na cintura? Nem tal se devia crer de hum Rey Christaõ, e Portuguez, que trouxesse hum azorrague cingido, metendo a toda à hora terror a seus vassallos, sendo certo que porque os amava he que se mostrava terrivel a quem os offendia. Mas como isto era novidade galante, logo pareceo bem a muitos, e teve seguidores, que disseraõ o mesmo.

A razão de parecer rigoroso, foy pela liberdade,

dade, e soltura, que dantes tinhaõ os Vassallos, disfarçada, ou permitida pelos Reys passados por causa da necessidade, que delles tinhaõ para as guerras. Acabou-se esta occasião, e como o nosso D. Pedro emmendou isto com inteireza, por isso foy logo julgado assim. E se os tres Pedros Reys de Hespanha eraõ com tal concurrencia todos crueis, nenhum o foy sem algũa causa, ajudado-a; sim, a sua forte, e terrivel condição, principalmẽte o de Castella, a quem mais propriamente este titulo pertence, e toca mais o labéo, e a origem foy esta.

Morreo El Rey D. Affonso, seu pay estando de sitio em Gibraltar; e trazendo seu corpo a Sevilha, onde se achava o Principe D. Pedro já levantado Rey com a Rainha Dona Maria, sua mãy, da qual temendo-se agora muito Dona Leonor Nunes de Gusmão, mancebã do Rey defuncto, pelos grandes desgostos, que lhe tinha causado em vida delle, aconselhou seus filhos, e parentes que não o acompanhassẽ atè lá pelo que podia succeder, mas que usando de cautellã se retirassẽ todos à sua Villa de Medina Sidonia. Assim o executaraõ, e depois crescendo mais o recêyo, se foraõ para Algezira. Sabendo o novo Rey deste retiro, reputando-o por rebeliaõ, tal desconfiança concebeo, que ainda que depois

Mm 2 houve

houve varias reconciliaçoens, nunca mais se fiou delles, e taõ grande odio lhe tomou (era nisto muy facil, e contumaz) que os quiz matar a todos, e extinguir aquella Familia; e elles, que o penetravaõ bem, nunca mais lhe foraõ leaes.

Esta foy a origem de tantas mortes, e crueldades del Rey Dom Pedro de Castella, a que se ajuntaraõ varias sublevaçoens, e sobre tudo a parcialidade, que fizeraõ com a Rainha Dona Branca, que elle aborrecia muito por amor de Dona Maria de Padilha, sua manceba, cooperando muito para tudo o seu mào natural, como conta a nossa Chronica. A causa deste aborrecimento escreve Dom Rodrigo Sanches, Bispo de Palencia, allegado pelo Doutor João Pinto Ribeiro no seu discurso das *Injustas successões*, que foy porque a dita Dona Maria de Padilha o mandou enfeitiçar por hum Judeo Astrologo Judiciario, e causar-lhe tal odio à Rainha, e amor a ella, que nunca a deixasse; o que o Judeo executou de boa vontade, movido de particular paixãõ, por ter entendido da Rainha ser contraria a elle, e a todos os da sua raça. Porém ainda assim com toda a sua crueldade, achou a prudencia de Dom Fellipe II. que em lugar do titulo de *Cruel*, que tinha na peanha da sua estatua em Segovia, se devia pôr o de *Justiceiro*; e assim

o mandou executar, como diz a sua Chronica, liv. 9. cap. 12. Fundou-se em mais piedade, e acatamento a seus progenitores, de quem foy grande honrador, que em razaõ; e se alguma houve, com muita mais compete effetitulo ao nosso D. Pedro pelo que está relatado.

Do de Aragoão a mayor crueldade, que sabemos, he mandar matar seu irmão o Infante Dom Fernando, innocentemente á falsa fé, sendo seu convidado. Mas isso porque? Foy por ter paz com o de Castella, que o trazia atropelado com guerra havia muitos annos, e tinha odio capital a este Infante, por ser quem mais lhe resistia; e para a haver de outorgar commetteo esta cruel condição, e outras pouco menos, que o de Aragoão, com dezejo de soccego para si, e seus Vassallos aceitou, e executou, como diz a Chronica.

No nosso o que mais se estranhou foy a crueza, com que se houve com matadores da sua querida Dona Ignez de Castro: mas por isso mesmo, porque foram crueis com ella só por odio, e inveja, e porque, que finezas não fará, e leys não atropelará hum fino amante? Deste crime tão atroz procedeo tanto odio, e rigor para todos os mais.

Mas com todas estas fortes asperezas,

e dureza de coração para os criminosos, não lhe faltou brandura de animo para usar de piedade, e misericordia com seus Vassallos, fôra daquelles casos, e occasioens; e foy D. Pedro por isso tão feliz, que mereceo salvarse, como piamente cremos, do que nos certifica o Chronista de seu filho Dom João I. dizendo na terceira parte da sua Chronica cap. 43. onde trata das virtudes da Santa Rainha Dona Felippa: *E muitas Historias hà abi de muitos, e grandes Principes, porque Deos fez muitos milagres, assim como se acha daquella Santa Rainha Dona Isabel, que foy mulher del Rey D. Diniz, que jaz em Santa Clara de Coimbra, à qual foy revelado o dia de sua morte; e del Rey D. Pedro, que sendo partido desta vida por bome espaço, tornou sua alma outra vez á carne para confessar hũ sò peccado, sem cuja penitencia não podia receber a Bemaventurança da Gloria.*

Corrobora-se esta notavel maravilha com outra diversa noticia, que della nos dà Fr. Bernardo de Brito nos Elogios dos Reys, dizendo: *Em hum memoria antiga dos Reys de Portugalh, que fora tão recto, e amigo de guardar inteira justiça a cada hũ, q̃ por isso lhe fez Deos particulares mercès em sua morte consolando-o nella o Apostolo S. Bartholomeu, cujo particu-*
lar

lar devoto foy, e por cujo amor fazia grandes esmolas, secretas, e publicas; e foy tradicção muy recebida entre os Religiosos antigos do Mosteiro de Alcobaca, onde està sepultado, que depois de morto, estando já frio, e preparado para o embalsamarem, tornàra outra vez a resfuzsitar com admiracção dos circunstantes, e chamando seu Confessor, lhe confessàra hum peccado, que por inadvertencia, ou esquecimento deixàra de confessar vivendo, a qual confissão acabada, e recebida absolvição, se tornou a compôr, e dar seu espirito ao Senhor, sem dizer mais, senão que a inteireza de sua justiça, e os meritos do Apostolo S. Bartholomeu lhe alcançàrão de Deos aquelle estranho favor para remedio, e salvação de sua alma.

Bem se mostra desta noticia, que não tinha este Author visto a de Azurara, que estava ainda guardada no segredo da Torre do Tombo; porque ainda senão tinha imprimido a Chronica; e assim ambas se justificaõ huma à outra; e muito mais o successo com outra memoria allegada pelo Chronista Mór do Reyno Fr. Manoel dos Santos na sua *Alcobaca illustrada*, onde diz: *Eu mesmo ví memoria do successo em hum livro da Livraria de mão do Real Mosteiro de Alcobaca, o qual servia no Coro antes de haver imprentas,*

etem no principio hum Calendario dos mezes ; e nelle á margem dos dias notas , ou sinaes de algumas obrigaçoens do Coro para lembrança dos Cantores: e no dia 25 de Janeiro tem a lembrança seguinte: Commemoratio Domini Petri Regis, quando revixit, ut confiteretur. Quer dizer q̃naquelle dia se fazia Anniversario pela alma del Rey D. Pedro, em memoria de quando tornou a viver para se confessar.

Conforme isto bem affenta elle esta resurreiçãõ feita já em Alcobaça (ainda que não parece veresimel, porque já não estava inteiro, e encontra a relação de Brito) dizendo: *E sendo já em Alcobaça antes de o fecharem no tumulo succedeo o prodigioso milagre da sua resurreiçãõ, q̃ dizem as nossas Historias. Foy posto o cadaver no Cruzeiro da Igreja em quanto se lhe officiavaõ os Funeraes, e descuberto o rosto, conforme o uzo daquelles tempos; quando no fim da Missa do primeiro dia notaraõ os presentes, q̃ se movia o corpo defunto; affirmaraõ-se, e acharaõ q̃ verdadeiramente estava vivo: aqui foy o pasmar, e o assombro de todos; mas como o corpo tinha o rosto, e as mãos descobertas, pôde falar no mesmo ser, em que estava o redivivo Principe sem outro movimento, nem inquietação espantosa. Chamou pelo Abbade, falou-lhe poucas palavras, e se*
con-

confessou com maravilhoso soccego de ambos: depois declarou em como o Senhor lhe fizera a tão notavel mercè, que viaõ, necessaria para sua salvação, pelos merecimentos do glorioso Apostolo S. Bartholomeu, de quem elle Rey fôra em extremo devoto na vida; e dito isto deu outra vez a alma nas mãos de Deos.

Tanto importa o merecer com devotos affectos, a graça de hum grande valedor para com a Divina Magestade. Neste cazo segue Faria a Brito, com os quaes não convenho no que toca ao dizerem, que o Santo Apostolo lhe assistio à morte; porque se assim fôra tambem o advertira do descuido, que levava, e falta, com que partia desta vida. O certo he, que o favor foy em lhe alcançar, depois de morto, de Deos a resurreição para se reconciliar, e conseguir a vida eterna. Além delles, fazem disto menção, a *Benedictina Lusitana*, a *Historia Serafica*, o *Anno Historico*, a *Evora gloriosa*, &c. E o mesmo Fr. Manoel dos Santos o comprova, e ratifica na *oitava parte da Monarquia Lusitana cap. 1* com duas, ou tres mais testemunhas de credito, e authoridade, que nella se podem ver.

Descança ElRey D. Pedro na Igreja do dito Real Mosteiro de Alcobaça na mesma sepultura, que para si mandou prevenir em vida; e à sua mão

direita a Rainha Dona Ignez de Castro, sua mulher; porque nem a morte apartasse, ou defunisse, os que tanto se amárao em vida: *Quomodo in vita dilexerunt se, ita, & in morte non sunt separati.*

T E S T A M E N T O

del Rey D. Pedro I.

EM nome da muy Santa, e muy Alta Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo. Amen. Porque nenhuma cousa he mais certa que a morte, a qual he geral, e natural a todos homens, assi Reys, Principes, e Poderosos, como dos nom poderosos; e a hora dessa morte nom he certa quando ha de ser; e assim como de muy sospeita, no coração, e mente de cada hum Fiel Christão deve ser receada, e por ordinhaçom do postrimeiro juizo deve ser preveuda para faude, e prol da alma, e disposiçom dos bens temporaes, e louvor de Deos, e a seu serviço, mayormente aquelles, a que Deos em este Mundo deu honras, e exalsamentos de grandes estados. Porèm Nòs Rey D. Pedro, filho do muy alto, e muy nobre Rey D. Affonso de Portugal o IV. a que Deos perdoe, temendo a Deos, que he Rey Celestial todo Poderozo, e o seu espantoso Juizo; confiãdo de sua mui grande misericórdia,

dia, e da muy Glorioza Virgem Santa MARIA
sa Madre, em nossa vida, e em toda nossa dis-
criçom, e entendimento comprido; ordinha-
mos, e fazemos nosso testamento por esta gui-
sa. Primeiramente começando em aquel, que
he começo, e acabamento, e fim de todas las cou-
sas; e porque os Reys, e os Pontifices reinaõ, e
haõ o poder, e regimento daquelles fugeitos, que
lhes som dados, a reger, e a manter; a cujo pode-
rio todos, quando sa mercè for, havemos de ir;
encomendamos o nosso corpo, e a nossa alma a
Deos Padre, Filho, e Espirito Santo, tres Pes-
soas, e hum só Deos, e à Virgem Gloriosa Santa
MARIA sa Madre, e a todos os outros Santos,
e Santas da Corte Celestial, e pedimos-lhes por
mercè, que roguem a Deos por nós; e estrema-
damente à hora da nossa morte que nos queira li-
vrar a alma do poder do diabo, e das penas do In-
ferno, e a faça ir à sa Santa Gloria. E mandamos
deitar ho nosso corpo dentro na Igreja do Moes-
teiro de Alcobaça, no lugar hù teimos a nossa se-
pultura. E mandamos a esse Moesteiro com ho
nosso corpo quinhentas libras. E mandamos que
tenham hi seis Capellães, que cantem em esse
Moesteiro por nós, e nos digaõ hi em cada hum
dia hum Missa officiada, e sayão sobre nós com a
Cruz, e agua benta; e isto será para sempre; e

por esto satisfação os nossos Testamenteiros a effe Moeſteiro daquellea quantia, que elles virem, que compre, porque ſe eſto haja de fazer, porque ſe elles hajaõ por contentes en tanto: e mandamos para o dia da noſſa ſepultura, e para o mez, e anno, e para os Clerigos, e Frades, que em eſte tempo nos fizerem honra; e para todo al, que temos para eſto, aquelles, que hos meus Teſtamenteiros virem, que he aguifado, porque todo eſto ſe haja de fazer. Item mandamos que todo aquello, que houvemos do Papa, e de outras quaefquer peſſoas, como nom deviamos, que lho entreguem com todas las novidades, que houvemos deſſo, que aſſi houvemos delles, como nom deviamos, como dito he. Item mandamos que paguem a todo los de noſſa mercè tudo aquello, que lhe devemos dos annos traſpaſſados, tambem veſtires, como quitaçoës, como raçoës. Item mandamos que entreguem aos Teſtamenteiros da Infanta Dona Conſtança, que foy noſſa mulher, tudo aquello, que nõs havemos della, como nom deviamos, para o darem por ſa alma, como ella mandou em ſeu teſtamento. Item mandamos que entreguem aos filhos da Infanta Dona Ignez, que outro ſi foy noſſa mulher, a quinta do Canidello, que era ſua, e tudo aquello, que della houvemos como nom deviamos,

mos, para o darem por sa alma, como ella mandou em seu testamento. Item mandamos à Infanta Dona Maria, nossa filha, que hora he em Aragoão, oitenta mil libras. Item mandamos à Infanta Dona Briatriz, nossa filha, para casamento cem vezes mil libras. Item mandamos ao Infante Dom João, nosso filho, oitenta mil libras. Item mandamos ao Infante D. Diniz, outro si nosso filho, oitenta mil libras. Item mandamos * à nossa filha, que criam no Moesteiro de Santa Clara de Coimbra cem mil libras para casamento. Item mandamos a Briatriz Dias, nossa criada, quatro mil libras. Item mandamos a Ignez Affonso, outro si nossa criada, outras quatro mil libras. Item quitamos a Ruy Paes, nosso criado, e nosso cevadeiro por muito serviço, que sempre nos fez, toda cevada, que nos deve por razão do seu officio. Item quitamos a Affonso Esteves, nosso criado, e nosso Reposteiro, por muito serviço, que outro si nos fez, oitocentas libras, que nos deve por razão do seu officio. Item mandamos dar a Vasque Annes, nosso Tabaliao geral duzentas libras, por muito serviço, que fez a nosso Padre, e outro si faz a nós continuamente; e por hoafan, e trabalho, que houve em fazer este nosso testamento: e esta clausula deste legado do dito Vasque Annes mandamos escrever

ver

ver por mam de Affonso Domingues , nosso Vassallo , para ser removida toda sospeita desse legado , que leixamos a esse Vasque Annes , por quem mandamos ser escrito este nosso testamento. E fazemos nossos Testamenteiros para cumprir este nosso testamento ao Infante D. Fernando , nosso filho , e a D. Joam Affonso , Conde de Barcellos , e ao Prior do Hospital , e ao Mestre de Christo , e ao Mestre de Santiago , e a Joanne Esteves , e a Gonçalo Vasques , Escrivão da nossa Puridade , e a Frey Vicente Amado , nosso Confessor , Frade da Ordem de S. FRANCISCO ; todos em sembra , e cada hum delles per si , onde os outros nom forem : e para comprimento deste nosso testamento filhamos a terça de todo los bês , assi moveis , como raiz , e outro qualquer , e quanta parte quer que por direito , ou por costume , ou por outra qualquer rezaõ a nõs seja devida dos ditos bês : e mandamos que pagado este nosso testamento , no mais que ficar da dita terça fazemos os pobres nossos herdeiros ; e nos outros bens do Reyno seja herdeiro o Infante D. Fernando , nosso filho ; e isto dizemos , e outorgamos com postrimeira vôtade ; o qual mandamos , q̃ valha para sempre . e revogamos todo los outros testamentos , q̃ hajamos feito antes deste ; e queremos , e outorgamos , e

man:

mandamos, q̃ para este nosso testamento se cumprir, e mister for, q̃ valha como codicilo, ou como qualquer outra postrimeira vontade, que por direito possa ser valiosa; e de nosso cumprido, e absoluto poder, que havemos como Rey tolhemos toda mingoa de solennidade, e de falecimento de qualquer outra cousa, por qualquer maneira, que os Direitos, escritos, fòros, e costumes mandaõ cumprir, e guardar, e pôr nos testamentos. E queremos, e mandamos, que este nosso testamento o tenha, sem embargo de toda solennidade, e de toda mingoa, e de falecimento, e de qualquer outro Reyno, que pudesse ser dita, e allegada para lhe pôr algum embargo: e de certa sabedoria alçamos, e tolhemos para este nosso testamento ser valioso, e nom haver algum embargo, todo los Direitos, escritos, e nom escritos, costumes, fòros, posturas, mandados, e outras qualquer cousas, que o poderiaõ embargar a nom valer por qualquer maneira: e por este ser mais certo, e sem duvida, mandamos a Vasque Annes, nosso Tabaliaõ geral nos nossos Reynos de Portugal, e do Algarve, que escrevesse este nosso testamento. Nesta nossa Villa de Estremoz, no Moesterro de São FRANCISCO, onde ora estamos, Domingo 17 de Janeiro da Era de M.CCCC.V. sendo já alto seraõ, &c.

AD:

ADVERTENCIA.

N Este testamento descubro huma cousa notavel, em que atégora não vi, que Escriitor algum reparasse; e he que aponta ElRey tres filhas; as duas, que só lhe affinaõ, das quaes declara os nomes, e huma, que não nomea, dizendo: *Que se criava em Santa Clara de Coimbra*, de que infere o Author da Historia Serafica, que era Dona Brites; o que não pôde ser, porque esta era já de tal idade, que seu pay muito antes de morrer tratou de a casar com ElRey Dom Pedro de Castella, que já senão achava em termos, nem idade de esperar que se lhe criasse a esposa. O certo he que aquella era diversa; porque criação suppoem meninice, e Dona Brites, quando seu pay faleceo, passava já pelo menos muito dos doze annos, e se dissecemos que de vinte, não seria temeridade, pois seu pay pondo a todos os filhos pela ordem, e preferencia da idade a antepoem aos irmãos varões, o que não fizera senão fosse mais velha, mayormente sendo femea; tempo, em que tinha já muy pouca necessidade de criação, nem ellea tinha de a nomear duas vezes, e com alguma diversidade de termos, não o fazendo de outro algum filho.

Entra

Entra agora a duvida de se era filha de Dona Ignez de Castro, se de outra mulher? Contra o ser filha desta milita a mesma razao de não ter já necessidade de ser criada, pois sua mãy era morta havia mais de doze annos; por onde, como ElRey: falla della de presente *criaõ*, e lhe não chama Infanta, como intitula a todos os outros, e a pospoem a todos elles, que nomea pela ordem das idades, entendendo ser filha de outra mulher, e quicà irmã do Mestre de Aviz, D. João, e ficar muito menina, de sorte, que nem seu pay, quando testou, estava lembrado do seu nome, que devia ser falto de memoria, pois lhe esqueceo brevemente o notavel dia, em que casou com Dona Ignez de Castro; e que morreo nessa idade; por onde o Chronista, e todos os mais se esquecerão della; nem he maravilha, pois destes, e outros descuidos se achão muitos nas Chronicas antigas; e que mayor se pòde considerar, que não se fazer menção nas primeiras dos notaveis progressos na virtude das filhas del-Rey Dom Sancho I. Santa Thereza Rainha de Leaõ, Santa Sancha, e Santa Mafalda, todas tres Freiras Bernardas, &c. Se este pensamento não for bem fundado, não valha.

Huma objecção se offerece, e he, que se era illegitima, não a devia seu pay igualar no do-

te com a outra, como faz; porèm em alguma
 razão se fundaria. Aos outros filhos deixa menos,
 porque estavaõ já dotados. As suas mandas en-
 tendo serem muito mayores do que lhes affina a
 oitava parte da Monarquia Lusitana; porque
 em lugar de XX. que devia ter o original, e va-
 liaõ oitenta, conforme o uso antigo, trasladarse-
 hia XX. que valem só vinte. As libras, se eraõ
 das delRey D. Diniz, como parece, pois diza a
 Chronica, que não innovou na moeda, valiaõ
 160 reis de moeda d'agora; e se eraõ de outras
 novas, que aponta o Author da Historia Eccle-
 siastica de Lisboa, valiaõ 91 reis, e eraõ de ou-
 ro, que não importavaõ pouco para aquella ida-
 de.

LAUS DEO,
Virginique Mariæ, ac Beatæ Sanciæ, &
omnibus Sanctis Lusitanis.



PRO.

Cap. 27. Como se partio o Almirante de Portugal com as dez galés, e como ElRey D. Pedro desarmou a Frôta, e de outras cousas, pag. 126.

Cap. 28. Como o Cardeal de Bolonha quizera tratar paz entre os Reys, e não pôde, e como as gentes delRey D. Pedro peleijaraõ com o Conde, e o desbarataraõ, pag. 128.

Cap. 29. Como ElRey D. Pedro de Portugal disse, que Dona Ignez fora sua mulher recebida, e da maneira, que nisso teve, pag. 131.

Cap. 30. Do testemunho, que alguns deraõ no casamento de Dona Ignez, e das razões, que sobre isso propoz o Conde D. João Affonso, pag. 134.

Cap. 31. Razões contra isto de alguns, que ahi estavaõ, duvidando muito em este casamento, pag. 139.

Cap. 32. Como os Reys de Portugal, e de Castella fizeram entre si avença, que entregassẽ hum ao outro alguns, que andavaõ seguros em seus Reynos, pag. 144.

Cap. 33. Como Diogo Lopes Pacheco escapou de ser prezo, e outros foraõ entregues, e logo mortos cruelmente, pag. 148.

Cap. 34. De algũas cousas que ElRey D. Pedro de Castella mandou fazer, e como fez paz com ElRey de Aragão, entrando em seu Reyno, pag. 153.

Cap. 35. De algũas entradas, que ElRey de Castella este anno fez no Reyno de Granada, e como ElRey Vermelho se veyo pôr em seu poder, cuidando de ser seguro, e ElRey o mandou matar, pag. 156.

Cap. 36. Das avenças que ElRey de Castella fez com ElRey de Aragão, entrando em seu Reyno, e como depois as não quiz guardar, pag. 161.

Cap. 37. Como ElRey D. Pedro de Castella entrou outra vez em Aragão com sua Frôta de nãos, e galés, e das cousas, que là fez, pag. 165.

Cap. 38. Como o Conde D. Henrique entrou por Castella com muitas companhias, e foy alçado por Rey, e

- como ElRey D. Pedro mandou desemparrar os lugares todos, que em Aragão tinha ganhados, pag. 169.
- Cap. 39. Como ElRey de Castella enviava hũa sua filha a Portugal, e como elle partio de Sevilha com temor, que houve dos da Cidade, pag. 173.
- Cap. 40. Como ElRey de Castella fez saber a seu tio, q seachava no seu Reyno, e como ElRey se escusou de o ver; e lhe fazer ajuda, pag. 175.
- Cap. 41. Como ElRey de Castella partio de Coruche, e se foy de Portugal, e quaes enviãrão em sua companhia, pag. 179.
- Cap. 42. Como ElRey D. Pedro chegou a Galiza, e matou o Arcebispo de Santiago, e se foy para Inglaterra, pag. 182.
- Cap. 43. Como ElRey D. Henrique chegou a Sevilha, e da aliança, que fez com ElRey de Portugal, pag. 185.
- Cap. 44. Como ElRey de Portugal enviou seus Embaixadores a Caza do Principe de Gales por se desculpar do q ElRey D. Pedro de Castela dizia contra elle, p. 189.
- Cap. 45. Comõ D. João, filho delRey D. Pedro de Portugal foy feito Mestre de Aviz, pag. 192.
- Cap. 46. Com o foy trasladada D. Ignez para o Mosteiro de Alcobaça, e da morte delRey D. Pedro, pag. 196.

INDEX DO SUPPLEMENTO.

- C** Ap. 1. Do seu nascimento, criação, e desposorio, pag. 201.
- Cap. 2. Em que se prosegue a mesma materia do desposorio do Infante D. Pedro, pag. 206.
- Cap. 3. Dos seus amores com Dona Ignez de Castro, e dos filhos, que della teve, e successo delles, pag. 214.
- Cap. 4. Em que se prosegue a mesma materia, pag. 224.
- Cap. 5. Do cuidado, e desconfiança, que estes amores do Infante D. Pedro com Dona Ignez de Castro, causarão em ElRey D. Affonso, &c. pag. 228.

Cap.

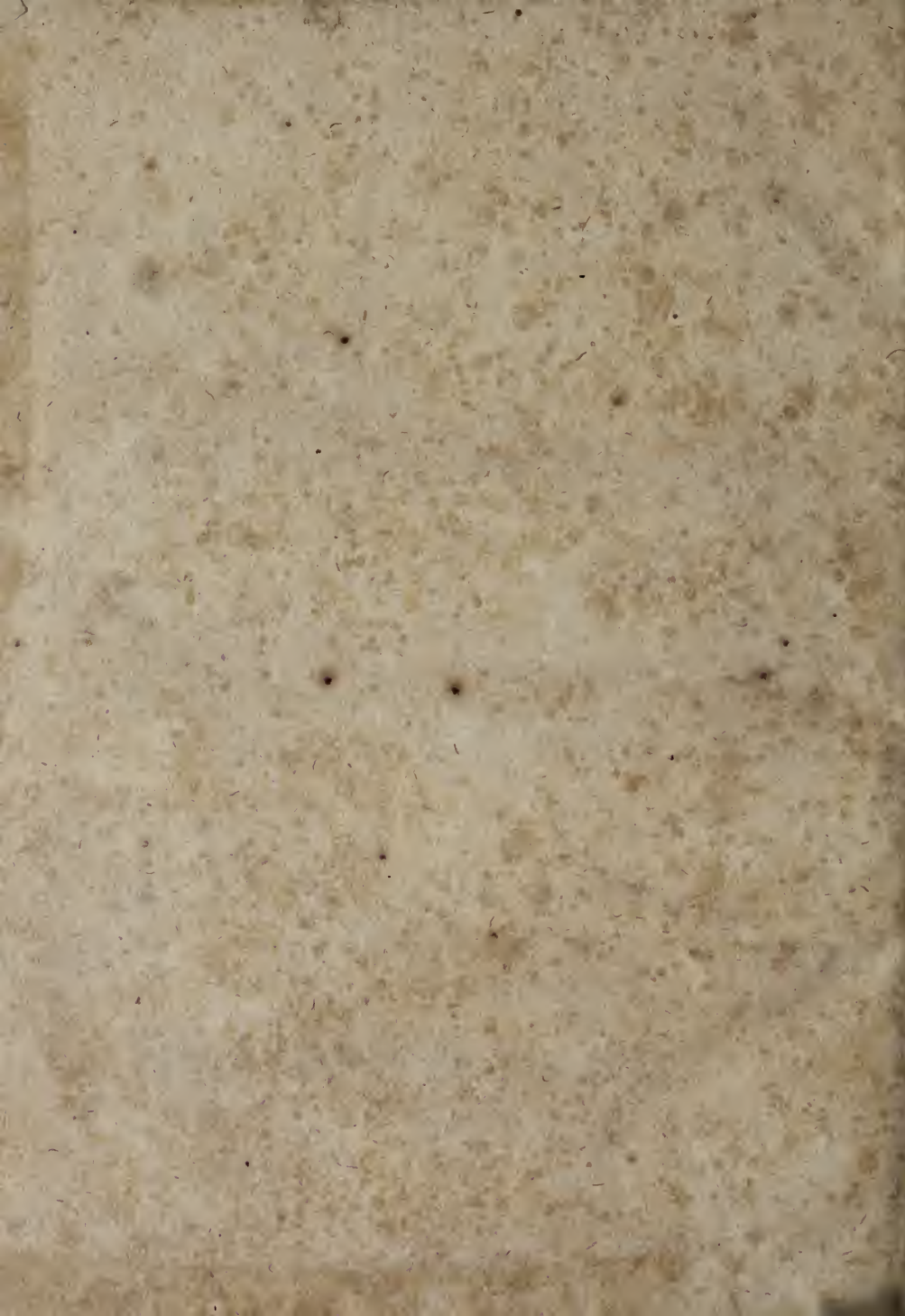
- Cap. 6. De como o Infante D. Pedro aggravado del Rey seu pay , pela morte de Dona Ignez de Castro , se levantou contra elle , e lhe fez guerra , &c. pag. 235.
- Cap. 7. De como o Infante D. Pedro ainda em vida del Rey seu pay, tratou de legitimar os filhos, que tinha de Dona Ignez de Castro , &c. pag. 242.
- Cap. 8. De como o mesmo Infante , sendo já Rey fez a mesma diligencia para legitimar os filhos, que tinha de Dona Ignez de Castro , e do que sobre isso passou com o Papa , pag. 245.
- Cap. 9. Da morte , e algumas acçoens virtuosas da Rainha Dona Brites , mãy del Rey D. Pedro , pag. 252.
- Cap. 10. Da Coroação , e Trasladação de Dona Ignez de Castro , pag. 258.
- Cap. 11. De algũas acçoẽs piedosas , e louvaveis del Rey D. Pedro. Defende-se da calunia de cruel , &c. pag. 262.
- Cap. 12. Em que se prosegue a mesma materia proposta , pag. 271.
- Testamento del Rey D. Pedro , pag. 282.
- Advertencia , pag. 288.

P R O T E S T A Ç A M.

Tudo quanto se relata nesta Chronica del-Rey Dom Pedro I. ou seja meu , ou do Chronista antigo , fugeito à correcção , e emenda da Santa Madre Igreja Catholica Romana , e dos Ministros do Santo Officio , como fiel Christão , e seu filho obedientissimo , e na fórma de seus decretos , e disposições quero que se entenda tudo , e em nenhuma cousa pertendo apartarme do que nelles se dispoem , especialmente pelo Papa Urbano VIII. e assim quando se falla em virtudes , ou successos sobrenaturaes , declaro que não tem approvação alguma canonica , senão só a fé , e credito que merece o seu Author ; e por verdade me affino. Lisboa Oriental 3. de Junho de 1734.

O Padre Jozè Pereyra Bayaõ.





Special 2-B

11870

THE GETTY CENTER
LIBRARY

